



Uma noite no Moulin Rouge

Barbara Cartland

Coleção Barbara Cartland - Vol. 17



Título original: “**ALONE IN PARIS**”
Copyright: © CARTLAND PROMOTIONS 1978
Tradução: T. MOREIRA
Copyright para a língua portuguesa: 1981
EDITORA EMBOLSO LTDA. — São Paulo
Uma empresa do GRUPO ABRIL
Composto na LINOART
e impresso nas oficinas da
ABRIL S.A. CULTURAL E INDUSTRIAL

Paris do século XIX! Capital dos prazeres proibidos, reino de belas e desinibidas cortesãs que se exibiam no cabaré Moulin Rouge, cobertas de sedas e jóias espetaculares, ao lado de seus ricos amantes! Foi nesse cenário deslumbrante de erotismo e boêmia, que Una Thoreau, recém-saída de um convento, foi procurar seu pai, pintor, no bairro de Montmârtre, refugio dos artistas. E foi lá, numa sombria e velha casa parisiense, que Una abriu a porta de um quarto, esperando ver seu pai e foi agarrada por um desconhecido! Não adiantava gritar... Una estava sozinha em Paris. Quem poderia salvá-la?

Barbara Cartland é a autora romântica mais conhecida e lida em todo o mundo. Seu jeito insuperável de juntar amor, colorido e suspense conquistou o entusiasmo de milhões de leitores. “Eu dou ao público romance, evasão, beleza, tudo o que ele secretamente procura”.

NOTA DA AUTORA

Durante muito tempo o nome Moulin Rouge tornou-se sinônimo e se relacionou diretamente com a palavra prazer em todas as suas possíveis conotações. O cabaré Moulin Rouge era o coração do grande mito erótico de Paris, na época cidade maliciosa, livre e desinibida, cheia de *frou-frou*, música, champanhe, amor, risos, escritores, poetas e pintores boêmios. A época dourada do Moulin Rouge durou cinco anos.

La Goulue, a rainha do *cancan*, dançarina sensual, com sua arte cheia de erotismo primitivo, assumiu rapidamente o lugar de *prima-dona* do cabaré e se tornou famosa em toda a cidade. Ela era tão irreverente que, em uma ocasião, dirigiu-se ao príncipe de Gales, um dos “adoradores” de Paris, gritando-lhe no meio do cabaré:

— Ei, Gales! É você que está pagando o champanhe?

No final do século, La Goulue passou a trabalhar em um circo, dentro de uma jaula de leões e, alguns anos mais tarde, gorda e prematuramente envelhecida, ficou completamente na miséria.

Sobre esse mundo dissoluto de Paris, o escritor Max Nordau publicou, em 1893, o livro *Degénération*, contando a degeneração dos costumes parisienses. Foi um sensacional *best-seller*!

Hollywood também retratou magnificamente este mundo no filme *Moulin Rouge* estrelado por Shirley MacLaine no papel da bailarina e José Ferrer no papel do grande pintor Toulouse-Lautrec.

CAPÍTULO I

1892

À medida que o trem diminuía sua velocidade para entrar na estação, a governanta encarregada de tomar conta de três garotas no vagão virou-se para Una:

— Alguém está esperando por você? — perguntou ela, preocupada.

— Sim, tenho certeza de que meu pai estará aí — replicou Una. — Escrevi-lhe há uma semana dizendo que viria neste trem.

— Então está bem! — disse a governanta, aliviada.

Ela tinha partido para a França apreensiva, tendo três jovens sob seus cuidados, mas Una estava sendo tão prestativa e polida, que *mademoiselle* se afeiçoara a ela. As outras duas garotas, filhas do conde de Beau-soir, eram muito irrequietas e, naturalmente, aborreciam-se com *mademoiselle*, que tomava conta delas nas férias. Estavam, nesse momento, chegando a Paris e Una, na verdade, sentia mais por ter de se despedir daquela mulher de rosto preocupado do que das duas garotas que tinham sido suas companheiras de estudo no convento, onde passara os últimos três anos.

Parecia estranho, pensava ela, que, depois de um silêncio tão prolongado, houvesse chegado aquele telegrama do pai, em resposta à sua última carta:

“Venha imediatamente! Rue de l’Abreuville, n.º 9, Montmartre, Paris.”

Levara o telegrama à madre superiora, que franziu a testa ao ver o endereço; naturalmente teve que se conter para não emitir maiores comentários...

— Seu pai mora em Montmartre? — perguntou ela.

— Sim, reverenda madre — respondeu Una. — Como a senhora sabe, ele é um artista. Escrevi-lhe dizendo que já havia completado dezoito anos e que o dinheiro que mamãe havia deixado para minha educação já se acabara. E perguntei-lhe o que gostaria que eu fizesse.

— E isto é a sua resposta! — disse a madre superiora, referindo-se ao telegrama que estava à sua frente.

— Vai ser bom estar com papai outra vez — disse Una. — E, além disso, já estou muito velha para continuar na escola.

— Não gosto nem de imaginar alguma de minhas alunas, principalmente na sua idade, vivendo em Montmartre — disse a madre superiora.

Era impossível imaginar uma pessoa tão bonita, tão atraente como aquela garota à sua frente, no meio de artistas, dançarinas e da escória de Paris, que, como todo mundo sabia, se concentrava naquele bairro parisiense. E era mais triste ainda imaginar que justamente ali havia sido construída a imponente igreja dedicada ao Sagrado Coração. Mas isso era algo que a madre superiora não poderia discutir com aquela garota à sua frente. Tudo o que sabia é que algo instintivo dentro dela queria impedir Una de viajar para Paris, a fim de ficar com seu pai.

Mas Una não somente já ultrapassara a idade para permanecer no convento, atualmente um seminário para educação de jovens, mas também, como ela mesma dissera, o dinheiro destinado à sua educação havia se acabado.

A madre superiora tinha por princípio nunca se imiscuir nos assuntos particulares de suas alunas, mas estava certa de que as circunstâncias referentes a Una eram excepcionais.

Aparentemente, sua mãe, em seu testamento, tinha estipulado que toda a sua pequena fortuna fosse destinada à educação da filha, e, um mês antes de sua morte, ela própria tinha escrito ao convento de Nôtre Dame, em Florença, solicitando informações.

Ela sabia que este não era apenas o lugar mais em moda para a educação das filhas de pessoas da alta sociedade, mas também que os ensinamentos que estas recebiam eram excepcionais, numa época em que as famílias mais ricas não davam tanta importância à educação de suas jovens.

As jovens francesas, nesse ponto, eram mais privilegiadas que as inglesas, e a maioria das alunas do convento de Nôtre Dame era formada por francesas e italianas.

Havia poucas garotas inglesas que, em razão de terem tido uma educação elementar muito inadequada antes de virem para o convento, acabavam indo parar em classes mais atrasadas com relação às suas idades, o que não acontecera com Una, que era, de fato, excepcionalmente inteligente.

A madre superiora imaginava agora como essa inteligência seria usada dali para frente.

Sempre achara que os artistas, desleixados com suas aparências, não tinham quaisquer outras qualificações, a não ser uma maior destreza para o tipo de arte a que se dedicaram.

No entanto, sabia que o pai de Una não se encaixava na categoria usual de pintores que freqüentavam Florença e outros lugares culturalmente desenvolvidos.

Julius Thoreau havia servido no Corpo de Granadeiros antes de se tornar pintor, e deixara a Inglaterra para viver na França.

A madre superiora nunca havia visto nenhuma de suas pinturas, mas lera uma menção ocasional a elas, não nas revistas de arte, que nunca lia, mas nos mais conservadores e respeitáveis jornais, os quais, de vez em quando, traziam notas de exposições e novidades sobre pintura.

No fundo de seu espírito, a madre imaginava que Julius Thoreau fosse simplesmente um cavalheiro que se divertia, desempenhando o papel de amador no mundo da arte. Apenas desejava agora que, ao tomar conta de sua filha, ele cumprisse com suas responsabilidades.

— Espero, Una — disse ela, em sua voz calma e bem modulada —, que seu pai a apresente à sociedade. E estou certa de que ele compreenderá que será inconveniente viver com você em Montmartre.

— Quando mamãe era viva — respondeu Una — nós éramos muito felizes em nossa pequena casa fora de Paris. Papai costumava pintar no jardim, e, quando ia a Paris, eu e mamãe permanecíamos lá.

— Isso, sim, é razoável — aprovou a superiora. — E tenho certeza de que, se pudesse, sua mãe iria convencer seu pai a retornar a essa vida. Além do mais, Una, sei que você gosta do campo e, depois de ter vivido aqui por tanto tempo, será difícil adaptar-se à vida de uma grande cidade.

Una não respondeu. Mas estava, na verdade, pensando que seria muito excitante ver Paris outra vez.

Estava certa de que seu pai preferia a alegria da cidade mais notável do mundo à vida calma e quase tediosa que tinham antes. E se sua mãe não ia mais freqüentemente a Paris, era porque isso significava um gasto muito grande.

Desde que Una era criança, aprendera que tinham que economizar cada centavo e, se havia qualquer dinheiro sobrando, seu pai acabava gastando-o.

Quando cresceu, percebeu que esse dinheiro, na verdade, pertencia à sua mãe.

— Ele foi deixado por meu avô — explicou-lhe a mãe, um dia. — E felizmente ele era muito bom comigo, caso contrário, não sei o que teria sido de nós.

Una tinha quinze anos, aproximadamente, quando soube que seu pai tivera que deixar a Inglaterra e o seu regimento, porque provocara um escândalo.

Nunca pudera entender direito o que acontecera, mas sabia que era algo bastante repreensível e que envolvia um oficial mais graduado. Por essa razão, para escapar da corte marcial, ele tivera que deixar seu país, trazendo consigo a jovem de quem estava noivo, secretamente.

A razão desse segredo, Una sabia, era o fato de o pai de sua mãe ter taxativamente proibido o casamento.

Quando sua filha o desafiou fugindo com aquele “vulgar”, ele a riscou de sua vida, cortando qualquer tipo de relação com ela.

Assim, Una nascera na França e, como sua mãe sempre se referia à Inglaterra com um misto de saudade e tristeza, ela cresceu com a idéia de que lá deveria ser um verdadeiro paraíso. E pensava que, se tivesse um pouco de sorte, poderia ir até lá, um dia, e, talvez, ser tão feliz quanto sua mãe, em sua juventude.

Era estranho pensar que, enquanto outras garotas tinham tantos outros parentes, entre tias, tios, primos e avós, ela só possuísse o pai. À medida que crescia, sentia mais e mais falta de sua mãe. Mas a sra. Thoreau havia morrido subitamente e, antes que Una pudesse entender o que acontecera, já estava no convento, em Florença, em meio a muito mais pessoas do que havia conhecido em todos os seus quinze anos.

Durante o tempo em que lá permanecera, exatamente pelo interesse que tinha em tudo que se referia à mãe, estudara inglês, história e literatura mais profundamente que as outras matérias.

Também fizera amizade com outras garotas inglesas e, como estas provinham de famílias aristocráticas, acabara por conhecer bem o modo de vida inglês, comparando-o ao dos franceses e italianos.

Una era muito perceptiva em seus contatos com as pessoas e, ao olhar para ela, a madre superiora percebia que havia algo de muito sensível nela e uma profundidade nessa sensibilidade, que não era comum em uma garota

tão jovem.

Gostaria de saber o que acontecerá com ela, perguntou-se a madre superiora, dizendo, depois, em voz alta:

— Espero que me escreva, Una, dizendo-me exatamente o que está fazendo. Lembre-se de que serei sempre sua amiga, e que estarei pronta a ajudá-la, no que for possível.

— A senhora é muito gentil, reverenda madre — respondeu Una — e gostaria de agradecer-lhe por tudo o que me ensinou, e por toda a ajuda que me deu, desde que vim para cá.

— Ajuda? — perguntou a madre.

— Ao vir para cá, percebi o quão ignorante eu era a respeito de muitas coisas — disse Una, com simplicidade. — Sempre achei que foi uma sorte mamãe ter escolhido este lugar para que eu me educasse, e tivesse deixado o dinheiro para essas despesas.

Deu um pequeno suspiro e continuou:

— Penso que aproveitei muito todo este tempo, mas percebo o quanto mais há para se aprender e, algumas vezes, sinto-me muito ignorante.

A madre superiora sorriu.

— Posso assegurar-lhe, querida criança, que você aprendeu muito mais do que a maioria das garotas que passaram por minhas mãos, mas fico feliz por ter percebido que há muito mais para se aprender. Muitas das garotas de sua idade pensam somente em casamento.

— Quero me casar um dia — disse Una. — Mas, nesse meio tempo, espero ser capaz de ajudar papai.

— Eu também espero — disse a madre, vivamente.

Quando Una a deixou, com renovadas expressões de agradecimento e uma verdadeira nota de tristeza em suas despedidas, a madre superiora permaneceu sentada por algum tempo, sem se mexer.

Estava imaginando o que poderia ter feito a mais por essa estranha e incomum criança.

Somente ela, com sua vasta experiência com alunas, sabia que Una havia adquirido uma vasta quantidade de conhecimentos acadêmicos, embora ainda fosse completamente ignorante a respeito do mundo exterior e, principalmente, a respeito dos homens.

Tinham sido, pensava a madre, três anos vitais, nos quais uma garota deixava de ser uma criança para se tornar uma mulher.

— O que acontecerá com essa menina? — perguntou-se a si mesma, e orou para que Una pudesse achar um homem que se casasse com ela e, ao menos, a tirasse de Montmartre.

Mal o trem parou na plataforma e os carregadores se aproximaram dos vagões, gritando:

— *Porteur! Porteur!*

Olhando através da janela, Una viu uma verdadeira multidão na plataforma, e imaginou se seria possível encontrar seu pai no meio de tanta gente.

Então, enquanto *mademoiselle* agitadamente reunia suas garotas, Una beijou suas companheiras de viagem com a promessa de que não as esqueceria. Ficando a sós, Una recolheu sua maleta e seu casaco, olhando todo o tempo à sua volta, à procura do pai.

Ele era alto e distinto, e parecia bem inglês, apesar de, às vezes, usar roupas estranhas e anticonvencionais, que o caracterizavam como um artista.

Tinha já quase que alcançado o fim da plataforma, quando viu sua mala recoberta de couro ser puxada do vagão de bagagens.

— É melhor recolhê-la — pensou ela consigo, enquanto procurava um carregador que estivesse disposto a transportá-la para ela.

— Há alguém esperando pela senhorita?

— Acho que meu pai está lá na barreira — respondeu ela. O carregador balançou a cabeça e seguiu à sua frente.

Na barreira, no entanto, não havia sinal de seu pai. Depois de ter esperado alguns minutos, Una pensou que talvez ele tivesse se esquecido do dia de sua chegada, o que, aliás, não era de se estranhar muito...

— Às vezes, acho que seu pai tem a cabeça oca — dizia freqüentemente sua mãe, com um misto de desespero e de divertimento.

Era verdade. Marcava compromissos em dias errados, esquecia-se de coisas que deveria apanhar ou comprar para eles em Paris, ou trazia algo totalmente trocado para casa, pois se esquecia do que fora pedido.

— Tenho medo de que meu pai tenha se esquecido de mim — disse ela ao carregador.

— Não se preocupe, senhorita — respondeu ele. — Eu lhe chamarei uma *voiture*, com um cocheiro gentil, que a levará até onde deseja.

Falava de uma maneira tão paternal e protetora, que Una sorriu para ele, agradecidamente.

— Será muita gentileza de sua parte — disse ela, vendo que ele escolhia o motorista com cuidado.

Deu-lhe o que acreditava ser uma gorjeta correta. Ele a agradeceu efusivamente e Una achou que ele ficou surpreso ao verificar qual o endereço que ela lhe dera, o do *studio* de seu pai em Montmartre.

Mal a carruagem havia saído da estação, Una já se sentia deliciada por estar em Paris.

Parecia-lhe que havia se passado apenas um pequeno intervalo de tempo, desde que estivera na cidade, e tudo lhe era tão familiar como se estivesse realmente voltando para casa.

As casas altas e cinzas de ambos os lados das ruas, as venezianas de madeira, os bulevares lotados, as pessoas sentadas para fora dos cafés, em pequenas mesas com tampos de mármore, as *pâtisseries*, lojas e barracas atulhadas de frutas coloridas, tudo continuava igual.

Agora, o cavalo subia lentamente a montanha e lá em cima, como que a abençoando do céu, estava a grande abóboda branca do *Sacré Coeur*.

Nesse momento, a igreja parecia tão bonita, com o sol brilhando em suas pedras brancas, que Una pensou ser impossível Montmartre ser tão depravado quanto as garotas da escola diziam.

Ela não era católica, pois seus pais, sendo ingleses, eram de formação protestante.

Mas, vivendo no convento, onde quase todas as outras garotas eram católicas, aprendera o quão importante era para elas a sua religião, e o quão intensamente ela preenchia suas vidas.

Tinha a certeza de que, embora Montmartre tivesse sido um antro pecaminoso no passado, a igreja, agora quase que completa, se sobreporia a tudo o que fosse errado, e difundiria um ar de santidade sobre todo o lugar.

O cavalo seguia cada vez mais lentamente e, assim, Una podia ver como as pessoas eram diferentes daquelas que ela encontrara nos bulevares e nas ruas anteriores.

Homens com jaquetas de veludo e grandes gravatas flutuantes competiam com mulheres que pareciam fantasiadas.

Essas pessoas eram, ao mesmo tempo, estranhas e fascinantes, e Una imaginou serem garotas ou rapazes de recados, lavadeiras, empregados do comércio ou pobres artesãos.

Havia alguns homens que eram, obviamente, segundo Una, apaches, e

ela ficou imaginando se as histórias que ouvira a respeito de suas lutas com facas e pistolas, em becos escuros, eram realmente verdadeiras.

Havia artistas fazendo esboços nas calçadas, ou reunidos em uma praça, onde floriam castanheiras.

A vista era tão bonita e todo o lugar tinha um aspecto de tanta alegria, que Una respirou com excitação. Tudo era muito mais emocionante do que imaginara.

Estava tão ocupada olhando à sua volta que se surpreendeu quando a carruagem parou em frente a uma casa alta, que necessitava urgentemente de uma nova pintura.

Era tudo meio pardacento, com um ar de desolação, o que fez com que Una se sentisse um pouco apreensiva.

— Aqui está, senhorita! — anunciou o cocheiro.

— Obrigada — respondeu Una.

O homem desceu lentamente, porque já era idoso e um pouco gordo, e abriu a porta da carruagem para ela. Então, depositou a bagagem sobre a calçada.

Ela pagou, e o cocheiro perguntou-lhe:

— Deseja que eu carregue a bagagem, senhorita?

— Seria muita gentileza de sua parte — respondeu ela.

Seguiu à frente e abriu a porta da casa, vendo uma escada situada em um pequeno vestíbulo sem mobília, parecendo ambos sujos e empoeirados.

— A que número está indo, senhorita? — perguntou o cocheiro. Pela primeira vez, Una percebeu que seu pai não possuía toda a casa, como ela imaginava, onde existiam, provavelmente, vários apartamentos.

La responder que não tinha a mínima idéia, quando viu que havia três nomes fixados em cartões. E um deles, para seu alívio, era o do seu pai.

— Meu pai mora no número três — respondeu Una.

— É lá em cima — disse o cocheiro, com um ar de resignação. Colocando a bagagem sobre os ombros, subiu as escadas à frente dela.

Elas não tinham tapete, e rangiam muito ao peso deles.

No primeiro andar havia uma porta, na qual estava escrito em tinta preta: "*Julius Thoreau*".

Ansiosamente, Una adiantou-se ao cocheiro e bateu. Como não houvesse resposta, ela abriu a porta e entrou.

Esperava que o apartamento fosse estranho, mas não esperava, de

maneira alguma, o que acabava de ver!

Havia um sofá, cadeiras e uma mesa, tudo misturado com cavaletes, um praticável para modelo, uma escada de mão e, por todo lado, um número incalculável de telas.

Nas paredes, pinturas sem molduras, e pelo chão, livros, sapatos, halteres, um incrível número de garrafas vazias e algumas roupas de mulher: meias, estolas, um xale chinês bordado e uma sombrinha aberta.

Una olhou para tudo, espantada, enquanto o cocheiro tentava encontrar um lugar para colocar a bagagem.

— Olhe que um pouco de limpeza não ia fazer nenhum mal... — disse ele, jovialmente, antes de se retirar.

Una ficou olhando e pensando como alguém poderia viver em meio a tamanha desordem. Então, viu, ao fundo do cômodo, uma estreita escada, e imaginou que ela poderia levar a um quarto.

Veio-lhe o pensamento de que talvez seu pai estivesse doente, e por isso não tivesse ido ao seu encontro.

Cautelosamente atravessou o quarto, tirando do lugar um pacote e vendo uma bonita peça de porcelana quebrada em dois, que jazia ao lado de um sapato velho com laços.

Subiu as escadas e achou, como esperava, um pequeno quarto de dormir, que continha um divã largo, que fazia as vezes de cama, e uma mesa de desenhos, sem uma perna, escorada por livros.

Havia várias cadeiras quebradas e as paredes estavam decoradas com murais estranhos e fortemente coloridos, que representavam mulheres seminuas.

Una olhou para elas e sentiu-se embaraçada.

Como não havia mais ninguém no quarto, pareceu-lhe que estava espionando algo muito secreto; então, desceu novamente as escadas, em direção ao outro cômodo.

Havia uma larga janela voltada para o norte e, em frente dela, um cavalete, onde podia ver uma pintura inacabada.

Outra vez percorreu todo o quarto com os olhos.

Reconhecia o trabalho de seu pai, mas ele certamente tinha mudado muito de estilo desde que vira, pela última vez, suas pinturas.

Ele sempre usara cores de uma maneira diferente dos outros artistas. Sempre houvera uma beleza diferente no modo como usava a luz em suas

pinturas, dando a elas um brilho que chamava a atenção, enquanto tudo o mais permanecia insignificante.

Una tentava entender o que ele desejava transmitir, pois ele uma vez lhe dissera que um verdadeiro artista pinta mais o que sente do que o que vê.

Mas achava a pintura no cavalete inteiramente incompreensível, já que era somente uma massa de cores, que se mesclavam umas às outras, sem qualquer forma reconhecível.

— Papai terá que me explicar tudo isso — pensou ela.

De repente ouviu passos subindo as escadas e esperou, com o coração sobressaltado.

Agora, veria novamente seu pai. Agora, tudo o que por um momento a assustara, estaria bem!

Seus lábios iam se abrir para dizer: “Papai!”, quando viu um homem de meia-idade, elegantemente vestido. Trazia uma cartola, colocada de lado em sua cabeça, uma pérola na gravata, e suas roupas eram cortadas ao estilo da moda, assim como sua bengala de málaca e ouro. Parecia estranhamente fora de lugar naquela suja confusão do apartamento.

Caminhou pelo quarto com um ar de autoridade e, por um momento, não viu Una parada perto do cavalete.

Na verdade, ele caminhou em outra direção, para uma pintura fixada na parede, próxima à escada que levava ao outro quarto.

Somente quando estava no meio do caminho é que tomou consciência de que alguém mais estava no quarto, e virou-se para Una.

Ela recebia o sol que entrava pela janela, que aureolava o chapeuzinho escolar que usava caído e cintilava em seus cabelos dourados, contornando sua fronte oval e os lados de suas faces.

— Quem é você?

A voz do recém-chegado era áspera, e Una respondeu um pouco nervosa:

— Eu... eu... estou esperando... por meu pai!

— Seu pai?!

— Sim. Ele me disse para vir encontrá-lo em Paris e pensei que fosse me esperar na estação. Mas... talvez... eu o tenha perdido!

— Seu pai é Julius Thoreau?

O cavalheiro falava lentamente, como se escolhesse suas palavras e pensando enquanto fazia isso.

— Sim. Sou sua filha, Una.

— E ele lhe disse para vir a Paris? Quando?

— Oito... não, nove dias atrás. Mandou-me um telegrama para o convento, em Florença.

— Nove dias? Sim, é possível!

E falou isso de um modo tão significativo que Una imediatamente pressentiu:

— Há algo errado? Papai está doente?

O cavalheiro caminhou em sua direção. Para isso teve que circundar uma cadeira cheia de louça de barro quebrada e uma caixa de papelão contendo várias penas de avestruz brancas e pretas.

Una não se moveu, mas seus olhos saltavam, extremamente abertos, no rosto pequenino.

— O que há? O que há de errado? — perguntou ela, quando o cavalheiro a alcançou.

— Sinto muito ter que lhe dizer — disse ele gentilmente —, mas seu pai morreu.

— Morreu?!

Era difícil pronunciar essa palavra, mas ela continuou:

— O que aconteceu? Como foi?

Os olhos do cavalheiro mudaram de direção, e ela teve a impressão de que ele não iria lhe contar toda a verdade.

— Seu pai sofreu uma queda — disse ele. — Provavelmente, isso afetou seu coração, pois, quando o socorreram, já estava morto.

Não havia como dizer àquela criança, pensou consigo, que seu pai estivera brigando, bêbado, e que havia caído de uma escada, tendo, em consequência, quebrado o pescoço.

Una apertou suas mãos.

— Como uma coisa tão terrível pôde acontecer? — perguntou, como se falasse para si mesma.

— Talvez, de certa forma, tenha sido uma morte misericordiosa — disse o cavalheiro, tentando consolá-la. — Seu pai não sofreu.

— Fico feliz com isso!

Houve uma pequena pausa, antes que ela perguntasse:

— O senhor é amigo de papai?

— Conheci seu pai há muitos anos — respondeu o cavalheiro — e penso

poder dizer que era seu amigo. Na verdade, quando vendia uma pintura, o que não era freqüente, era eu quem arrumava o negócio.

Una soltou uma pequena exclamação.

— Ah, agora sei quem é o senhor! — disse ela. — O senhor é o *monsieur* Philippe Dubucheron!

— Exatamente. Seu pai falou-lhe de mim?

— Mamãe é quem costumava fazê-lo — respondeu Una. — “Você disse a *monsieur* Dubucheron, Julius, que tem uma pintura pronta?” — Várias vezes ouvi essa pergunta.

Mas não disse que, ao fim da frase, havia sempre a expressão: “Nós precisamos de dinheiro!”

— Devo admitir — disse o sr. Dubucheron — que não tinha idéia de que seu pai tivesse uma filha, ainda mais, assim, tão bonita!

Una intimidou-se um pouco com o cumprimento e ele admitiu que nunca tinha visto alguém tão atraente, com aquele colorido brilhante nas faces e com aqueles olhos, de cílios tão longos. Eram olhos verdes, com toques de dourado, olhos verdadeiramente incomuns.

Havia algo muito claro e transparente naquela garota, que ele não se lembrava de jamais haver visto em qualquer outra mulher, desde há muito, ou nunca.

Subitamente, recordou-se de algo.

Há dez dias, talvez nove, viera ao apartamento, e, quando alcançou o topo das escadas, uma mulher saía, gritando todas aquelas obscenidades que eram características a todas as damas que freqüentavam Montmartre.

Entrou e encontrou Julius Thoreau ao cavalete, com um pincel na mão. Ao mesmo tempo, verificou que ele não se encontrava em condições de pintar o que quer que fosse. Estava bêbado, como de costume. O sr. Dubucheron tinha já vendido uma pintura, como sempre, com a qual Thoreau já estava comprometido. Aborreceu-se por não encontrar a pintura pronta e sabia que a mulher que saía era a sua modelo.

— O que pensa estar fazendo, Thoreau? — perguntou irritado. — Você me disse que a pintura estaria pronta hoje. Tenho um cliente esperando por ela, que vai deixar Paris hoje à noite.

— Então, ele que vá embora sem ela! — respondeu Julius Thoreau, enrolando as palavras.

— Nada me aborrece mais do que não cumprir meus compromissos —

respondeu Philippe Dubucheron. — E além do mais, você precisa do dinheiro!

É... isso era algo irrefutável. Julius Thoreau vestia uma camisa rota e sem lavar, e suas calças estavam manchadas de tinta.

Nos pés, um par de chinelos lamentáveis e, era óbvio, não tomara banho nas últimas vinte e quatro horas.

Ele tinha sido um homem de ótima aparência e bonito, mas a bebida tinha acabado com tudo isso.

— Muito bem — disse ele —, como você não terminou a pintura em tempo, não posso vendê-la. Diga-me quando pretende me ver de novo, porque, Thoreau, nunca mais, e isso é uma promessa, venderei uma pintura sua, antes de tê-la em minhas mãos.

— Eu a terminarei! Eu a terminarei! — gemeu Thoreau. — E levarei apenas algumas horas, você vai ver!

— Sem um modelo? — perguntou Dubucheron.

— Dane-se o modelo! Danem-se todas essas vigaristas! Todas elas querem é dinheiro, francos e mais francos! Ninguém quer posar antes de ser pago!

— Elas têm que ganhar a vida, também! — disse rudemente Philippe Dubucheron. — Pare de ser tolo, Thoreau, você não conseguirá terminar a pintura sem um modelo. Chame-a de volta!

— Não a quero de volta, nem que viesse me pedir de joelhos! — gritou Thoreau. — Quero um modelo que entenda o que estou tentando fazer, e não um pedaço de pau, sem outro pensamento na cabeça que não seja dinheiro!

— Você não encontrará ninguém em Montmartre que trabalhe de graça! — disse cinicamente Dubucheron.

Houve silêncio por um momento. Então, subitamente, Julius Thoreau soltou um grito que imobilizou o negociante.

— Eu tenho! — exclamou ele. — Eu tenho o modelo que quero! E ela não vai me pedir dinheiro! Ela posará para mim porque me ama, ouviu? Porque ela me ama!

— Ouvi — disse Dubucheron —, embora só Deus saiba por que nenhuma mulher queira amá-lo!

Com a expressão contrariada, caminhou em direção à porta. Ao alcançá-la, virou-se para dizer:

— Quando tiver uma pintura pronta para ser vendida, procure-me.

Senão, adeus!

Desceu as escadas mal-humorado, furioso, mesmo porque reconhecia haver sido muito ingênuo em acreditar que Thoreau pudesse terminar a pintura. E desgostoso, acima de tudo, com o fato de decepcionar um cliente.

Não estava fácil vender pintura, naquele momento, e, se não fosse por outros empreendimentos mais lucrativos, Philippe Dubucheron teria, na verdade, ficado na miséria.

Mas era astuto o suficiente para vender o que as pessoas queriam, e assim ficava cada vez mais rico.

Seu silêncio fez com que Una se sentisse apreensiva.

Como achasse que havia algo por trás de tudo aquilo que ainda não sabia, ela perguntou com uma voz muito baixa:

— Pode me dizer onde papai foi sepultado?

— Sim, naturalmente! — respondeu Philippe Dubucheron.

Una virou-se de costas para ele, e Dubucheron percebeu que ela escondia as lágrimas.

— Papai raramente escrevia para mim... Mas quando o fazia, dava a entender que tudo ia bem com ele... Não tinha idéia de que vivesse dessa maneira!

— Acho que a mulher que fazia a faxina não veio mais depois que ele morreu.

Houve silêncio. Então, após um momento, Una virou-se. Havia lágrimas em seus olhos, mas ele via que ela fazia um esforço heróico para se controlar.

— Parece errado perguntar-lhe isso neste momento... — disse ela — mas... há algo aqui... que me pertença?

— Pelo que vale... — respondeu ele, desdenhosamente. Então um súbito pensamento lhe ocorreu. — Suponho que você tenha algum dinheiro!

Una balançou a cabeça.

— Não!

— O que quer dizer? Não? — perguntou ele. — Nesses anos todos que ficou longe de seu pai, você deve ter feito alguma coisa para viver, ou ter alguns parentes.

— Estava... na escola.

— E quem pagava as despesas?

— Mamãe... quando morreu deixou tudo o que possuía para ser gasto com minha educação.

Foi uma medida inteligente, pensou Dubucheron, pois, senão, Thoreau teria gasto tudo bebendo.

— O que a fez vir agora, para ficar com seu pai?

— Escrevi a papai para lhe dizer que já estava com dezoito anos, que o dinheiro havia acabado e que era hora de deixar a escola. Muitas garotas saem de lá aos dezessete anos.

— Bem, nós podemos arranjar isso — disse. — Agora que seu pai está morto, você deverá ir ter com seus parentes na Inglaterra.

— Não posso fazer isso! — disse rapidamente Una.

— Por que não?

— Não tenho idéia de quem sejam eles! Aliás, nem sei mesmo se tenho parentes vivos. Depois que mamãe partiu com papai, nunca mais tivemos notícias deles.

Philippe Dubucheron olhou para ela, surpreso e preocupado.

— É verdade? Você está me dizendo que é completamente sozinha no mundo?

— Estou com medo... e... não sei o que fazer! — foi a única coisa que conseguiu balbuciar, olhando para o sujo e desarrumado apartamento — Se vivesse aqui, o senhor acha que eu poderia conseguir algum trabalho?

— Viver sozinha aqui?

— Não tenho mais para onde ir! — respondeu Una.

Pensou nas garotas que conhecera na escola. Todas tinham ido para suas casas, para suas ricas famílias. Durante esses três anos que permaneceu em Florença, embora suas amigas, ao receberem a visita de seus pais, a levassem para almoçar, nunca a haviam convidado para se hospedar em suas casas.

Ela parecia tão desamparada, tão sozinha, que Philippe Dubucheron surpreendeu-se dizendo:

— Não se preocupe, por enquanto. Vou pensar em alguma solução.

Mas... o que poderia ele fazer com uma garota que acabava de sair de um convento? Uma garota simples e inocente como aquela? De repente, uma idéia lhe veio à cabeça...

— Direi o que deve fazer — disse lentamente. — Só que, antes disso, devo atender a um compromisso.

Sorriu para ela, tranquilizadamente.

— Eu voltarei e, então, pensaremos juntos em uma solução para seus problemas.

Una respondeu:

— É muita gentileza sua... Tem certeza de que não se incomodará?

— De jeito nenhum — respondeu ele. — Mas tenho que deixá-la agora para mostrar um quadro de seu pai a alguém que já comprou outro, um ano atrás.

Percebeu a pergunta que Una queria fazer, sem, no entanto, ter coragem de formulá-la...

— É claro que o dinheiro será seu, se o negócio se concretizar. Logicamente tenho direito a uma comissão, mas...

— Oh, espero que consiga vendê-lo! — disse Una. — Não quero preocupá-lo com meus problemas, mas tudo o que tenho em minha bolsa são vinte e cinco francos! O dia aqui foi caro!

— Tenho certeza disso — respondeu Philippe Dubucheron. — Agora, preciso deixá-la.

Caminhou até a pintura pendurada na parede e retirou-a de onde estava. Era uma obra que representava um dos caminhos de Montmartre, à luz do luar. Manchas de luz, o que era característico do estilo de seu pai, pareciam fazer com que a pintura se projetasse, de uma maneira quase que sinistra, e por meio de uma técnica totalmente diferente de qualquer outro artista.

À medida que Philippe Dubucheron ia se dirigindo à porta, Una começou a sentir-se perdida e abandonada, parada ali, em meio ao terrível amontoado de trastes que Thoreau havia colecionado à sua volta.

— Ela é como um pingo de neve em uma montanha de estrume — disse Dubucheron para si mesmo, e ficou surpreso ao se notar tão sentimental.

— Quando eu sair — disse ele firmemente — bata a porta e a tranque. Não deixe ninguém entrar até que eu volte. Entendeu?

Viu que havia surpresa no rosto de Una.

— O senhor acha... que... alguém pode vir aqui?

Na realidade, ele achava que se alguém viesse e a visse ali, dificilmente iria embora. Mas, em voz alta, disse:

— Agora que seu pai está morto, há sempre pessoas que virão procurar por espólios, ainda que não tenham direito a isso.

— Eu... entendo — disse Una.

— Então, faça como eu disse. Fique e espere por minha volta.

— O senhor... voltará?

Era como se uma criança indefesa e inocente estivesse à sua frente

pedindo proteção e apoio.

Isso fez com que aquele inteligente e astuto procurador, tanto de seres humanos como de qualquer outra coisa que resultasse em dinheiro, se sentisse, subitamente, na obrigação de fazer alguma coisa por ela.

— Eu voltarei — disse ele, com um sorriso — e lhe prometo. Olhe que nunca quebro uma promessa, hein? Seja uma boa menina e faça o que disse, e tudo irá correr bem!

Sorriu para ela, confidencialmente, e, ao descer as escadas, ouviu o som da chave sendo girada na fechadura.

O duque de Wolstanton chegou à sua casa, em Paris, em um péssimo humor.

Seu contador telegrafara no dia anterior, para dizer que ele estava a caminho, mas, mesmo sem esse cuidado, tudo já estava pronto para recebê-lo.

Haveria dificuldades em se apontar qualquer erro na disposição dos criados de libré nas cavalariaças, nas flores que decoravam o salão, e na precisa arrumação que fazia com que a casa toda parecesse polida como a prata que enfeitava a mesa de jantar.

O duque, no entanto, carrancudo ao ser recebido pelo mordomo e dando apenas uma resposta monossilábica, caminhou pelo salão e sentou-se em uma cadeira confortável.

Dois criados postaram-se ao seu lado, com uma garrafa de champanha, resfriada na temperatura exata, e o duque, tomando uma taça da bandeja de prata, bebeu com satisfação.

Ele havia deixado Londres impulsivamente, em consequência de uma daquelas decisões momentâneas que só ele podia tomar, com uma rudeza e uma falta de consideração para com os sentimentos alheios, atitude verdadeiramente indesculpável. Só que o duque de Wolstanton era tão importante, tão rico e tão atraente que ninguém se sentia em condições de ficar ressentido com algo que fizesse.

No entanto, ele estava quase certo de que, nesse momento, Rose Caversham estava roendo suas unhas furiosamente e não tinha dúvidas de que receberia, pelo correio do dia seguinte, inúmeras páginas de protesto, escritas quando a raiva ainda estava inflamada.

Lady Rose Caversham era conhecida por seu temperamento explosivo,

que a levava da calma à fúria total de um minuto para outro.

Ele não podia se lembrar agora de como começara a briga. Mas se lembrava de que terminara, como era inevitável, com Rose declarando que ele era o homem mais egoísta da terra, que arruinara sua reputação, e que a única maneira pela qual poderia reparar tudo seria se casando com ela imediatamente.

Esse era um velho argumento com o qual o duque sempre soubera lidar, desviando-se habilmente, em muitas outras ocasiões.

Achara, durante um tempo, que, cedo ou tarde, acabaria se casando com Rose.

Além de tudo, ele teria que se casar com alguém e ter um herdeiro para as propriedades dos Wolstanton, que eram as maiores das ilhas britânicas, mas gostaria de poder escolher a hora em que se sentisse preparado para isso, sem se precipitar.

Acontece que ele estava sempre sofrendo o assédio dos repórteres, que viviam fazendo especulações sobre as suas conquistas e sobre a mulher que, em meio a tantas, poderia ser a escolhida.

A briga entre ele e Rose poderia, muito bem, terminar com beijos, como sempre costumava acontecer, se ela não tivesse, completamente descontrolada, não só reprovado o duque, como também o ameaçado.

Isso era algo que ele não tolerava em ninguém. Desta vez, realmente, Rose fora longe demais.

Saíra do quarto dela batendo a porta atrás de si, e, ao voltar para casa em sua carruagem, decidira deixar Londres.

O duque possuía uma grande *villa* no sul da França, outra em Tangier, um castelo na Escócia, um pavilhão de caça em Leicestershire e uma mansão na Irlanda, onde não ia há pelo menos cinco anos.

Escolhera Paris simplesmente por imaginar que essa seria a atitude com que Rose mais se aborreceria, já que se sentiria enciumada com as horas agradáveis que ele passaria com as mulheres alegres daquela cidade deliciosa.

O Príncipe de Gales recentemente provocara Rose, quando lhe dissera:

— Estou pensando em levar Blaze comigo, na próxima vez que visitar Paris. Ele me disse que não estou aproveitando certos “pontos” sedutores, nos quais não seria conveniente que me vissem.

— Se Blaze for a Paris, *sir*, então precisarei ir com ele! — dissera Rose,

com um olhar significativo dirigido ao duque.

O duque nunca tivera intenção de levar Rose para Paris, e sabia que ela entenderia perfeitamente por que razão escolhera aquela cidade, quando deixara a Inglaterra, após a briga.

O duque de Wolstanton era, de fato, um homem muito inteligente, mas como sentia o tempo escorrer por entre seus dedos, acabava gastando uma boa parte dele, como a maioria de seus contemporâneos, fazendo galanteios para mulheres atraentes, sem realmente considerar se havia uma outra alternativa de vida.

A vida sempre fora muito fácil para o duque: além do fato de ser tão rico, era também muito bonito, todas as mulheres suspiravam por ele!

No entanto, tudo o que é demais enjoa... E tudo aquilo que se consegue com muita facilidade acaba não recebendo o seu devido valor. Assim, já com quase trinta e cinco anos, o duque continuava solteiro, ainda que muitos dos seus amigos já tivessem sucumbido, há um bom tempo, à pressão de seus pais e das mulheres que tinham se determinado a capturá-los.

Mas isso não os impedia de seguir, como o Príncipe de Gales, em um contínuo fluxo de amores, enquanto suas esposas fingiam ignorância ou se tornavam imunes a isso.

Algumas vezes, quando o duque se encontrava a sós, o que não era freqüente, ficava se perguntando se sua vida futura não seria somente um desfilar monótono de mulheres, todas amáveis, atraentes, sedutoras, fascinantes, passando através de seus braços e de sua cama e daí para o esquecimento.

Era um pensamento depressivo, que o fazia mudar-se de uma de suas casas para outra. Mas seus seguidores apareciam logo, impedindo que ele curtisse um pouco a própria solidão, tão necessária em determinados momentos.

— Algumas vezes sinto-me como um pavão acossado! — dissera uma vez a um de seus amigos.

— Talvez um pavão, mas real ou imperial — respondera o amigo e o duque tivera que rir.

Agora, dizia a si mesmo, gostaria de divertir-se em Paris, sem a usual multidão de parasitas que comiam da sua comida e bebiam do seu vinho e esperavam que ele os hospedasse em alto estilo.

Quando seu contador entrou no salão, ele depositou sua taça de

champanha e disse:

— Você certamente entendeu, Beaumont, que não quero ninguém aqui, e nem compromissos.

— Naturalmente, Sua Graça! — respondeu o sr. Beaumont.

Ele não só controlava as propriedades do duque, como também era seu amigo pessoal, de há muito tempo. O duque disse, então, meio zangado:

— Diabos, Beaumont, sei que você está pensando que essa minha disposição não durará mais que vinte e quatro horas, mas está muito enganado, ouviu?

— Espero que esteja! — respondeu Beaumont.

— Por que diz isso? — perguntou o duque, curiosamente.

— Porque penso que uma mudança de ambiente é tudo o que o senhor precisa neste momento!

— E acha que Paris poderá suprir isso?

— Se não estiver acompanhado pelo usual coro que repete tudo o que o senhor diz, e o que eles pensam que o senhor pensa...

O duque sorriu.

Pela primeira vez, desde que deixara Londres, era essa uma genuína manifestação de divertimento.

— Eu o emprego como contador, e não como médico — disse ele. — Qual é a sua prescrição?

— Posso sugerir um pouco de Moulin Rouge, uma porção de *Théâtre des Variétés* e, naturalmente, alguma voz nova e extasiante, de preferência com sotaque francês, para lhe dizer o quão maravilhoso o senhor é!

O duque riu outra vez, e disse:

— Está despedido! Não posso empregar alguém que me trate com tão pouco respeito!

— Eu o respeito o bastante para querer que seja feliz! — disse o sr. Beaumont.

— E o que é a felicidade? — perguntou o duque.

— Uma coisa posso lhe dizer: não é ser cínico!

— Está insinuando que eu sou cínico?

— Tenho observado que se torna cada vez mais cínico, nesses últimos cinco anos. E tenho observado também que encontra cada vez menos prazer nas coisas, exceto, talvez, em seus cavalos, e acho isso uma pena!

— Isso é que é realmente falar direto! — disse o duque, pesarosamente.

— É algo que há muito tempo quero lhe falar — respondeu o sr. Beaumont — e, francamente, ainda que me odeie por dizer isto, acho que está jogando fora a sua vida!

O duque pareceu surpreso.

— Você acha isso, realmente?

— Dificilmente poderia dizê-lo de outra maneira!

— Não, acho que não! — respondeu o duque. Esperou um momento e, então, disse:

— Acho que, de certa forma, tenho estado mais próximo a você, Beaumont, do que a qualquer outra pessoa em toda a minha vida. Odiava meu pai. Tenho um grande número de amigos, mas nunca desejei ter muita intimidade com eles. Acho que você é o único homem a quem falo a verdade, e de quem espero ouvi-la, também.

— Obrigado — disse o sr. Beaumont. — Sou cinco anos mais velho que o senhor, mas penso que me divirto muito mais que o senhor, a despeito de todas as suas posses e dos valores que, raramente, considera.

— E quais são eles? — perguntou, curiosamente, o duque.

— Seu cérebro — respondeu o sr. Beaumont.

O duque levantou-se de sua cadeira e caminhou através da sala. Permaneceu olhando para fora, para o bonito e formal jardim atrás de sua casa, na Rue du Faubourg St. Honoré.

— Este cérebro de negócios — disse o duque, depois de um momento. — Você realmente usa um cérebro ou somente necessita dele para ganhar dinheiro? Tenho todo o dinheiro que pude ter, não só para toda a minha vida, mas pelo menos para mais uma dúzia delas. E de que me serve isso, se me sinto uma pessoa infeliz?

— Esta é a coisa mais corajosa que eu já o ouvi dizer — remarcou o sr. Beaumont.

— Bom Deus! — exclamou o duque. — Não tinha idéia de que você pensasse tudo isso a meu respeito! Porque nunca me disse nada antes?

O sr. Beaumont sorriu.

— Pensei nisso, mas como não aparecia uma oportunidade para dizê-lo, e como o senhor não me perguntava nada...

Olhou para o duque e seus olhos pareciam compreender tudo.

— Tenho a sensação, embora possa estar errado, de que o senhor encontrou uma encruzilhada em sua vida. Cabe-lhe decidir que caminho

tomar.

— Isso soa quase que dramático — disse o duque. — A única coisa é que não tenho a mínima idéia de onde ir, embora seja igual virar à direita ou à esquerda.

— Duvido — respondeu o sr. Beaumont. — Nos anos que virão, o senhor olhará para trás, para este momento, e se lembrará de que eu lhe disse que se achava em uma encruzilhada.

— Bem, achei que estava fazendo algo incomum vindo para Paris nessa correria — disse o duque —, mas não tinha idéia de que iria ouvir tanto sermão!

— O senhor pode ignorar tudo o que ouviu — disse o sr. Beaumont — e acho que é exatamente isso o que fará!

— Saia! — gritou o duque. — Saia e deixe-me com meu mau humor e minha depressão. Você torna as coisas piores, muito piores do que imaginei que fossem.

— Como o senhor quiser... — disse o sr. Beaumont. — E agora, pode me dizer que lugares no teatro devo reservar e onde deseja jantar esta noite?

Quando terminava de falar, a porta se abriu e um criado anunciou:

— *Monsieur Philippe Dubucheron, Sua Graça!*

CAPÍTULO II

Tão logo Philippe Dubucheron entrou na sala, o sr. Beaumont se retirou.

Percebera que não tivera tempo de participar aos criados que o duque não queria receber ninguém, e que, por esse motivo, a solidão de Sua Graça tinha sido interrompida.

Dubucheron era o tipo de parasita que o sr. Beaumont menos gostava, embora dissesse a si mesmo que havia alguma desculpa para o negociante francês, pois, afinal, tinha algo para vender.

Ao mesmo tempo, considerava que a maneira pela qual procurava mulheres para seus patrões, introduzindo-os nos piores cabarés e em outros tipos de baixo divertimento de Paris, era extremamente indesejável. Mas, afinal, o duque era adulto o suficiente para cuidar de si mesmo.

O sr. Beaumont admirava o homem a quem servia por muitas qualidades e, ao contrário de todas as outras pessoas que circundavam o duque, não se sentia impressionado por seu físico ou por suas posses.

Tinham lhe oferecido, embora seu patrão não soubesse disso, vários postos interessantes na cidade, desde que ele se tornara o contador do duque.

Isso lhe teria dado a oportunidade de ganhar muito mais dinheiro do que o salário que recebia do duque e de ser indicado, mais tarde, para um lugar no Parlamento, onde estava, atualmente, muito bem cotado.

Mas permanecera com o duque, porque sabia que se não estivesse ali, os parasitas que lhe eram repugnantes, e que faziam o mais que podiam para espoliá-lo como indivíduo, teriam, então, dias de verdadeira festa. O sr. Beaumont era um homem de altos princípios e nascera em uma família onde o dever vinha em primeiro lugar.

Chegara à conclusão, há muito tempo, de que era seu dever cuidar do duque de Wolstanton e, se possível, salvá-lo de si mesmo.

Não tinha o mínimo sentimento puritano em relação ao modo de vida do duque. Aliás, achava muito natural que um jovem, especialmente com os atributos do duque, gozasse a vida e tirasse vantagem de tudo o que o sexo fraco pudesse lhe oferecer.

Mas o duque não era mais tão jovem como quando pela primeira vez o sr. Beaumont entrou em sua propriedade, em Park Lane. Estava próximo dos

trinta e cinco anos e se aproximando da plenitude de sua vida.

O sr. Beaumont sabia, melhor que ninguém, que era essencial que o duque se casasse, e se casasse com o tipo certo de mulher.

No entanto, ficara secretamente contente quando o temperamento indomável de lady Rose trouxera o duque para Paris, e conseqüentemente, para longe dela.

O sr. Beaumont não gostava de lady Rose, assim como não gostava da maioria das mulheres que tentaram desesperadamente, e por todos os meios, casar-se com o duque, nesses últimos anos.

As mulheres que o duque encontrava no *Marlborough House Set* hospedadas pelo príncipe de Gales, ou aquelas que ele mesmo convidava a *Wolstanton House* eram todas sofisticadas, brilhantes, verdadeiras rainhas da sociedade.

Tentavam capturar o homem a quem desejavam com toda a habilidade e esperteza de um perfeito ladrão de caça.

Toda vez que uma nova mulher aparecia no horizonte do duque, o sr. Beaumont se surpreendia sofrendo e, quando a conhecia, o mesmo pensamento sempre lhe vinha à cabeça:

Não, essa não, meu Deus, não essa!

Ele se dirigiu ao seu escritório, uma sala extremamente confortável, situada no andar térreo.

Dali, como uma aranha que tecesse sua teia, fazia com que as engrenagens da casa funcionassem perfeitamente. O duque nunca precisara se preocupar com nada.

O sr. Beaumont sentou-se em sua escrivaninha e, ao fazer isso, imaginou quanto tempo demoraria para que o duque o mandasse preencher um cheque para pagar a pintura que Dubucheron trazia nas mãos.

Nesse momento, o duque inspecionava a tela.

— Como soube que eu estava aqui? — foi a primeira pergunta que ele fez a Dubucheron.

— Foi pela edição do meio-dia do *Le Jour* — respondeu ele.

— É, sempre desconfiei que um dos criados daqui passava as informações a meu respeito para os jornais. Agora estou certo disso! Ninguém sabia da minha vinda a Paris!

— É um prazer ver Sua Graça — disse Philippe Dubucheron, apressadamente —, e tenho algo que, penso, interessará a Sua Senhoria.

— Deveria ter adivinhado! — exclamou o duque. — De que se trata?

— Da última pintura de Julius Thoreau.

Isso era mentira, já que a tela fora pintada há dois anos, antes que Julius Thoreau começasse a beber tanto, mas Dubucheron alcançou o efeito que desejava...

— Última? Você quer dizer que ele morreu? — exclamou o duque.

— Morreu há uma semana, da doença mais comum que vitima os nossos melhores artistas!

— Álcool? — perguntou o duque.

— Exatamente!

Enquanto falava, Dubucheron retirou o invólucro que protegia a pintura trazida do apartamento de Julius Thoreau.

Levantou-a e, ao fazer isso, notou que era uma das mais belas pinturas que já havia visto.

Muito estranhamente, não conseguira nunca encontrar um comprador para ela, embora tivesse tentado vários americanos e um italiano.

Colocou-a sobre um sofá que recebia luz e o duque abaixou-se para examiná-la, notando o estranho efeito da luz em uma rua quase sórdida.

— Não sei o que é isso — disse, quase que para si mesmo —, mas as pinturas de Thoreau têm um efeito estranho sobre mim. Parece que me dizem alguma coisa, alguma coisa que só eu posso entender!

Dubucheron não respondeu. Era um homem de negócios suficientemente inteligente para não impor suas próprias idéias aos clientes, a menos, naturalmente, que se referissem ao preço.

— Quanto está pedindo por ela?

Era a pergunta convencional e o duque falava quase que absortamente, como se pensasse em outra coisa.

Dubucheron arriscou uma quantia, mesmo duvidando que ela fosse aceita, mas o duque não se manifestou. Simplesmente continuava a olhar para a pintura. Só depois de algum tempo conseguiu dizer:

— Quais são os divertimentos da moda em Paris? Há alguma estrela nova no firmamento teatral?

— Tenho alguém que, penso, gostará de conhecer — respondeu Dubucheron. — Apenas como experiência, é lógico!

— O que quer dizer?

— Estou falando de Yvette Joyant. É uma dançarina de algum mérito,

mas sua personalidade é mais excepcional que seu talento.

— Penso não conhecer esse nome.

— Ela apareceu recentemente. Foi amante do duque de Almare, mas ele a deixou. Dizem que agora está descansando um pouco...

O duque sorriu.

— Você está sugerindo que eu deva fazer uma oferta irrecusável?

— Ela, certamente, poderá diverti-lo enquanto estiver aqui — respondeu Dubucheron — embora, talvez, deva preveni-lo de que ela tem fama de ser sedutoramente diabólica!...

— O que está me oferecendo é, realmente, um desafio — disse o duque.

— Se eu a achar tão encantadora quanto você me diz, terei que admitir que sou um cão velho, ainda que preparado para aprender novos truques. Se, no entanto, me aborrecer, então me assegurarei de que você terá a certeza de não perder nada.

— Bem, se não gostou dessa sugestão posso lhe fazer outra...

— Qual?

— O senhor não gostaria de conhecer a filha de Thoreau?

— Sua filha? — exclamou o duque. — Ela é uma artista como seu pai?

— Não — respondeu Philippe Dubucheron —, ela é muito jovem, muito inocente, e acabou de chegar a Paris, quando se deu conta de que estava órfã e sem dinheiro.

— Está querendo que eu seja um filantropo? — perguntou o duque. — Imagino que, com o que pagar por esta pintura, poderá lhe dar conforto por uma semana ou mais.

— Naturalmente — replicou Dubucheron. — Aliás, estava pensando comigo mesmo que essas duas mulheres contrastam entre si tão violentamente que, na verdade, estou lhe oferecendo escolher entre descer aos infernos ou subir aos céus.

Achou, para si mesmo, que apresentara a situação muito inteligentemente...

Não podia imaginar, no entanto, que o duque se lembrava de que, há poucos minutos, o sr. Beaumont lhe falara que estava em uma encruzilhada.

— Achei que tivesse me oferecido um desafio, Dubucheron, mas vejo que, na verdade, isso é um enigma.

— A escolha é sua — disse rapidamente Dubucheron. — Como diz Sua Graça, a venda da tela de seu pai obviamente ajudará a situação da srta.

Thoreau, mas ela é muito inocente e sem experiência para ser deixada sozinha em Paris.

— Entendo que está querendo me intrigar — disse o duque —, mas se esquece de que tenho uma experiência anterior, de sua idéia de inocência. Não se lembra de Mimi Fénon?

Philippe Dubucheron riu.

— Naturalmente, Sua Graça. Confesso que, na época, fui iludido por uma jovem atriz muito experiente e astuta, mas deve admitir que tenho alguma justificativa. Ela, certamente, parecia tão inocente quanto pretendia ser.

— Custou-me uma soma em dinheiro que fez com que Beaumont gritasse! — disse o duque. — Mas, relembrando, acho que valeu a lição que aprendi!

— E qual foi ela? — perguntou Dubucheron, como que já esperando a resposta.

— Nunca confiar em uma mulher que lhe diz não ter um tostão na bolsa nem um lugar para passar a noite.

Philippe Dubucheron balançou seus ombros, em um gesto expressivo.

— Muito bem, Sua Graça, ganhou! — disse ele. — Posso dizer a Yvette Joyant que a apanhará para jantar? Sua Graça bem poderia passar o resto da noite com ela.

— Suponho que posso confiar em seu julgamento — disse o duque. — Você me falou apenas uma vez, Dubucheron, e acho que posso afirmar que Mimi Fénon não foi propriamente um erro. Aconteceu apenas que, quando desembulhei o pacote, vi que não era bem o que esperava.

— Bem dito, Sua Graça! — exclamou ele. — Não é à toa que Sua Graça é descrita como a pessoa mais espirituosa da Inglaterra, que passeia por Paris.

Era uma galanteria espalhafatosa, mas o duque a aceitou. Philippe Dubucheron deu uma longa olhada para a pintura que jazia sobre o sofá, o que retomou a atenção do duque para o assunto.

— Passe no escritório do sr. Beaumont quando sair — disse ele — e peça-lhe um cheque.

— Obrigado, Sua Graça, e estava justamente pensando — disse Dubucheron — se Thoreau não teria deixado outras pinturas em seu *studio*, que Sua Graça gostasse de ver.

— Por que não? — perguntou o duque. — Gosto do trabalho de Thoreau

e acho uma pena que ele tenha morrido. Não devia ser muito velho.

— Cerca de quarenta e cinco anos, Sua Graça.

— Haveria ainda muito trabalho dentro dele, se não tivesse sucumbido à maldita bebida.

— É, sua morte é realmente lamentável! — completou Dubucheron. Ao falar, pensava que, se Thoreau estivesse vivo, as pinturas que produzira recentemente não seriam sequer consideradas.

Ao mesmo tempo, revirava sua memória para ver se não se esquecera de nenhuma das obras mais antigas de Thoreau.

Decidiu voltar rapidamente ao apartamento e olhar as telas que estavam pelo chão. Talvez houvesse alguma no quarto de dormir ou então escondida naquele sujo buraco que Thoreau chamava de cozinha.

— Eu o procurarei amanhã, Sua Graça — disse ele. — Nesse meio tempo, posso desejar-lhe uma noite muito agradável com a deleitável Yvette? Deixarei seu endereço com o sr. Beaumont.

Philippe Dubucheron já estava com a mão na maçaneta da porta quando o duque, que ainda olhava para a pintura no sofá, disse:

— Espere!

O francês se voltou, surpreso.

— Tive uma idéia! — disse o duque. — Por que devo conhecer *mademoiselle* Yvette dessa maneira informal, sem uma apresentação?

— Apresentação, Sua Graça? — perguntou Dubucheron, com uma voz confusa.

— É somente uma sugestão — disse o duque. — Mas por que não janta comigo, Dubucheron, e traz a filha de Thoreau como a quarta pessoa?

Os lábios do duque armaram-se em um sorriso, quando completou:

— Poderei então, ao estar com as duas mulheres, fazer a minha escolha, como tão concisamente você a resumiu: ou descer aos infernos ou subir aos céus!

Por um momento, Philippe Dubucheron, de tão atônito, não conseguiu responder.

Em todos esses anos que conhecia o duque, nunca ele o convidara para jantar! Na verdade, suas relações haviam sido sempre estritamente comerciais.

Agora achava que não tinha entendido bem o que o duque dissera, mas, antes que pudesse falar, o duque continuou:

— Jantaremos aqui. Isso me dará a oportunidade de ver as damas em circunstâncias mais confortáveis; assim, sugiro que traga ambas para me encontrarem às oito horas.

— Será uma honra e um privilégio, Sua Graça — disse Philippe Dubucheron — e prometo-lhe que esta sua noite em Paris será inesquecível, com um sabor completamente diferente das outras tantas que por aqui já tenha passado.

Não esperou pela resposta do duque, seguindo pela sala com um sorriso no rosto, o que enfureceu o sr. Beaumont, quando o viu.

O sol começara a baixar e as sombras, no apartamento desleixado, começavam a aumentar, enquanto Una esperava o retorno de *monsieur* Dubucheron.

A princípio, após a saída dele, Una tentara dar uma arrumação àquela desordem que tornava quase impossível locomover-se pelo quarto, mas logo desistiu.

Tudo estava tão empoeirado e sujo e, embora se sentisse quase exausta após os esforços, não via nenhuma diferença naquela confusão geral.

Fora em seguida lavar as mãos naquilo que supunha ser a cozinha e ficara horrorizada com o seu estado lastimavelmente sujo.

A janela estava imunda e deixava passar tão pouca luz, que era quase impossível enxergar o que fazia.

Ao voltar para a sala do apartamento, olhou novamente para a pintura que seu pai estava fazendo antes de morrer e tentou compreendê-la.

Embora tivesse amado, anteriormente, as suas pinturas, esta era tão incompreensível, que ela tinha a desconfortável sensação de que a mente dele se desarranjara enquanto pintava.

Achava que deveria se sentir pesarosa por ter perdido seu pai, no entanto, algo a fazia sentir que perdera alguém que não conhecia; alguém que não era, certamente, aquele pai bonito e vistoso que ela amara, no tempo em que sua mãe também era viva.

Havia um número imenso de garrafas de vinho vazias pelo chão, pela mesa, e no parapeito da janela, o que lhe causou uma sensação extremamente deprimente.

Lembrou-se do passado, quando sua mãe dizia com um suspiro:

— Tomara que seu pai não exagere na bebida. Sempre que volta de Paris parece doente. Beber nunca fez bem a ele.

— Em casa ele não bebe, mamãe — dizia ela.

— Pela simples razão de que não podemos sustentar isso, querida — respondeu sua mãe. — Mas quando seu pai está com os amigos, gosta de fazer como eles.

Somente agora, Una podia imaginar que espécie de amigos seu pai arranjava desde que viera morar em Montmartre; amigos que o haviam encorajado a beber, mesmo que isso lhe fizesse mal. Amigos que eram, talvez, os responsáveis pelas cores turbulentas e inexplicáveis que se contorciam nas telas, sem ritmo ou razão de ser.

Era impossível não pensar em sua própria situação nesse momento. O que faria ela?

Se *monsieur* Dubucheron vendesse a pintura, ela ao menos teria algum dinheiro e algum tempo para procurar e achar um lugar para viver, e conseguir qualquer tipo de emprego.

— Posso tocar um pouco de piano — disse a si mesma. — Posso pintar, mas amadoristicamente. Posso costurar, e é tudo! Preciso pensar em algo... tenho que pensar!

Falava alto, quase que desesperadamente, e achou que sua voz parecia a de um fantasma, ecoando pelo apartamento.

Finalmente, imaginou que, se se apresentasse a algumas escolas, talvez estivessem precisando de professoras para lecionar inglês ou, ao menos, tomar conta de crianças pequenas.

Ao pensar nisso, achou que era uma idéia razoável, mas lembrou-se de como parecia jovem demais e de como, na verdade, possuía pouca experiência da vida. Isso dificultaria muito as coisas, tinha certeza.

Levantou-se da cadeira onde estivera sentada, a fim de procurar um espelho onde pudesse se ver. O único que achou ficava em cima, no quarto de seu pai. Estava no baú e quebrado no centro.

Olhou para si mesma por um longo tempo; então, tirou seu chapéu, imaginando se não seria ele que a deixava com um aspecto tão jovem e, ao mesmo tempo, tão amedrontado.

As mulheres seminuas da parede pareciam fixá-la e Una desceu correndo as escadas, de volta à sala. Começava a ficar apavorada com as perspectivas que se lhe apresentavam.

E se *monsieur* Dubucheron se esquecesse dela? E se ele nunca mais voltasse? Quanto tempo ela ficaria aqui, esperando por ele, e, se decidisse sair, para onde iria?

Começou a sentir fome, mas ele dissera que ela não deveria sair de lá nem deixar ninguém entrar.

— O que fazer, meu Deus? O quê?

De repente a lembrança da mãe lhe trouxe lágrimas aos olhos.

— Oh, mamãe! — disse ela. — Ajude-me! O que farei? Para onde irei? Estou tão sozinha!

Ao dizer essas últimas palavras ouviu passos subindo as escadas, e secou rapidamente suas lágrimas.

Logo depois, ouviu uma batida e uma voz dizendo:

— Está aí, *mademoiselle*? Sou eu, Philippe Dubucheron!

Com um pequeno grito de gratidão, pois sentia-se feliz por ele ter voltado, Una correu e destrancou a porta.

— *Monsieur* voltou! — gritou ela.

Dissera o óbvio, pois estava muito feliz em vê-lo. *Monsieur* Dubucheron parecia-lhe maior, mais elegante e mais onipresente do que antes.

— Sim, voltei, *mademoiselle* — disse ele —, e tenho boas novas para você.

— Boas novas?

— Sim. Vendi a pintura de seu pai e tenho quase que uma considerável soma em francos para lhe dar amanhã, quando sacar o cheque de meu cliente.

Una apertou suas mãos.

— Oh, muito obrigado, *monsieur* Dubucheron! Estou muito agradecida!

— Tenho algo mais a lhe dizer — disse ele. — Meu cliente, que é um admirador da obra de seu pai, convidou-a para jantar com ele hoje à noite!

— Ele era amigo de papai? — perguntou Una. Philippe Dubucheron balançou a cabeça.

— Não um amigo — replicou ele. — Ele comprou uma pintura de seu pai há um ano, e agora deliciou-se com a que levei para ele.

— Fico feliz, muito feliz! — disse Una. — Foi gentil da parte dele convidar-me para jantar... mas tenho certeza de que foi o senhor quem sugeriu isso, *monsieur*!

— Percebeu muito bem, minha querida! Na verdade fui eu! — respondeu Dubucheron. — Jantaremos em casa de Sua Graça, à Rue du Faubourg St. Honoré, às oito horas.

Olhou para ela, e perguntou:

— Você tem algum vestido de noite?

— Sim — respondeu Una. — Está em minha bagagem. Apontou, enquanto falava, para a mala recoberta de couro, que ficara ao lado da porta, exatamente onde o cocheiro a depositara. Dubucheron olhou à sua volta.

— Será difícil arrumar-se aqui — disse ele. — E duvido que haja alguma água para se lavar.

— Há somente uma torneira na cozinha suja.

— Eu a levarei para algum lugar — disse ele. — Venha comigo agora; e mandarei meu chofer apanhar sua bagagem.

Apressadamente, Una recolheu seu chapéu, seu casaco, suas luvas e a pequena maleta de mão que continha todo o dinheiro que possuía.

Apanhou tudo isso e virou-se para Philippe Dubucheron, com uma expressão ansiosa em seus grandes olhos.

— Preciso achar onde dormir, *monsieur*.

— Sim, eu sei — replicou Dubucheron —, mas acho que, neste momento, devemos deixar esse assunto nas mãos de Deus.

Viu que Una parecia confusa. Então, sem dar maiores explicações, adiantou-se a ela, descendo as escadas.

Como não desejasse fazer qualquer coisa que parecesse estranho ou repreensível, ao menos até que o duque a tivesse visto, Dubucheron resolveu não levá-la ao seu próprio apartamento.

Na verdade, essa teria sido a solução mais fácil. Ele vivia com certo luxo, em uma rua quieta, perto da Ópera, e tinha como empregados um casal que cozinava e cuidava dele, de uma maneira que provocava inveja em seus amigos.

Mas para que Una não dissesse, ainda que inocentemente, que tinha se arrumado para o jantar no apartamento de um homem, achou melhor tomar outra atitude.

Assim, conduziu Una, em sua carruagem, para uma pequena, mas sofisticada galeria de arte, da qual tinha cinquenta por cento da propriedade, e que ficava logo ao lado da Rue de la Paix.

Para lá conduzia somente seus clientes mais distintos e ricos, pois achava que era uma maneira de impressioná-los melhor e convencê-los com mais facilidade.

Aliás, nessa arte de convencer as pessoas Dubucheron se lembrava

sempre das palavras de seu astuto pai:

— Nunca confunda um cliente, meu querido Philippe. Decida o que deseja que ele faça e deixe-o acreditar que ele decidiu por si mesmo!

Esse foi o princípio que fez com que Philippe Dubucheron se tornasse o mais importante e, certamente, o mais bem sucedido negociante de arte de Paris.

Seus clientes estavam entre reis e governantes, potentados egípcios, príncipes germânicos, e ingleses que vinham a Paris somente para se divertir.

Assim, Philippe Dubucheron se tornara respeitado e conhecido no mundo das artes.

A galeria de arte estava, àquela hora, naturalmente fechada, mas ele a abriu e, acendendo as luzes, convidou Una a segui-lo.

— Tenho um escritório no fim da galeria — disse ele — e há um pequeno lavabo anexo a ele. Creio que lá você poderá se arrumar sem grandes dificuldades.

Una queria parar e admirar as pinturas da galeria, mas Dubucheron apressou-a, levando-a para o escritório.

Este estava luxuosamente mobiliado, com um grosso tapete no chão e uma escrivaninha algo pretensiosa, em estilo Luís XIV.

Seu cocheiro carregou as bagagens e, sob as ordens de *monsieur*, desafivelou as correias.

— É muita gentileza de sua parte deixar-me ficar aqui — disse Una. Philippe Dubucheron retirou um caro relógio de ouro de um dos bolsos de seu colete.

— Agora são pouco mais de sete horas — disse ele. — Eu a apanharei exatamente às dez para as oito. Por favor, esteja pronta e apronte sua bagagem, que deve vir com você.

— Terei bastante tempo — respondeu ela, com um sorriso.

— Quero que esteja o melhor possível esta noite — disse Philippe Dubucheron. — Não preciso lhe dizer que é uma honra o fato de o duque tê-la convidado para jantar com ele, e espero que esteja tão charmosa quanto possível. Não gostaria de desapontá-lo.

— Não, naturalmente que não — respondeu ela.

Olhando novamente para seu relógio, ele saiu do escritório, fechando a porta atrás de si.

Foi aí que Una se deu conta de como tudo o que estava acontecendo à

sua volta era estranho e inesperado.

Nunca imaginara que, ao deixar Florença, ao invés de estar com seu pai, fosse jantar com um duque inglês e trocar suas roupas em uma galeria de arte.

— Se ao menos mamãe pudesse saber — pensou, ao começar a tirar o vestido com que viajara —, acho que ficaria contente sabendo que é um inglês.

Una lembrava-se de todas as vezes que sua mãe lhe falara, não sobre a Inglaterra em si, mas sobre o povo inglês.

A mãe de Una gostava de falar das caçadas nos campos ingleses durante o inverno, dos passeios de barco ou partidas de tênis no verão, dos bailes onde as mulheres brilhavam com suas jóias e os homens usavam suas condecorações porque a Realeza estava presente.

Tinha descrito para Una o salão do Palácio de Buckingham, onde ela tinha feito sua reverência à rainha Vitória, e como o príncipe de Gales tinha sido charmoso quando dançara com ela, no Baile da Caça.

Isso tudo parecia tão encantador, que Una freqüentemente se surpreendia sonhando com a Inglaterra.

Esquecia-se de que, do lado de fora das janelas do convento, os altos ciprestes projetavam-se contra o céu, formando aquela paisagem florentina convencional, reproduzida centenas de vezes nas pinturas da galeria Uffizi.

Se me vestir rapidamente — pensou — poderei olhar as pinturas, antes de sair.

Mas, atualmente, o ato de vestir-se ocupava mais tempo do que se poderia supor.

Primeiramente, deveria tirar os vincos do seu vestido de noite, que ao retirar da mala, percebera não ser exatamente o vestido mais adequado para se jantar com um duque.

Era um vestido branco, com um babado de renda à volta do pescoço e em volta das mangas três-quartos.

Isso acentuava sua cintura fina e as macias curvas imaturas de seus seios, mas sentia-se um pouco apreensiva pensando que *monsieur* Dubucheron poderia achar esse traje pouco elegante e se sentir envergonhado de apresentá-la ao duque.

Como estava preocupada, esmerou-se ainda mais na arrumação de seus cabelos.

Eles eram muito macios e loiros e ela não tinha idéia de como eram os penteados da moda em Paris.

Finalmente, arranjou-os como se acostumara no convento, caídos, parecendo emoldurar sua pequena face, e reunidos em um coque, na nuca.

Esse era, embora não soubesse disso, o estilo que tinha se tornado a última moda no outro lado do Atlântico, em razão dos brilhantes desenhos de Dana Charles Gibson das mulheres americanas.

Para Una, esse era apenas o estilo em que seus cabelos pareciam cair naturalmente e, mais uma vez, desejou que *monsieur* Dubucheron não o achasse muito simples.

Preocupada consigo e tendo despendido muito tempo lavando-se em uma bacia, apenas teve tempo de colocar as roupas que usava em sua bagagem, antes que a porta do escritório se abrisse e aparecesse *monsieur* Dubucheron.

— Você está pronta?

Percebeu que os olhos dele a examinavam dos pés à cabeça, e sentiu-se ansiosa e embaraçada por esse exame.

— Você está maravilhosa! — sorriu ele. — E agora, vamos. Não devemos nos atrasar!

O cocheiro apareceu e apanhou a bagagem.

Então, quando Una, com um xale de lã sobre os ombros, alcançou a carruagem de *monsieur* Dubucheron, percebeu que havia mais alguém dentro dela.

— Yvette, deixe-me apresentar-lhe a srta. Una Thoreau. *Mademoiselle* Yvette Joyant.

— O que significa isso, Philippe? — perguntou uma voz profunda saída de um canto da carruagem.

— Eu lhe disse que a srta. Thoreau completaria nosso jantar. Penso que, mais tarde, seguiremos caminhos separados, mas não tenho certeza.

— Eu tenho certeza! — respondeu a voz profunda e aveludada. Quando foi apresentada, Una ofereceu sua mão, mas percebeu que tinha cometido um erro e corrigiu-se rapidamente.

A carruagem partiu e agora, à luz dos lampiões de gás que brilhavam através das janelas, podia ter uma visão da mulher sentada próxima a ela.

Estava envolta em penas de avestruz escarlates, tinha a face muito delgada e o nariz fino e reto.

Mas seus olhos, negros e amendoados, com cílios fortemente maquilados, fizeram Una achá-la diferente de todas as outras mulheres que já havia visto em toda a sua vida.

Em seus cabelos escuros, usava um chapéu com mais plumas carmesim caindo em cascata, colocado de maneira ousada e provocante.

À luz de cada lâmpada que passava, Una podia ver um pouco mais e, agora, sentia um perfume forte e exótico que parecia invadir toda a carruagem.

Philippe Dubucheron olhava para as mulheres com um sorriso nas faces; seguiram em silêncio e, após curta distância, atravessaram um portão.

Havia um pátio e a entrada da casa, iluminada, com um tapete vermelho, ao lado do qual os criados, com suas cabeleiras empoadas e culotes de cetim branco, esperavam para ajudá-los a descer.

— Ao menos o seu duque tem estilo — observou a mulher de penas de avestruz, enquanto descia, flutuante.

Era óbvio, pensava Una, que ela achava que não valia a pena dirigir-lhe a palavra.

Como estivesse nervosa, não só por causa da mulher estranha, mas também pela grandeza da casa, moveu-se lentamente para descer da carruagem.

Philippe Dubucheron percebeu o que Una sentia e disse:

— Está tudo bem! Não fique nervosa! Eu deveria tê-la prevenido que Yvette Joyant não gosta de outras mulheres.

— Talvez tivesse sido melhor... eu não ter vindo — disse Una, em um sussurro.

— O duque é seu anfitrião — replicou *monsieur* Dubucheron — e ela é apenas uma convidada, como você.

Enquanto falavam, caminhavam por um corredor decorado com maravilhosos móveis e grandes vasos de flores, cuja fragrância, pensou Una, era muito melhor que o perfume usado por Yvette Joyant.

Era uma situação nova e totalmente excitante para ela. E foi com esse estado de espírito que ouviu o mordomo anunciá-los ao duque:

— *Mademoiselle* Yvette Joyant, Sua Graça. *Mademoiselle* Una Thoreau, *monsieur* Philippe Dubucheron.

Por um momento, havia muito o que olhar, o que fazia com que fosse difícil para Una fixar seus olhos em algo determinado. Então, em um

caleidoscópio de móveis elegantes, flores, pinturas, porcelanas e espelhos, ela viu um homem.

Ele era, pensou Una com um salto no coração, exatamente como um duque e um inglês deveriam ser.

Era alto, bonito, magnífico em suas roupas de noite e, de algum modo, tinha alguma coisa de todo-poderoso, o que a tornou extremamente inibida.

Em geral, isso não acontecia com Una. Achava todas as pessoas que conhecia interessantes; mesmo as longas histórias de infância contadas pelas freiras conseguiam prender sua atenção e imaginação.

Agora, ao encontrar o duque e tendo este desviado seu olhar de Yvette Joyant para ela, sentiu desaparecer sua autoconfiança e sentiu que lhe era impossível olhá-lo no rosto, como desejava.

Nesse momento, tocava a mão do duque, mas era realmente impossível olhar para ele.

— É um prazer conhecê-la, srta. Thoreau! — disse o duque. — Sou muito afortunado em possuir duas telas de seu pai, e simplesmente posso lhe oferecer minhas mais sinceras condolências por sua morte.

— Muito... obrigada — disse Una, em voz baixa.

Então, como estava envergonhada com sua própria estupidez, forçou-se a olhar para o duque, encontrando seus olhos.

Ele olhava para ela com uma expressão que não conseguia decifrar. Parecia que queria medi-la da cabeça aos pés, como *monsieur* Dubucheron o fizera.

Mas havia também, segundo pensava, um tênue e sarcástico movimento em seus lábios, que ela não podia chamar de sorriso.

O duque cumprimentou Philippe Dubucheron e, então, enquanto os criados lhes traziam taças de champanha, Yvette Joyant conversava com o duque em um tom aveludado e macio, o que deixava muito claro que ela falava unicamente para ele.

Una chegou-se um pouco mais perto de Philippe Dubucheron.

— Acha que a pintura de papai pode estar pendurada nesta sala?

— Duvido — respondeu Dubucheron. — Penso que Sua Graça levará as pinturas para a Inglaterra.

— Estão conversando sobre a pintura de seu pai? — perguntou o duque.

— Estava imaginando — respondeu Una — se Sua Graça iria colocar nesta sala a pintura que comprou hoje.

— Na verdade, acho que ficaria fora de lugar e de estilo neste salão — explicou o duque. — Você se interessa por pintura? É artista?

— Gostaria muito de pintar — respondeu Una —, mas não tenho o talento de papai. Quando eu tentava copiar seus trabalhos, ele achava os resultados muito amadores.

O duque sorriu.

— É sempre um erro tentar imitar nossos pais — disse ele. — Meu pai tentou fazer de mim um jogador de críquete e, como resultado, detesto esse jogo, embora admita que isso não seja muito inglês.

— Mas o senhor pratica o “esporte dos reis” — disse Dubucheron. — Li nos jornais a respeito de seu sucesso. Espera ir bem neste ano?

— Gostaria de ganhar a Copa de Ouro de Ascot — respondeu o duque —, mas pelo menos outros cinquenta desejam o mesmo.

— Não está conversando comigo — afirmou Yvette Joyant — mas, se deseja a minha opinião, acho os homens muito mais atraentes que os cavalos.

— Bem, posso acreditar — disse o duque.

Ela retirou sua mão de uma longa luva negra e tocou os ombros dele.

— Gosta de esportes, *monsieur*? — perguntou ela. — Posso mostrar-lhe alguns, muito originais e divertidos, mas somente para os entendidos...

Lançou a Una um olhar depreciativo, como se estivesse ressentida pelo fato de o duque ter dado atenção a ela.

— A mocinha está ouvindo o que quero lhe dizer, *monsieur* — disse ela — e as crianças têm orelhas grandes!

Era uma versão francesa do velho adágio inglês, e a ofendeu de tal maneira que Una sentiu o sangue invadir-lhe as faces. Saiu de perto.

Monsieur Dubucheron estivera certo quando dissera que Yvette não gostava de outras mulheres.

Ao mesmo tempo, pensava Una, seria extremamente desconfortável ter que agüentar suas ironias a noite toda.

— Mas por que vou me importar com o que essa mulher diz? — perguntou a si mesma. — Além de tudo, provavelmente nunca mais irei vê-la!

Levantou seu queixo com um orgulho inconsciente, que não a deixaria se intimidar. Sorriu para Philippe Dubucheron e disse, calmamente:

— É muito emocionante estar aqui e ver todas essas coisas maravilhosas à nossa volta. O senhor que providenciou para esta casa todas as pinturas?

— Infelizmente não — respondeu Dubucheron. — Acredito que o duque tenha herdado a maioria delas. A casa foi comprada há cerca de cinquenta anos, por seu avô.

— Tenho certeza de que há uma boa história por trás disso — disse Una. — Mamãe falou-me sobre outra casa, nesta rua, que pertenceu à princesa Pauline Borghese e que foi comprada pelo duque de Wellington para ser a Embaixada britânica.

— É verdade — disse o duque que, aparentemente, tinha ouvido a conversa. — A Embaixada fica duas portas adiante, mas prefiro pensar que minha casa é maior e mais atraente.

— Ela tem uma história interessante? — perguntou Una.

O duque ia responder quando Yvette Joyant interrompeu novamente.

— Eu lhe contarei uma história que o fará rir — disse ela. — A história de um homem e de uma mulher que, se torcêssemos um pouco os fatos, poderiam muito bem ser eu e você!

Havia algo muito acariciante e pessoal em sua voz, mas antes que o duque pudesse responder, foi anunciado o jantar.

CAPÍTULO III

Durante o jantar, Yvette Joyant monopolizou a conversa e deixou claro a Una e Philippe Dubucheron que eles eram muito sem importância, para serem notados.

O duque ouvia o que ela tinha a dizer com um sorriso cínico nos lábios. Una nunca havia encontrado alguém que parecesse ficar tão alheio, mesmo estando tomando parte na conversa.

Na verdade, parecia que ele observava tudo o que acontecia, como se fosse uma representação teatral e fizesse parte não do elenco, mas da platéia.

Ficava imaginando se o duque seria assim o tempo todo, ou somente naquela noite incomum.

Talvez a pouca elegância daquelas pessoas fosse algo incomum para o duque que, ela sentia instintivamente, era sempre o centro de uma multidão que o ouvia e, obviamente, o admirava.

A sala de jantar da casa era tão magnífica quanto o salão.

Havia lindas pinturas nas paredes, desta vez de um período mais antigo da arte francesa, e a baixela de ouro sobre a mesa era obra de um grande artesão francês, sobre quem Una já lera a respeito.

Ela estava achando difícil não ficar olhando à sua volta, mesmo sabendo que essa não era uma atitude elegante.

Mas tudo era tão incomum e excitante que Una tinha que se forçar a apreciar os deliciosos pratos que, sabia, eram obras-primas da culinária.

Seu pai sempre apreciara a boa cozinha e, antigamente, dizia sempre:

— Uma das poucas consolações que temos em viver na França é que podemos comer coisas que não são só uma delícia para os olhos, mas também para o paladar.

Como se o duque tivesse percebido o que pensava, observou:

— Ao lado da pintura, aprecia a boa comida, srta. Thoreau?

Ela sorriu para ele, ao responder:

— Admito que sou gulosa quando a comida é tão boa quanto esta.

— Você fala como se fosse algo novo — remarcou o duque.

— Vivi na Itália, Sua Graça, e, embora eles tentem, acho que a comida italiana não consegue nunca ser tão boa quanto a francesa.

— É o que também acho! — concordou o duque.

— Mas os italianos são bons amantes! — interpôs Yvette Joyant. — E os ingleses também, quando se dão ao trabalho!

Falava de uma maneira provocativa, com uma voz aveludada, e seus olhos, fixados no duque, prometiam delícias exóticas. Ele entendeu muito bem o que ela estava querendo lhe dizer. .

O duque pensou que Philippe Dubucheron estivera certo ao dizer o contraste que havia entre as duas mulheres.

Seria impossível, pensava o duque, que esse contraste se desse por acaso; supunha que Philippe Dubucheron tivesse planejado o que estava acontecendo, com muito carinho.

Por nenhum momento, o duque acreditara que Una houvesse desembarcado em Paris inesperadamente, como dissera Philippe Dubucheron. Sem dúvida, ele a conhecia há muito e a guardara para uma ocasião como esta.

Se ele mesmo não tivesse vindo a Paris naquele momento, provavelmente o jantar estaria acontecendo com outro homem rico e distinto à cabeceira da mesa.

Ele não acreditava em Dubucheron. Por outro lado, não havia dúvida de que a noite, embora diferente do que ele imaginara, estava se desenrolando agradavelmente.

Ao menos, amanhã estaria em condições de dizer a Beaumont que estivera mesmo em uma encruzilhada e que rumo tomara.

Yvette Joyant, pensava, era original, entre as cortesãs que abundavam em Paris.

O duque, como muitos ingleses, vinha a Paris para se divertir e fazia isso, invariavelmente, encontrando-se com as cortesãs, que eram as rainhas na profissão. Tinha a certeza de que Yvette iria extrair-lhe todo o dinheiro que pudesse, mas, indubitavelmente, para a maioria dos homens, a experiência valeria a pena.

Se Philippe Dubucheron dissera que ela era excepcional naquilo que a tornara a mulher mais cobiçada de Paris, então era verdade.

O duque via que ela era, também, capaz de criar em torno de si uma atmosfera que faria com que o homem que ela desejava fosse atraído, ao menos, por curiosidade.

Cada palavra que dizia tinha um duplo sentido, cada olhar que lhe dava

era calculado para estimular seus sentidos e fazer com que o sangue corresse um pouco mais rápido em suas veias.

As palavras que sussurrava continuamente em seus ouvidos eram inflamantes, e certamente, não fosse o duque tão experiente a respeito de mulheres, provocariam o efeito desejado.

Ele tinha, de fato, conhecido muitas mulheres da mesma categoria de Yvette, e como achasse mesmo que essas damas eram as mesmas, tanto no Palácio de Buckingham quanto no Moulin Rouge, não se entusiasmava nem um pouco com o que lhe oferecia Yvette Joyant.

Ao mesmo tempo, *l'amour*, sobre o que os franceses achavam que sabiam mais que ninguém, podia ser sempre novo, sempre excitante, mesmo que estivesse muito longe daquilo que o duque considerava como uma surpresa.

Por outro lado, Una, pensava ele, surpreenderia se fosse realmente tão inocente e jovem quanto parecia.

Tinha quase certeza de que Philippe Dubucheron a vestira para o papel que deveria desempenhar.

O duque não deixara de perceber que o vestido de Una era o de uma garota muito jovem, modesto e ainda recatado.

Seus olhos notaram a cintura delgada, a maneira como o corpete firme deixava entrever seus seios pequenos.

O decote era apropriado a uma mocinha que não sabia que a sua missão na vida era atrair os homens, e seus cabelos, embora extremamente apropriados, não eram obviamente obra de um cabeleireiro.

No entanto, isso tudo eram suspeitas, hipóteses. O duque não conseguia ter certeza de nada.

Philippe Dubucheron era um homem muito astuto e poderia ter adivinhado que seu cliente, saciado com as costumeiras degradações de Paris, se divertiria com a pureza e a inocência. Mas Una seria, de fato, pura e inocente? — pensava.

Dubucheron o havia decepcionado uma vez e o duque lhe dissera que não gostaria de ser tomado por um “otário” pela segunda vez.

E era impossível de acreditar, a menos que a garota fosse uma grande atriz como Sarah Bernhardt, que pudesse desempenhar tão bem esse papel.

Assim como Yvette exalava uma atmosfera de erotismo, Una parecia envolver tudo em uma aura de pureza.

Como estivesse interessado em ambas as mulheres, o duque começou a

se divertir e a se esquecer de sua raiva contra Rose Caversham.

Até mesmo a pequena fadiga que sentira após sua longa jornada começara a desaparecer, após ter comido e bebido.

Além das duas deleitáveis seduções, postadas ao seu lado, divertia-se também em conversar com Philippe Dubucheron.

Por muitos anos, usara esse homem como provedor de pinturas, de informações sobre Paris e, francamente, como abastecedor de mulheres.

Mas ele era suficientemente astuto para perceber que Dubucheron era um caráter interessante, um tipo de homem criado por Paris.

Não poderia, realmente, ser encontrado em outra capital do mundo, e, pelo fato de ser único, o duque desejava devassar seu cérebro e descobrir quem era ele, na verdade.

Ao final do jantar, começou a perceber que, para Philippe Dubucheron, a vida era uma longa e divertida piada e o riso que provocava trazia-lhe muitos dividendos...

Não procurava a saúde, mas, pensava o duque, via a vida em todos os seus aspectos, como um cortejo que passasse à sua frente, e que enriquecesse não só o seu bolso mas também a sua mente.

Além disso, Philippe Dubucheron era alguém muito diferente dos homens que comumente procuravam compensar sua hospitalidade falando de esportes, porque sabiam que isso o agradava, e de mulheres, porque isso era um terreno comum.

O duque orgulhava-se de ser um bom conhecedor de caracteres.

Mas, talvez por ter mergulhado profundamente nos caracteres de alguns daqueles que se denominavam seus amigos e de algumas mulheres que diziam amá-lo, tornara-se mais cínico do que antes.

Achava surpreendente verificar como a melhor pessoa do mundo podia ser mesquinha e avarenta.

Freqüentemente acusava-se de ser supercrítico e, embora não tivesse admitido isso ao sr. Beaumont, esperava muito mais daqueles que sabia serem capazes de dar mais.

Sabia muito bem o que o seu contador lhe havia querido dizer um pouco antes.

Mas se perguntava se qualquer vida que escolhesse viver não se tornaria, depois de um tempo, tão monótona, com aquela mesmice inevitável.

Mas nesta noite, em se aproximando o final do jantar, pensou que as

duas mulheres eram diferentes disso.

A medida em que Yvette lhe falava, começou a imaginar se não existiriam profundezas eróticas às quais ainda não havia descido e que estavam ali para que ele as descobrisse.

Também achava que o desempenho de Una se tornava cada vez mais incrível, a menos, é claro, que estivesse errado e ela fosse realmente o que aparentava.

Então disse a si mesmo que os excelentes vinhos que bebera tinham lhe subido à cabeça, ou ainda, que a armadilha que Philippe Dubucheron havia lhe preparado se tornava cada vez mais inteligentemente atraente do que pudera imaginar.

Ao terminar o jantar, soube, pela maneira como Dubucheron olhava para ele, que deveria tomar uma decisão e continuar a noite com uma ou outra das mulheres.

Entretanto, o duque divertiu-se, dizendo, quando tomavam o café:

— Penso que, como é minha primeira noite em Paris, depois de algum tempo, deveria visitar alguns velhos lugares familiares, para ver se mudaram desde a última vez em que neles estive.

— Que lugares em particular? — perguntou Dubucheron. O duque sorriu para ele, com troça.

— Certamente é uma pergunta desnecessária. Que outro lugar senão o Moulin Rouge?

Yvette fez uma expressão de desgosto.

— O Moulin Rouge? — disse ela. — Eu o levarei a algum lugar onde possa ver uma exibição diferente de tudo o que já viu antes.

Seus olhos maquilados inclinaram-se misteriosamente enquanto dizia:

— Vamos a sós, e verá!

O duque pediu-lhe um momento para pensar se aceitaria ou não seu oferecimento. Então, disse:

— Não espera que eu abandone meus amigos! Não, iremos juntos, nós quatro, ao Moulin Rouge!

Yvete balançou os ombros, mas havia, sem dúvida, um brilho de raiva em seus olhos.

Quando Dubucheron lhe dissera que iria jantar com o duque de Wolstanton, tinha tido a certeza de que, terminando o jantar, teria se tornado sua amante e a imensa pilha de dívidas, que estava se acumulando em seu

apartamento, seria, provavelmente, paga.

Sua extravagância era assunto em Paris, mas, de certa forma, era o que a tornava atraente, também.

Toda cortesã sabia que os homens somente apreciavam aquilo pelo qual “pagavam o olho da cara”!

No Segundo Império, ficara estabelecido que as cortesãs de Paris eram as mais caras e sensuais do mundo.

Então, Napoleão III deu o exemplo, gastando fortunas com suas muitas amantes, e foi seguido pelo príncipe Napoleão e por todos os outros homens que visitavam Paris, à procura de divertimento.

A era dourada foi seguida por uma depressão que, somente agora, estava sendo debelada, mas Yvette sabia que, tendo alcançado o topo de sua profissão, valia todos os milhões de francos que gastavam com ela.

Estar sob a proteção do duque de Wolstanton poderia dar-lhe um novo prestígio. E por nenhum momento suspeitou que o duque pudesse não estar interessado nela.

Só achava aborrecido que estivessem acompanhados por aquela garota fastidiosa.

Por sua vez, os olhos de Una se acenderam de excitação quando ouviu a proposta do duque.

Sempre sonhara ir ao Moulin Rouge, embora soubesse que essa idéia teria chocado sua mãe. Não percebera, enquanto olhava para o duque, que Philippe Dubucheron a mirava.

Não entendia qual o jogo que o duque estava fazendo, mas tinha certeza de que o Moulin Rouge não era o lugar correto para Una.

Na verdade, ele estava um pouco nervoso com a reação que ela poderia ter.

Sabia, assim como o duque, que o Moulin Rouge se tornara um centro de interesse para os cavalheiros da alta classe, simplesmente porque era o maior mercado de prostituição da Europa.

As garotas de lá eram quase tão caras quanto as dos Champs Élysées, mas o cabaré era bom e os artistas, como o grande pintor Toulouse-Lautrec, que desenhara os pôsteres, contribuíram para torná-lo cada vez mais famoso e procurado.

O pôster de Toulouse-Lautrec não exagerara, quando anunciava que o Moulin era o “*rendez-vous* da alta sociedade”.

Mas se o duque desejava ir ao Moulin Rouge, Philippe Dubucheron não iria impedi-lo.

A carruagem do duque estava esperando e era muito maior e mais confortável que a de Philippe Dubucheron.

Por sua vez, este esperava que o duque sugerisse que fossem em duas carruagens, por isso a sua esperava também no pátio.

Sem que fizesse a pergunta, teve a resposta do duque.

— Sigamos juntos. Em meu banco de trás cabem três, se ninguém for muito gordo.

Ao falar, olhou para a sinuosa figura de Yvette e para o corpo infantil de Una. Então, sentou-se entre as duas, enquanto Philippe Dubucheron alojou-se em sentido oposto ao deles.

Durante o percurso entre a Rue du Faubourg St. Honoré e Montmartre, Yvette teve a oportunidade de sussurrar no ouvido do duque palavras que, por sorte, Una não pôde ouvir.

Na verdade, é provável que não tivesse entendido quase nada do que foi dito.

Ela olhava pelas janelas, encantada mais uma vez com os bulevares, com a multidão de pessoas passeando pelas calçadas, com os cafés lotados, e com tudo o que Paris oferecia.

Na verdade, aquela era a noite mais excitante que já passara e, por um instante, sentia-se capaz de esquecer o dia seguinte e todas as dificuldades que a esperavam, e divertir-se com cada momento que estava vivendo.

Enquanto Yvette colara-se o mais possível ao duque, parecendo entrelaçar-se a ele, Una se sentara em um canto da carruagem, de forma que seu corpo não o tocava.

Ao mesmo tempo, estava totalmente consciente de estar ao lado dele e não podia entender porque o duque a fazia sentir-se um pouco estranha.

Dizia a si mesma que era porque ele era inglês e, à exceção de seu pai, era diferente de todos os outros homens que conhecera.

O duque era tudo o que imaginava em um cavalheiro inglês, além de ser um duque; e ela achava também que havia algo de francamente honesto nele.

Era diferente do que sentia a respeito de *monsieur* Dubucheron, mesmo tendo ele sido tão gentil.

Ficava imaginando se o duque gostava que *mademoiselle* o tocassem com suas mãos enluvadas de negro, e se se sentia embaraçado pela maneira muito

íntima com que ela estava se portando. Desejaria ter conversado com ele sobre pintura, especialmente as de seu pai, mas era difícil falar de qualquer coisa séria quando *mademoiselle* Joyant estava ouvindo.

Gostaria de saber se poderia vê-lo outra vez, depois que esta noite tiver terminado, pensou Una.

Então, chegaram ao Moulin Rouge.

Era muito maior do que ela esperava, tão grande quanto a estação de trens onde desembarcara ao chegar a Paris, e o barulho que ouviram ao entrar era quase ensurdecedor.

Philippe Dubucheron providenciou para que fossem conduzidos através da multidão e foi-lhes dada o que se considerava uma das melhores mesas, ao lado da pista de dança.

— Ela tem apenas vinte anos — ouviu Philippe Dubucheron dizer ao duque.

Una percebeu que falavam de uma das bailarinas e surpreendeu-se com a maneira como a garota dançava.

Movimentava-se suspendendo sua perna em direção ao lustre. Usava amplas saias brancas feitas de um torvelinho de rendas, que pareciam explodir como uma avalanche de espumas, e caras anáguas pretas, enfeitadas com delicados laços coloridos.

Era uma perna bem torneada, mantida tesa e reta, sedosamente cintilante, e trazendo abaixo do joelho uma liga de diamantes.

Voluptuosa, alegre, tumultuosa, provocativa, era o tipo de dança que Una nunca imaginou pudesse existir. Chegava, às vezes, a perder a respiração e, enquanto a multidão gritava: “Mais alto, La Goulue, mais alto”!, já estava tão abobalhada, a ponto de bater palmas.

A seguir, veio o *cancan*, que se tornara, como sabia Philippe Dubucheron, uma espécie de dança ritual, executada da forma mais erótica possível, uma maneira muito mais sugestiva do que a original. Sentada muito direita na cadeira dura, Una olhava tudo o que estava acontecendo à sua frente, com as mãos no colo e uma taça de champanha intocada diante de si.

Não percebia que o duque a observava, mesmo quando Yvette lhe falava ao ouvido, e que Philippe Dubucheron fazia o mesmo.

Somente conseguia atentar que o *cancan* era a dança mais estranha e fantástica que já vira, em um lugar extraordinário...

Ao mesmo tempo, podia entender que artistas como seu pai tinham ali

centenas de diferentes rostos e poses para pintar.

Quando acabou o show e a multidão dirigiu-se para a pista de dança, ela disse a *monsieur* Dubucheron:

— Poderia me apontar alguns pintores que estejam aqui hoje?

Ele olhou à sua volta.

— Toulouse-Lautrec deve estar em algum lugar. Está sempre por aqui, duas ou três vezes por semana. Se conseguir achá-lo, mostrarei também Degas, que era amigo de seu pai, e o caricaturista Metivet.

— Obrigada — disse Una.

— Diga-me o que acha do Moulin Rouge, se é a sua primeira visita! — disse o duque.

Havia uma certa dúvida em suas palavras, que passou despercebida a Dubucheron.

Una respondeu-lhe honestamente.

— É difícil traduzir em palavras, Sua graça, o que sinto — disse ela. — Mas posso entender por que os artistas acham este lugar interessante.

— Por quê?

— As pessoas... as dançarinas... elas têm rostos únicos. Não são como as pessoas que vemos em outros lugares.

Achou que o duque parecia cético, e completou:

— Pelo menos, não as pessoas que conheço... mas isso não é surpreendente!

— Você veio da Itália — disse ele —, mas de onde da Itália?

Não conseguiu responder, pois Yvette chamou sua atenção e, novamente, ele passou a ouvir algo que ela sussurrava em seu ouvido.

Enquanto ele fazia isso, um cavalheiro resplandecente em seu traje da noite, com uma cartola colocada de lado, veio até a mesa.

— Alô, Blaze — disse ele ao duque. — Não esperava vê-lo aqui. Pensei que estivesse em Londres.

— E estava, até ontem.

Seu amigo, no entanto, não ouvia a resposta. Segurava a mão de Yvette Joyant e a levava aos lábios.

— Estou feliz em vê-la aqui — disse ele — pois pretendia vê-la amanhã.

— Espero que o faça, realmente — respondeu Yvette.

— Venha dançar comigo — disse o recém-chegado. — Tenho algo importante a lhe dizer.

Yvette olhou para o duque, através de seus pesados cílios.

— Você se importa, *mon cher*? — perguntou ela — ou prefere você mesmo dançar comigo?

— Eu a observarei — respondeu o duque.

Então, obviamente determinada a fazê-lo compreender o que estava perdendo, Yvette ofereceu seu braço ao homem que esperava ao lado da mesa.

— Vamos lhe mostrar, Henri, como dois corpos podem se tornar um só... — disse ela.

De braços com ele, lançou um olhar provocante ao duque, por cima dos ombros, enquanto seguiam através dos dançarinos. O duque olhou para Philippe Dubucheron.

— Penso, Dubucheron — disse ele — que a srta. Thoreau deve dormir cedo. Posso levá-la à casa?

Havia um toque de riso nos olhos de Philippe Dubucheron quando este perguntou:

— Seria muito gentil da parte de Sua Graça, mas, infelizmente, até o momento, ela não tem casa.

— O que quer dizer? — perguntou o duque.

— Ela chegou hoje, conforme lhe disse — respondeu Dubucheron — e eu estava pretendendo, quando terminasse a noite, achar para ela um alojamento respeitável. Sua bagagem está em sua casa. Pensei em apanhá-la mais tarde.

Havia um sorriso nos lábios do duque, que se repetia em seu olhar.

— Em minha casa? — disse ele, franzindo o cenho. — E considera-a um lugar respeitável para a srta. Thoreau passar a noite?

— Seria certamente mais confortável do que qualquer outro lugar que sugerisse.

— Ainda não consigo ter certeza — disse o duque — se você é extremamente astuto, clarividente ou simplesmente impertinente.

O gesto de Philippe Dubucheron foi demasiadamente francês para que necessitasse do acompanhamento de palavras.

— Muito bem — disse o duque, levantando-se. — Apresente minhas desculpas a *mademoiselle* Yvette e assegure-lhe que irei expressar minha gratidão pelo prazer de sua companhia, de uma maneira apropriada.

— Ela ficará desapontada — respondeu Dubucheron — mas, sem

dúvida, quaisquer mal-entendidos podem ser aplacados pela maneira usual...

— Naturalmente — respondeu o duque. — E tenho certeza de que você, amanhã, aparecerá com aquelas pinturas que me prometeu.

— Irei vê-lo, sem dúvida — respondeu Philippe Dubucheron.

O duque virou-se para olhar Una e percebeu, surpreso, que ela não estava escutando a conversa, mas sim prestando atenção à pista de dança.

— Tenho certeza — exclamou ela, excitadamente — que é *monsieur* Toulouse-Lautrec. É como papai o descreveu a mim.

Philippe Dubucheron seguiu a direção dos olhos dela.

— Sim, é Lautrec — respondeu ele.

Una ia perguntar mais alguma coisa, quando percebeu que o duque estava em pé, e olhou para ele.

— Eu a levarei para casa — disse o duque calmamente.

— Obrigada — respondeu ela.

Somente ao começar a sair da mesa é que percebeu que Philippe Dubucheron não os seguia.

Ela olhou para trás, consternada.

— Está tudo bem — disse ele rapidamente. — O duque cuidará de você e sua bagagem está em casa dele.

— Onde... ficarei?

— O duque lhe dirá — respondeu Dubucheron. — Siga Sua Graça. Ele não gosta de esperar.

— Não, é claro que não!

Una levantou o xale que ficara no espaldar de uma das cadeiras e rapidamente foi atrás do duque, que já se movimentava através das mesas, em direção à saída.

Era impossível falar, enquanto eram empurrados no meio da multidão de homens; muitos estavam em trajes de noite, com cartolas, mas entre eles havia alguns tipos estranhos, com gravatas esvoaçantes e ternos de veludo.

Houve uma pequena pausa à porta, enquanto buscavam a carruagem do duque, e, então, eles partiram, com muito mais espaço no banco de trás do que quando tinham vindo.

— Muito obrigada por essa noite interessante e excitante — disse Una, em uma pequena voz macia.

— Você gostou? — perguntou o duque.

— Mais do que qualquer outra coisa gostei de jantar em sua casa — respondeu Una. — Mas sempre quis conhecer o Moulin Rouge!

— Por quê?

— Porque papai me falara dele, e mesmo as garotas da escola já tinham ouvido alguma coisa sobre aquele lugar.

— Escola? — perguntou o duque.

— Estive em uma escola de Florença nesses três últimos anos — explicou Una.

O duque ficou em silêncio por um momento. Então, disse:

— Philippe Dubucheron disse-lhe para me dizer isso?

Una pareceu confusa.

— Não, por que faria isso? Mas pensei que ele tivesse dito à Sua Graça que vim a Paris... porque papai me chamara... e que o encontrei morto!

Havia uma certa palpitação em sua voz, que o duque percebeu.

— Conte-me o que aconteceu desde o começo.

— Quando mamãe morreu... — começou Una.

E lhe contou, de uma maneira simples e concisa, como sua mãe deixara todo o seu dinheiro para custear-lhe a educação e de como fora enviada para um convento em Florença.

Somente quando seu pai lhe mandara um telegrama, em resposta à sua carta, onde dizia que estava muito velha para permanecer na escola, é que viera para Paris.

Não se deu conta de que, por ter contado a história dessa maneira simples e com poucas palavras, o duque tornara-se desconfiado imediatamente.

Era tudo muito conveniente, muito pronto, pensava ele. Uma garota inocente chega a Paris encontra seu pai morto e Dubucheron, um notório rufião, leva-a na mesma noite a jantar com um duque.

Se Una achava isso surpreendente, ele achava incrível, e se deixou ficar na carruagem olhando o perfil dela projetado contra as luzes de gás.

Ele achava que Dubucheron tinha sido muito esperto em dizer a ela que não usasse chapéu, quando todas as mulheres de Paris o faziam à noite, portando neles toda a espécie de plumas exóticas e arranjos de flores artificiais.

Mais uma vez, o duque achou que estava sendo trapaceado por Dubucheron, mas, ao menos, a isca era original e não uma variação sobre um

mesmo e tão antigo tema, como Yvette Joyant.

Percebera, subitamente, embora ainda não tivesse certeza do porquê, que Yvette não conseguira excitá-lo. Aliás, na verdade, achara-a repulsiva.

As coisas que ela lhe dissera eram mais obscenas e licenciosas que tudo o que já ouvira em sua rica carreira de conquistador.

Sabia que essas coisas o haviam divertido porque aquela voz profundamente aveludada tirara-lhes a aspereza. Mas, durante todo o tempo em que ela estivera falando, ele ficara prestando atenção naquela garota sentada ao seu lado.

Una não tivera a mínima intenção de chamar-lhe a atenção e talvez fosse essa a razão pela qual ele achasse difícil desviar seus olhos dela.

Mas era somente uma boa história, pensou, quando ela terminou de falar. No entanto, seria uma pena mostrar-lhe imediatamente que ele não se deixara enganar.

Se esse era o jogo que ela queria, ele o levaria adiante. Em voz alta, disse:

— Deve ter sido um grande choque para você saber, ao chegar em Paris, que seu pai estava morto.

— É claro que sim. Foi difícil acreditar. Só que já fazia três anos que eu não o via e, quando soube que papai havia morrido, senti que já o havia perdido há muito tempo... — disse Una, com voz triste e pesarosa.

Outra vez o duque disse a si mesmo que era tudo ensaiado, que havia muitas coincidências. Era uma coincidência que ela tivesse chegado a Paris no mesmo dia que ele; que exatamente o tipo de pintura que ele gostava estivesse disponível; e que ele mesmo não tivesse planos especiais para a noite.

Naturalmente, Dubucheron tinha essa garota de reserva, esperando que algum otário aparecesse e a achasse diferente das prostitutas comuns.

Que garota saída diretamente de um convento seguiria sozinha com ele, em uma carruagem, por não ter lugar onde ficar?

Era inconcebível para o duque levar qualquer uma das suas amantes para casa, mas em Paris era diferente.

Já deixara claro, tanto ao seu contador quanto aos seus amigos, que, em Paris, se reservava o direito de agir conforme desejava, sem perguntas.

Quando, há pouco mais de um ano, estivera se divertindo com uma dançarina do *Théâtre des Variétés*, muito charmosa e sedutora, ela estivera morando com ele cerca de um mês.

Então, ao retornar para a Inglaterra, ela voltou para seu próprio apartamento.

Dubucheron sabia de tudo isso e o duque achava que ele havia maquinado tudo com muita esperteza e habilidade.

A bagagem deixada em sua casa, a informação de que não arrumara alojamento para ela, antes do jantar, a maneira dela segui-lo sem maiores explicações, tudo isso tinha sido maquinado e ele imaginava o que Dubucheron teria feito se sua escolha houvesse recaído sobre Yvette.

Bem, na certa ele havia se preparado, e muito bem, para qualquer uma das alternativas.

— Sinto-me honrado — disse em voz alta — por vê-la satisfeita e permanecer aqui, em minha casa. Talvez pense que deveríamos ter nos conhecido melhor antes...

Una estava olhando para fora. Virou seu rosto para ele, mas estava muito escuro para que o duque visse a expressão em seus olhos.

— Permanecer com o senhor? — gaguejou ela. — Ficarei... com Sua Graça... em sua casa?

— Se for isso que desejar!

— Mas, naturalmente... seria maravilhoso! — respondeu ela. — Nunca sonhei... nunca pensei que pudesse me convidar para ser sua hóspede!

— Não seria esse o desejo de Dubucheron? Pensei que ele lhe tivesse dito algo a respeito...

— Ele foi muito gentil comigo... quando me encontrou no *studio* — respondeu Una — e disse-me que, quando vendesse a pintura de papai, voltaria e faria planos para meu futuro.

O duque não falou nada e ela completou:

— O senhor sabe... cheguei a Paris com muito pouco dinheiro e foi muita sorte que *monsieur* conseguisse vender a pintura de papai.

— Realmente muita sorte — disse o duque — e Dubucheron disse que lhe daria o dinheiro amanhã?

— Sim, foi o que ele disse — respondeu Una.

— E, antes de vir para a minha casa, onde foi que você se arrumou?

— *Monsieur* Dubucheron levou-me à sua galeria de arte. — Ela deu um pequeno sorriso. — Pareceu-me um lugar estranho para alguém trocar de roupas, mas pude lavar-me lá e desempacotar minhas coisas, em seu escritório.

O duque não acreditava em uma palavra disso tudo. Estava certo de que toda a história tinha sido fabricada, do começo ao fim.

Tinha vontade de rir alto, mas disse a si mesmo que desmascarar a história ingênua de Una tão cedo tiraria o gosto da brincadeira.

Chegaram à sua casa na Rue du Faubourg St. Honoré e, ao entrarem no vestíbulo, o duque disse aos criados que aguardavam:

— Parece-me que uma bagagem foi deixada aqui antes do jantar!

— Sim, Sua Graça — respondeu o mordomo. — O cavalheiro disse que viria buscá-la mais tarde.

— *Mademoiselle* Thoreau ficará aqui — disse o duque. — Levem sua bagagem para o quarto rosado e a desfaçam.

— Muito bem, Sua Graça.

— Vamos para o salão — disse o duque para Una, caminhando à sua frente, para abrir a porta, antes que um atencioso criado pudesse alcançá-la.

O salão cheirava a flores, e apenas algumas luzes tinham sido deixadas acesas.

Isso parecia tão agradável que Una permaneceu olhando à sua volta, com uma expressão de admiração nas faces, e os olhos brilhando.

O duque dirigiu-se a um canto do salão, onde, sobre uma bandeja, havia uma garrafa de champanha, mergulhada em um balde de gelo e um prato de prata contendo sanduíches de patê.

— Você está com fome? — perguntou ele.

— Não, obrigada — respondeu Una. — Foi um jantar delicioso e gostaria de cumprimentar seu cozinheiro por fazer coisas tão maravilhosas.

— Poderá fazê-lo amanhã — disse o duque. — Tenho certeza de que ele ficará encantado.

Caminhou em sua direção enquanto falava e estendeu-lhe uma taça de champanha.

— Por favor... preferiria que não — disse ela. — Não estou acostumada a beber algo que não seja água.

O duque retorceu os cantos dos lábios.

— Champanha é a água da França.

— Sempre ouvi isso — replicou Una —, mas tenho medo de que me suba à cabeça.

— Já aconteceu isso antes?

Ela deu um pequeno sorriso.

— Nunca, mas também nunca bebi mais que um ocasional gole de champanha! Ficaria muito envergonhada se me sentisse estúpida ou boba!

— Envergonhada? — perguntou o duque.

— Acho que beber pode ser horrível e degradante — disse, com um tom de voz diferente.

Ao falar, tivera uma súbita visão das garrafas vazias no apartamento de seu pai e da terrível pintura borrada que estava no cavalete.

O duque imaginou o que ela estava pensando, ao se lembrar do que Dubucheron dissera a respeito da morte de seu pai.

Ele sentou-se em uma cadeira e perguntou:

— Agora que está comigo, diga-me... o que pretende fazer?

Ao formular a pergunta, sabia muito bem como Yvette a responderia, e se divertia ao pensar por quanto tempo a garota iria manter sua aparência de inocente.

Una olhou para ele com uma expressão de perplexidade nos olhos.

Então, mesmo não tendo ele sugerido, sentou-se nervosamente em um canto de uma cadeira.

Por um momento, não disse nada; então, subitamente, sua expressão se alterou.

— Agora... entendo — disse ela. — O senhor deve ter me achado muito estúpida!

— Como? — perguntou o duque.

— Eu disse a *monsieur* Dubucheron que precisaria achar algum tipo de emprego, para conseguir dinheiro, mas nunca me passou pela cabeça que pudesse encontrar um com o senhor.

— E o que acha que pode fazer para mim? — perguntou o duque.

— Não... tenho... certeza — respondeu ela. — Quando estava no *studio*, enquanto *monsieur* Dubucheron estava vendendo a pintura de papai, pensei que a única coisa que poderia fazer seria ensinar inglês às crianças. Mas, então...

Parou, e o duque indagou:

— Então o que pensou?

— Tive medo de que parecesse muito jovem.

— E o que imagina que possa fazer para mim?

— Poderia escrever suas cartas. Realmente escrevo muito bem.

— Tenho um excelente contador que faz isso — respondeu o duque — e,

quando necessário, ele tem um secretário que, acredito, está empregado há alguns anos.

Una pensou por um momento, e, então, deu um pequeno suspiro.

— Há muitas outras coisas... que não sei fazer muito bem — disse ela — mas, de qualquer forma, penso que não lhe agradaria.

— Quais?

— Posso tocar um pouco de piano. Posso pintar, mas muito amadoristicamente.

— Dificilmente posso esperar que pinte para mim — disse o duque. — Além disso, tenho certeza de que através de Dubucheron, posso adquirir qualquer pintura que me agrade.

— Sim, é claro que sim! — concordou Una. — Estava apenas tentando lhe mostrar o que não posso fazer.

— Então, suponho, podemos pular essa parte e passar ao que você pode. Ela lançou-lhe um olhar agoniado.

— A verdade... é — disse em voz desesperançada — que, embora mamãe tenha gasto muito dinheiro em minha educação, não consigo imaginar o que posso fazer com ela!

— Já se olhou no espelho? — perguntou o duque. Ela olhou para ele, surpresa, e então respondeu:

— Naturalmente! Quando arrumo meus cabelos!

— Olhe novamente — disse ele — e diga-me o que vê!

Una levantou-se.

Como não era muito alta, ficou na ponta dos pés, para olhar-se, entre um relógio de Sèvres e outros ornamentos, em um vasto espelho emoldurado de dourado, pendurado sobre um console de mármore.

Olhou para sua imagem e, ao fazê-lo, pensou que nunca se vira em um cenário tão deslumbrante.

Com seu teto pintado, as pinturas nas paredes, as pesadas cortinas de seda francesa, era exatamente o tipo de sala onde sempre sonhara viver e que sua mãe também amaria.

— Bem... — perguntou o duque, atrás dela. Ela se voltou, com um sorriso.

— Desculpe-me — disse ela. — Não estava olhando para mim, e sim para a sua sala maravilhosa. É como uma das pinturas de Boucher e sinto-me quase como *madame* Pompadour. Lembra-se de um retrato dela pintado por

ele?

— Talvez isso seja algo que você possa ser — sugeriu o duque.

— Mas o rei a amava e não há rei na França hoje em dia — replicou Una.

— E se eu fosse *madame* Pompadour, sinto que não seria suficientemente inteligente para sugerir que a porcelana de Sèvres fosse cor-de-rosa, como estes adoráveis vasos em seu console.

Ela estendeu seus dedos para tocá-los suavemente. Admirando-a, o duque achou que tinha a graça de movimentos adquiridos em uma academia dramática. Era impossível que fosse natural. Una deu um suspiro, que era um sinal de prazer. Então, disse:

— Tenho a impressão de o estar segurando, já que disse a *monsieur* Dubucheron que estava cansado. Estou fatigada, também, mas tudo aqui é tão agradável que quero tocar em todos os seus tesouros, olhar para eles, e contar para mim mesma histórias a respeito de sua fabricação!

— Mesmo assim, gostaria de ir para a cama? — perguntou o duque.

— Eles estarão por aqui... amanhã — respondeu Una, com uma voz delicada.

Então, como se repentinamente se lembrasse do que estavam conversando anteriormente, completou:

— Muito obrigada por ter me trazido para cá, e amanhã, quando não estiver tão cansada, talvez possa pensar em como trabalhar para o senhor.

O duque levantou-se lentamente e parecia que ia dizer algo. Mas, antes que isso acontecesse, Una apertou suas mãos.

— Espero que mamãe saiba que estou aqui — disse ela. — Estaria tão emocionada sabendo que estou com um daqueles ingleses que conheceu quando era jovem, e penso que ficaria feliz porque... embora papai esteja morto estou a salvo com o senhor!

Olhou para ele e o olhar que recebeu de volta, mais uma vez, fez com que ela se sentisse envergonhada.

Então, ele disse com um tom de voz que revelava uma nota de surpresa:

— Vá para a cama. Estamos ambos cansados. Conversaremos sobre isso amanhã.

CAPÍTULO IV

Una foi despertada por uma criada que trazia seu café da manhã em uma bandeja.

Colocou-o ao lado da cama e abriu as cortinas, para que o sol entrasse.

Por um momento, foi difícil para Una, ainda meio sonolenta, saber onde estava. Então, com um sobressalto, lembrou-se! Estava em Paris, em casa do duque de Wolstanton!

Sentou-se, olhando deliciada para a elegante bandeja de café, com seu serviço de prata e os *croissants* quentes.

— Que horas são? — perguntou.

— Dez horas — respondeu a criada.

— Dez horas? — exclamou Una consternada. — Como pode ser? Como pude dormir até tão tarde?

— *Mademoiselle* devia estar muito cansada — respondeu a criada. — Faz um dia lindo e quente.

— Dez horas! — repetiu Una e, então, completou: — Talvez... o senhor duque pense que fui rude não descendo para o café!

— *Monsieur* saiu para cavalgar, por isso não se preocupe.

Una sentiu-se aliviada.

Lembrara-se de que, na noite anterior, não perguntara ao duque a que horas seria servido o café, e se deveria tomá-lo com ele.

Não se lembrava de ter tomado café na cama, anteriormente, excetuando-se quando estava doente. Quando ainda vivia com seus pais, eles sempre o tomavam juntos, às oito horas.

Percebia agora o quanto se sentira cansada na noite anterior.

Não fora somente a viagem longa, durante a qual não conseguira dormir, mas também todas as emoções que tivera no dia anterior.

Somente quando já estava deitada é que se deu conta de que, talvez, tivesse sido repreensível de sua parte ter visitado um lugar de diversão logo após a morte de seu pai:

Mas que outra alternativa lhe restara?

Sabia instintivamente que, tanto *monsieur* Dubucheron quanto o duque teriam achado aborrecido se ela tivesse ficado lamentando a perda do pai e

insistisse em permanecer sozinha em casa.

Então, lembrara-se de que não tinha casa, e se não tivesse feito o que sugerira *monsieur* Dubucheron, tinha a impressão de que ele não lhe ofereceria hospitalidade em sua galeria de arte.

Achava também que ele não teria dúvida em guardar o produto da venda da tela de seu pai para si, se ela não fizesse o que ele queria.

— Não posso contrariá-lo, pensou ela, apreensivamente, e imaginou por quanto tempo duraria o dinheiro, a partir do momento que o recebesse.

Naturalmente, tudo isso dependeria de como ela o gastaria e pensou como o duque tinha sido gentil em recebê-la.

Imaginava quantos outros homens teriam sido tão generosos com uma garota que tivessem encontrado pela primeira vez, especialmente alguém que tão pouco tivesse a ver com seus interesses.

— Acho que, além de querer que eu fique, ele vai até me conseguir um emprego! — pensou Una, feliz.

Viver em uma casa como esta, estar cercado por pinturas que anteriormente só havia visto em galerias de arte, era como estar no Paraíso.

Fez uma prece para que isso não terminasse rapidamente.

Tomou seu café e, então, como a criada tivesse dito que estava quente, lavou-se e vestiu-se com o vestido mais fino que possuía.

Era de uma musselina muito simples e fora feito por ela mesma.

Já estava quase vestida quando a criada entrou no quarto.

— Deveria ter tocado a campainha, *mademoiselle* — disse ela. — Eu teria vindo ajudá-la.

— Não pensei nisso — respondeu Una. — Estou acostumada a me vestir sozinha.

— Está muito bonita — disse a criada — e tenho a certeza de que o senhor duque achará o mesmo.

— Espero que sim — respondeu Una.

Enquanto descia as escadas, ficou imaginando se ele já tinha voltado de sua cavalgada e se estaria no salão.

O salão, no entanto, estava vazio e ela pôde ficar mais à vontade para reparar em todas as obras de arte à sua volta, detalhe por detalhe.

Cavalgando pelo *Bois*, o duque tirou seu chapéu para um grande número

de amigos e conhecidos, mas não parou, como eles esperavam.

Não viera a Paris para ser social, e desejava, além disso, pensar.

Também ele dormira bem. Acordara cedo com uma sensação de bem-estar e com a impressão de que o dia seria bem interessante.

Ao se vestir, ficou imaginando se Una estaria desapontada por ele não ter ido ao seu quarto, como devia estar esperando.

A surpresa que ela demonstrara ao vê-lo entrar em seu quarto para lhe dar boa-noite não destoara do resto do seu desempenho.

Ao tomar sozinho o seu café, perguntou-se se ela seria, na verdade, autêntica; então disse para si mesmo que não se deixaria enganar uma segunda vez por Dubucheron.

O sr. Beaumont entrou no quarto, quando ele terminara seu café.

— Ouvi dizer que tem um hóspede, Sua Graça!

— Imaginei que pudesse ficar surpreso — replicou o duque.

— É alguém que já esteve aqui anteriormente? — perguntou, com curiosidade, o sr. Beaumont.

Sabia que o duque não gostava de ser interrogado sobre seus negócios particulares. Ao mesmo tempo, se alguma coisa saísse errada, tudo cairia sobre seus ombros; portanto, desejava estar preparado.

— Não — disse o duque. — Nem eu a conhecia.

Dizendo isso caminhou até o pátio onde um cavalo esperava por ele. Montou e partiu.

O sr. Beaumont, olhando-o, pensou que seria difícil encontrar alguém que se sentisse melhor ou mais à vontade sobre um cavalo.

— Ele estará certamente bem-humorado quando voltar — pensou. Então, curiosamente, imaginou quem seria a mulher que fora trazida pelo duque na noite anterior.

Achava que deveria ser uma atriz ou dançarina de alguma reputação.

O duque raramente se interessava por mulheres de classe mais baixa e certamente não teria convidado uma delas para sua casa.

Dirigiu-se ao seu escritório e soube pelo mordomo que *mademoiselle* ainda não se levantara e pediu para ser avisado quando ela descesse.

Cerca de uma hora mais tarde, foi informado de que *mademoiselle* se encontrava no salão e, levantando-se de sua escrivaninha, caminhou pelo vestíbulo.

Ao fazer isso, imaginava qual seria o tipo de mulher que cativara o

interesse do duque desta vez.

Quando abriu a porta do salão, estava cheio de curiosidade para ver quem havia conquistado tão rapidamente o lugar da bela, mas inflamável, lady Rose.

O sol entrava através das janelas abertas e, por um momento, pensou que os criados tivessem se enganado e não houvesse ninguém lá.

Então, viu uma pessoa no fundo do salão, completamente paralisada, admirando uma pintura de Fragonard.

Ele fechou a porta atrás de si e o som fê-la voltar-se. O sr. Beaumont surpreendeu-se olhando para o que, por um momento, pensou ser uma criança.

Então, ao cruzar a sala, viu que ela era, na verdade, um pouco mais adulta e vestia-se como uma colegial, mas não deveria ter mais que dezesseis anos.

Esperava que a hóspede do duque fosse incomum, mas não tanto assim.

A face oval, com seus grandes olhos, o nariz pequeno e os lábios perfeitamente arqueados faziam-no lembrar mais uma das modelos de Boucher que uma das deusas mais maduras de Fragonard.

— Como vai? — disse ele em francês. — Posso apresentar-me? Sou o contador do senhor duque!

Una fez-lhe uma pequena reverência e estendeu-lhe a mão.

— Sou Una Thoreau — disse ela.

— Você é filha de Julius Thoreau, o artista?

— Sim.

— Então, fico feliz em conhecê-la, srta. Thoreau.

— O senhor conhecia meu pai?

— Não, mas admirava suas pinturas, especialmente a que o duque acabou de comprar.

— Não a tinha visto até ontem — disse Una.

Percebeu que o sr. Beaumont parecia surpreso e, então, explicou:

— Vim para Paris ontem para ficar com meu pai, mas quando cheguei, soube que estava morto!

— Morto? — exclamou o sr. Beaumont, indagando-se por que o duque não o tinha informado a respeito disso.

— Foi um grande choque — disse Una. — Disseram-me que foi um acidente!

— Sinto muito — murmurou o sr. Beaumont.

Achou que ela parecia um pouco perdida e não conseguia entender por que o duque trouxera a filha de Thoreau para sua própria casa.

Mas, rapidamente, disse a si mesmo que não era assunto seu e seria muito desagradável se o duque pensasse que ele estava bisbilhotando com um de seus hóspedes.

— Espero que tudo esteja de seu agrado, srta. Thoreau — disse em voz alta. — Se não, basta tocar a campainha e pedir que um dos criados a conduza até meu escritório. Estarei à sua disposição.

— Muito obrigada — respondeu Una —, mas estou me divertindo, admirando esta sala adorável e suas pinturas.

— Sua Graça deverá retornar dentro de mais ou menos meia hora — disse o sr. Beaumont, olhando para o relógio do console.

Enquanto se afastava, ia pensando que era estranho o fato de o duque não ter lhe explicado, ao café, quem era a sua hóspede.

Deveria haver uma explicação razoável para ter convidado a filha de Thoreau. E, para ele, a mais provável seria esta: o duque a havia convidado para sua casa na Rue du Faubourg St. Honoré por bondade, pelo fato de vê-la órfã, desamparada e só.

— É algo bem dele — disse o sr. Beaumont, enquanto apanhava alguns papéis que mereciam sua atenção — pregar-me surpresas, quando menos espero por elas.

O duque, cavalgando pela parte deserta do *Bois*, divertia-se tentando controlar seu feroso cavalo.

Sentia-se livre e sabia que era pelo fato de estar longe de Rose. Naquele momento, pelo menos, era impossível que ela brigasse com ele e continuasse com seus pedidos de casamento.

— Uma boa coisa de Paris — pensou o duque — é que não se precisa pensar sobre a respeitabilidade e a reputação de uma mulher.

Estava cansado do argumento de Rose de que ele deveria se reparar, fazendo dela uma mulher honesta.

— Nada poderá fazê-la honesta — disse consigo mesmo.

Pensava que, se ela chegasse a se tornar sua esposa, era muito pouco provável que continuasse fiel a ele.

Ao pensar nisso, sentia que, de uma vez por todas, seu romance com lady Rose Caversham chegara ao final.

Por muito tempo, ela o excitara, agradara e divertira, e mantinham uma relação física que lhe dava um grande prazer.

Mas ele nunca amara nem respeitara Rose Caversham, e achava que isso nunca deveria acontecer em relação à mulher que escolhesse para sua esposa.

Enquanto cavalgava, voltou seus pensamentos para Una. Estava curioso para ver se ela seria tão adorável de dia como o fora na noite anterior.

Não podia deixar de admitir um interesse incomum em revê-la e admirar seu desempenho, aliás muito convincente, no papel de virgem inocente.

Dubucheron preparou-a muito bem, pensou o duque pela milésima vez, enquanto recapitulava o que acontecera na noite anterior.

O modo como Una se portara, a maneira com a qual conseguira chamar a sua atenção sem que, aparentemente, tivesse feito qualquer esforço para isso, tudo fora perfeito.

Subitamente, ocorreu-lhe uma idéia e disse consigo mesmo que achara uma falha nessa história toda.

Dubucheron tinha sido inteligente, mas ele era mais inteligente ainda.

Nenhuma garota realmente jovem e inteligente, pensava ele, indo pela primeira vez ao Moulin Rouge, deixaria de ficar chocada.

Estivera observando Una enquanto La Goulue dançava, e ela assistira ao espetáculo com a expressão fascinada de uma criança em uma pantomima.

Mas La Goulue não era o tipo que se encontraria em uma pantomima destinada a crianças.

O duque vira a dançarina quando de sua última estada em Paris e ficara sabendo algo sobre ela.

Seu nome era Louise Weber e seu apelido, que significava “glutão”, provinha de seu hábito de sugar a última gota de todas as taças, e também por causa de seu apetite voraz por comida e por prazeres sexuais.

Tinha sido uma genuína criança de rua e iniciara sua carreira passando de café em café, de *dance-hall* para *dance-hall*.

Tinha se tornado famosa graças a essa sua sexualidade grosseira e a essa vulgaridade tão franca.

Seus altos chutes, espirituosos, e a visão fugaz de duas polegadas de carne feminina nua, entre suas meias e suas calças embabadas, haviam lotado

os Élysées Montmartre, onde dançara antes de ir para o Moulin Rouge.

Mas, enquanto os homens se divertiam com a lascívia de seu corpo a requebrar e com o turbulento redemoinho de suas anáguas, qualquer mulher decente se sentiria mal com o clímax indecente e imoral de sua dança.

Eu os peguei!, pensou o duque, com uma sensação de júbilo. Dubucheron e sua pequena “protegida” tinham sido inteligentes, mas não o bastante.

Ao se aproximar do Faubourg St. Honoré, sentia-se realmente muito contente consigo mesmo, mas decidiu que não iria desmascarar Una imediatamente.

Embora não tivesse sido enganado com sua pretensão a inocente, ela o intrigava, e era, além disso, filha de Thoreau.

Então, o duque estacou.

— Talvez tudo seja mentira — pensou.

Dubucheron deve ter se lembrado de que ele comprara uma pintura de Thoreau e, no momento em que soube que ele estava em Paris, outra já o estava esperando.

O que poderia ser mais inteligente do que oferecer-lhe uma amante, de certa forma relacionada com o artista que ele admirava?

— Dane-se! — disse a si mesmo. — Preciso fazer perguntas sobre Thoreau!

Tinha a sensação de ter sido presenteado com um daqueles terríveis quebra-cabeças e, quase como um menininho com um brinquedo novo, sentia-se excitado com a idéia de que poderia confundir todo mundo, se achasse a solução.

Ao desmontar de seu cavalo, sentia uma grande ansiedade em rever Una, mas não da maneira como procedia com as outras mulheres, que, simplesmente, o atraíam fisicamente.

Isso era um desafio! E, para vencê-lo, estava pronto para usar todas as suas faculdades contra um homem e uma mulher que tinham planejado fazê-lo de vítima! Entregou sua cartola, luvas e chicote para os criados no vestíbulo e caminhou em direção ao salão.

Um criado abriu-lhe as portas e, ao entrar no salão, pensou, como o sr. Beaumont, que Una não estava lá.

Então, ela veio em sua direção e ele percebeu, quando viu o sol em suas faces e sobre seus cabelos, que era ainda mais linda do que pudera imaginar!

— Oh, estou muito feliz por ter voltado! — exclamou ela, quase ofegantemente. — Achei algo maravilhoso, tão maravilhoso que não posso esperar para lhe contar!

Não era a maneira como o duque esperava ser recebido, mas respondeu:

— Achou algo? Que quer dizer?

Estendeu-lhe o que trazia nas mãos e ele viu que era um desenho feito em um papel velho, quase amarelado.

Ele apanhou o papel e, como não pudesse conter sua excitação, Una disse:

— Encontrei-o no fundo de uma gaveta, junto com outros esboços, e tenho certeza de que o senhor não sabia que estava lá, pois senão, já o teria emoldurado.

— O que acha que é isto? — perguntou o duque, vendo que o desenho representava uma deusa rodeada por pequenos cupidos.

— Estou quase certa — disse Una — e talvez o senhor saiba melhor que eu, que é um estudo de Tiepolo, para uma de suas famosas pinturas.

Apontou com seu dedo para a figura e continuou:

— Olhe, pode-se ver seu estilo, e a maneira como Afrodite está sentada, o modo como segura sua mão, e os cupidos são idênticos àqueles outros que aparecem em suas pinturas.

Havia muito entusiasmo e excitação em sua voz, e o duque olhou para ela com um sorriso que, dessa vez, não trazia cinismo nem desprezo.

Ao fazer isso, notou que os olhos dela eram ainda mais bonitos à luz do sol e sua pele tinha a perfeição da pérola que acabara de ser retirada da ostra.

Seus cabelos eram maciamente dourados, como os das crianças, e seus cílios, arredondados, negros na raiz e quase dourados nas pontas.

Tudo nela, pensava o duque, era muito diferente da beleza que encontrara em outras mulheres e questionava-se há quanto tempo não ouvia alguém falar com tanto entusiasmo a respeito de outra coisa que não fosse de si mesmo.

— Precisamos verificar se você está certa a respeito deste esboço — disse, em voz alta.

— Espero que sim — disse Una. — Seria muito humilhante se tivesse me enganado.

— Por quê? — perguntou ele.

— Seria decepcionante ter alimentado suas esperanças!

— Minhas esperanças? — sorriu o duque. — A descoberta foi sua e se estiver certa, a glória também será!

— Talvez... eu não devesse ficar mexendo nas gavetas — disse Una subitamente, com um tom contrito em sua voz —, mas era uma cômoda tão bonita e estava no salão, pensei que não houvesse problemas...

— Fico feliz por você ter feito isso — respondeu o duque.

O duque levantou suas sobancelhas, quando ela continuou, nervosamente:

— Ao encontrar este esboço, pensei que... talvez... uma forma de trabalhar para o senhor fosse catalogar tudo o que possui nesta casa maravilhosa. Tenho certeza de que montes de tesouros devem estar perdidos ou esquecidos, e talvez eu pudesse encontrá-los.

— Penso que é uma boa idéia! — disse o duque.

Ao falar, tinha a certeza de que Beaumont, meticoloso como era, já deveria ter feito um inventário de tudo o que existia em sua casa do Faubourg St. Honoré. Certamente, havia inventários que eram checados a cada ano, como os de sua casa na Inglaterra e das *villas*. As companhias de seguro insistiam nisso.

Duvidava de que Una tivesse conhecimento disso, ou, se soubesse, tinha sido particularmente astuta, encontrando um bom pretexto para ser empregada.

— Você poderia ser meu curador — disse ele — e, naturalmente, teremos que decidir sobre o salário que receberá.

Ela não falou nada, e após um momento, ele perguntou:

— Tem alguma idéia? Tem algo em mente?

Pensava, ao falar, que isso poderia ser uma ótima desculpa para que ela pedisse um salário desproposital, ou afirmar mais modestamente que uma peça de joalheria, uma peça pequena, é claro, seria razoável!

Olhou para Una, que parecia estar pensando a respeito de sua sugestão. Então, ela disse:

— É uma pergunta bastante difícil de responder porque não tenho vivido na França. Mas sei quanto as professoras do convento recebiam para ensinar matérias específicas.

— E quanto é? — perguntou o duque.

— Transformado em francos — respondeu Una — daria por volta de seiscentos por ano.

Achou que o duque parecia surpreso e disse rapidamente:

– Naturalmente que não penso em receber tanto, mas talvez uns trezentos ou quatrocentos.

Isso, em dinheiro inglês, daria menos que vinte libras por ano, e, embora o duque concordasse que estivesse bem para uma jovem empregadinha, não era nada em comparação à soma que um curador experiente pediria.

Disse em voz alta:

– Talvez possamos deixar a questão do salário para mais tarde. Penso que será deleitável para você catalogar tudo o que achar de valor.

Una suspirou.

– Que maravilha! Nunca imaginei que uma sala pudesse ter tantos objetos valiosos e gostaria que papai tivesse visto suas pinturas.

– Acha que ele as teria apreciado?

– Naturalmente, embora ele pintasse em outro estilo – respondeu Una.

– Seu pai a pintou? – perguntou o duque.

– Somente quando era garotinha – respondeu Una –, mas nunca ficava satisfeito com seus retratos. Acho que preferia pintar paisagens, embora, algumas vezes, colocasse mamãe no conjunto, para conseguir o que ele chamava “equilíbrio”.

Falava com saudades; então, achou que estava se tornando mal-educada, falando tanto a seu respeito. Perguntou:

– Gostou de sua cavalgada?

– Muito – respondeu o duque. – E estava tão delicioso no *Bois* que pensei que talvez pudéssemos passear por lá e almoçar em um restaurante ao ar livre.

– O que quer dizer?

– Que isto é um convite!

– Podemos ir imediatamente?

– Você precisa me dar tempo para trocar minha roupa de montaria – sorriu o duque. – Penso que talvez você precise de um chapéu.

– Sim, naturalmente – disse Una. – Vou buscá-lo e estarei pronta num instante.

Seus olhos pareciam brilhar quando disse:

– Obrigada por me convidar. Foi o convite mais maravilhoso que eu poderia ter recebido.

Saiu da sala sem esperar por resposta e o duque olhou para ela,

perplexo.

Estaria, realmente, representando?

Então, disse consigo mesmo que já fora muitas coisas na vida, exceto uma: um simplório, que aceitasse o que seus olhos viam e seus ouvidos ouviam, sem utilizar sua mente.

No entanto, sorria ao subir as escadas em direção ao seu quarto.

Seu criado ajudou-o a trocar de roupas, e percebeu que Sua Graça estava com o humor muito melhor do que no dia anterior, quando chegara da Inglaterra.

O sr. Beaumont pensou o mesmo quando veio de seu escritório, no momento em que o duque descia as escadas.

— Ouvi dizer que deseja um coche, Sua Graça?

— Vou sair para o almoço — respondeu o duque.

— E tem planos para esta noite? — perguntou o sr. Beaumont.

— Não, no momento — respondeu o duque. — Quando os tiver, comunicarei.

O sr. Beaumont pensou, divertido, que o duque estava determinado a não fazer confidências e ele, igualmente, a não ser curioso.

No entanto, foram salvos de qualquer conversa quando Una apareceu.

Usava um chapéu exatamente no mesmo formato do que usara no dia anterior, com exceção de que este era totalmente em palha branca.

Na verdade, ela só tinha dois chapéus, aquele com o qual viajara, com laços azuis para combinar com seu traje de viagem, e este, que ornamentara com uma peça de *chiffon* rosa. Completara o arranjo com uma pequena rosa que ganhara das garotas do colégio.

Arranjar o chapéu a atrasara, mas ela achava que precisava compensar, de certa forma, o que sabia iria ser a magnífica elegância do duque.

E não se enganara. Em suas calças afuniladas, seu casaco bem cortado e elegante colete, ele parecia tão resplandecente que ela se sentiu conscientemente diminuída.

No entanto, não tinha nada mais para vestir e apenas esperava que o duque não notasse seus trajes.

Mas o duque, na verdade, prestou atenção em cada detalhe e, mais uma vez, achou que a pessoa que vestira Una fora muito esperta. Eram trajes muito adequados ao papel que ela estava representando.

O vestido de algodão simplesmente florido tinha sido, pensava ele,

desenhado por um mestre e, com o chapéu de palhas branca que aureolava seus cabelos loiros e suas faces de criança, ela poderia ter saído de uma pintura da Academia.

Una alcançou o vestíbulo.

— Espero não ter feito Sua Graça esperar — disse ela.

— Não há pressa — replicou ele —, mas como é um dia tão agradável, seria uma pena desperdiçá-lo!

— Um lindo, lindo dia! — disse Una — e eu vou passear no *Bois*!

O sr. Beaumont achou que ela encarnava o espírito da juventude. E também que nenhuma outra mulher das relações do duque diria que era um dia agradável porque iria passear com ele.

Quando já seguiam lado a lado em seu elegante coche, o duque perguntou a Una:

— Você já esteve antes neste *Bois*?

— Não por muito tempo — replicou ela. — Vim uma vez com mamãe para ver o aquário, e outra vez no inverno, quando havia patinadores no gelo.

Sua voz pareceu mudar quando disse:

— Não posso lhe dizer como era bonito. Havia trenós, com lindas mulheres e empurrados por cavalheiros distintos. Havia geada nas árvores e neve no chão e tudo compunha uma paisagem que me fazia ter vontade de ser artista.

— Você pode exprimir o que sente em prosa — sugeriu o duque.

— Está me dizendo para escrever um livro? — perguntou Una.

— Por que não?

— Seria uma coisa fascinante! — respondeu ela. — E talvez ganhasse um pouco de dinheiro.

Os lábios do duque curvaram nos cantos. Estamos chegando lá, pensou.

Mas, para sua surpresa, Una mudou de assunto, apontando com prazer para os homens-balão, flutuando entre as castanheiras, ao passarem pelos Champs-Élysées.

Não foi senão quando se sentaram para o almoço, em um dos restaurantes mais lotados, mas mais em moda do *Bois*, que ele teve chance de testá-la. As mesas estavam postas no jardim do restaurante; havia um pequeno lago à frente delas e árvores floridas.

— Há uma coisa que quero lhe perguntar — disse o duque, ao ver que os olhos de Una se fixavam nos cisnes brancos que nadavam majestosamente

sobre as águas serenas do lago.

— O que é? — perguntou ela.

— Estava imaginando — disse ele — o que pensou, na noite de ontem, quando viu La Goulue dançar. Certamente ela a surpreendeu, não?

Una não respondeu de imediato e o duque achou que a tinha embaraçado.

Eu estava certo, pensou ele. Nem Dubucheron nem esta garota pensaram que eu havia notado que ela não estava chocada, nem fez menção de não olhar a exibição da dançarina.

Ficou pensando como iria ela sair desse impasse em que a colocara por meio de uma simples pergunta.

Com seus olhos no rosto dela, esperou, pensando novamente que ela estava desempenhando o papel que lhe convinha.

— Papai sempre me disse — falou Una, após um momento — que não há nada errado na nudez. “É natural”, dizia ele, “e somente pessoas com mentes vulgares achariam que não há beleza nas pinturas de Afrodite ou nas estátuas de Vênus.”

— Eu concordo — disse o duque — mas quero saber o que pensou sobre La Goulue.

— Senti-me um pouco... embaraçada a princípio, pela maneira como ela dançava — replicou Una. — Então, vi que era como as pinturas feitas pelos povos primitivos, as quais nos parecem grosseiras e toscas mas que, na verdade, foram desenhadas por artistas que se esforçaram em busca de um ideal de beleza, que foi conseguido por Michelangelo e Botticelli.

O duque ouvia atentamente.

— Prossiga — disse ele.

— Os primitivos fizeram o melhor que puderam, e os murais nas cavernas e catacumbas representam os esforços de homens que somente conseguiam desenhar o que eram capazes de retratar.

— Está afirmando que a dança de La Goulue é primitiva, e é o melhor que ela pode conseguir? — perguntou o duque.

— Talvez esteja me explicando mal — disse Una, um pouco desamparadamente — mas enquanto eu, e acho também que o senhor, podemos admirar um balé maravilhoso como *Les Sylphides*, aquela mulher, ontem, dançava em direção de algo que, talvez, nunca consiga alcançar, mas que sabe ser a perfeição de sua arte.

O duque estava atônito. Nunca imaginara que alguém pudesse dar esse tipo de interpretação à deliberada voluptuosidade de La Goulue. Então, perguntou rudemente:

— Quem lhe disse para falar assim. Foi Dubucheron?

Una olhou para ele, surpresa.

— Não, é claro que não! O senhor sabe que não tive oportunidade de conversar com *monsieur* Dubucheron pois saímos mais cedo. De qualquer forma é somente o que penso. Estou errada?

Havia ansiedade nessa última pergunta e os olhos de Una procuraram o rosto do duque, como se ela tivesse medo de que houvesse uma expressão de reprovação nele.

— Não, errada não — disse o duque, lentamente —, mas eu estava francamente surpreso de que você não estivesse chocada com o que via.

— Se eu tivesse... se fosse algo que me chocasse... — disse Una — o senhor teria me levado lá?

Isso, pensava o duque, certamente passava a bola para o seu lado, e, então, replicou rapidamente:

— Tinha decidido ir ao Moulin Rouge, antes de encontrá-la.

— Fiquei contente de ter ido lá — acentuou Una — mas não gostaria de voltar.

— Por que não?

— Sei que mamãe não aprovaria a minha ida. Sempre soube que lá era um lugar para cavalheiros se divertirem.

— Tenho medo de que haja muitos lugares como esse aqui em Paris — disse o duque — e espero que você não diga que não pretende visitá-los comigo.

— Ficaria feliz em ir... a qualquer lugar que o senhor sugerir — respondeu Una —, mas o senhor não gosta mesmo da dança de La Goulue, não é?

— Por que me pergunta isso? — disse o duque.

— Porque sinto que gosta de belas coisas ao seu redor. Ninguém pode viver com os Fragonard e Boucher em suas paredes e outras telas em sua sala de jantar sem compará-las com os pôsteres diante do Moulin Rouge.

— Você os notou?

— Sim, enquanto estávamos esperando pelas carruagens.

— E sabe quem os desenhou?

— Toulouse-Lautrec, e quando o vi, entendi como somente ele poderia ter desenhado aqueles pôsteres tão “crus”, mas tão inteligentes.

— Você acha que um homem se expressa no que pinta?

Quando ele disse isso, Una lembrou-se da pintura que permanecia no cavalete, no *studio* de seu pai.

Aquilo era ele, representava como ele estava antes de morrer.

Desviou-se desse pensamento, como se fugisse de algo louco e ruim.

O duque viu a expressão em seu rosto e não entendeu.

Então, teve certeza de que Dubucheron estava por trás disso. Ele a havia treinado. Seria louco se pensasse que uma garota daquela idade pudesse falar como estava fazendo nesse momento.

Parecia ao duque que o quebra-cabeças chinês que esperava desenredar não era tão fácil quanto pretendia a princípio. Decidiu, então, tentar outra tática.

— O que gostaria de fazer hoje à tarde? — perguntou-lhe.

— Poderíamos passear em seu coche? — perguntou ela. — É tão lindo estar atrás desses cavalos magníficos e ver Paris de uma maneira que nunca esperava fazer.

— Você omitiu alguma coisa muito importante — disse o duque.

— O quê? — perguntou ela.

— Você não mencionou a pessoa que estará dirigindo.

— Quer dizer... o senhor?

— Estou me sentindo um pouco negligenciado.

Ela riu.

— O que Sua Graça quer dizer? Que o senhor dirige melhor que qualquer outro homem que já conheci? O senhor é tão gentil comigo que me sinto como se estivesse em um sonho. Rezo para que não me ache aborrecida muito rapidamente.

— Tinha medo que tivesse se esquecido de minha existência — disse o duque.

Ela riu novamente.

— Gomo isso seria possível? Estou achando tudo tão maravilhoso que tenho medo de, de repente, acordar e achar-me novamente no convento.

Os olhos do duque pestanejaram.

— Tenho dúvidas a respeito desse convento.

— Dúvidas? — perguntou ela.

— Sempre imaginei que garotas que saíssem diretamente da escola tivessem vergonha de falar, e fossem gordas por causa de todos os bons e saudáveis alimentos que comessem.

— Tive vergonha na primeira vez que o vi — disse Una, impulsivamente.

— Por quê?

— Não sei — respondeu ela. — Normalmente nunca sinto isso. Talvez porque nunca tenha conhecido gente muito distinta... mas não acho que seja só isso...

— Então por que terá sido?

— Talvez porque tenha me parecido tão... imponente — disse Una lentamente — mas acho que tinha mais outra coisa.

— Diga-me então!

— Todo mundo emite certas vibrações — explicou Una — e posso senti-las se são boas e agradáveis... Mas, às vezes, elas são quase que indescritíveis e não interessam.

— E as minhas vibrações? — questionou o duque.

— Senti que eram diferentes das de qualquer outra pessoa.

Ela o olhou nos olhos e disse:

— Sei que pensará que estou dizendo um bando de coisas sem sentido! Por que me fez falar de mim, quando quero conversar sobre o senhor e Paris?

— O que vem em primeiro lugar?

— Seria deselegante dizer Paris!

Ele riu.

— Não posso tirar você de meu espírito — disse ele. — Acho que é algo muito bom para ser verdade.

Viu que ela não entendera, e como não queria alertá-la de nenhuma maneira a respeito de seus reais sentimentos, disse:

— Vamos, eu lhe mostrarei Paris e, para falar a verdade, acho que vou me divertir guiando esses cavalos que emprestei de um amigo. Os meus chegarão amanhã, talvez.

— Está trazendo seus cavalos para Paris?

— Raramente vou a algum lugar sem eles!

— Que maravilha! — exclamou Una, completando: — Suponho que seja realmente rico!

Pensou por um momento e, então, continuou:

— Ter tantas propriedades pode ser, de alguma maneira, extremamente emocionante, mas, e se isso não for bastante?

— O que quer dizer? — perguntou o duque.

— Acho que sou muito ignorante em uma série de coisas sobre as quais falo — respondeu Una — mas li bastante e sempre me pareceu que os homens têm necessidade de um desafio.

Os olhos do duque demonstraram surpresa, mas ele não falou nada.

— Os homens desejam fazer coisas para atingir coisas, ser um vitorioso, um conquistador. Então, tornam-se heróis, a quem outros homens desejam imitar.

Una falava quase como se estivesse conversando consigo mesma, e o duque pensou, cinicamente, ao responder, que o fazia da mesma maneira que ao sr. Beaumont.

— O que me sugere que faça?

— Não sei o bastante para responder a essa pergunta — respondeu Una —, mas como é muito forte e tem vibrações vitais, sinto que poderia ser como Jasão, que procurou o velo de ouro, ou Hércules, que lutou em seus “Doze Trabalhos”, ou, talvez, *sir* Galahad, na procura de seu santo Graal.

Havia algo na sua maneira de falar que impressionava o duque.

— Você realmente me surpreende. Ao mesmo tempo, sinto-me lisonjeado por pensar que eu seja capaz de tais façanhas. Mas acho que devemos ir agora.

Una olhou à sua volta e viu que quase todas as pessoas que haviam chegado à mesma hora que eles já tinham partido. Levantou-se rapidamente.

— Eu é que deveria ter sugerido que nós fôssemos embora? — perguntou, tendo a impressão de cometer um erro social.

— Não — disse o duque. — Nessas ocasiões deve haver uma concordância.

Viu alívio no rosto de Una e não disse nada enquanto saíam do restaurante, e passavam pelos maravilhosos recantos do *Bois*, que tinham sido planejados pelo barão Hausseman.

Então, ela disse:

— Quando gentilmente me convidar para ir a algum lugar, Sua Graça, diga-me, por favor, como devo me comportar. Tenho medo de cometer alguma gafe.

— Você ainda não cometeu nenhuma — assegurou-lhe o duque.

— Nunca freqüentei lugares da moda, anteriormente, ainda mais com um homem como o senhor.

— Com que homens já esteve? — perguntou ele rapidamente.

— Sinto dizer que não conheci muitos — respondeu Una. — Papai, naturalmente, e um cavalheiro que costumava ir à nossa casa, quando vivíamos no campo. Havia o padre que ouvia as confissões das garotas e dizia a missa no convento, todo domingo!

Pensou antes de continuar:

— Havia o doutor, um italiano que costumava fingir que ralhava comigo por nunca adoeecer e um professor de música.

— Como era ele? — perguntou o duque. — Já ouvi falar muito de professores de música.

— Era muito, muito velho — respondeu Una — mas já havia tocado em uma orquestra famosa.

Sorriu ao continuar:

— As garotas que não queriam aprender, por achar muito aborrecido, costumavam distraí-lo falando dos velhos tempos, e assim a lição acabava e elas não tocavam uma só nota.

— Você fazia isso? — perguntou o duque.

— Não. Estava ansiosa para aprender, embora soubesse que nunca seria uma ótima pianista.

— Estava falando sobre os homens que conhecia — interrompeu o duque.

— Acho que é só — disse Una —, excetuando-se, naturalmente, *monsieur Dubucheron* e o senhor!

— Espera que eu acredite nisso? — perguntou o duque.

— Penso que não esqueci ninguém — respondeu Una. — Naturalmente havia o carteiro e o jardineiro do convento, e os guardas que costumavam parar o tráfego quando tínhamos que atravessar as ruas para irmos a alguma galeria. Eles costumavam piscar para as garotas mais velhas, o que deixava as freiras muito bravas.

Ela é muito inocente para ser real, repetia o duque para si mesmo.

Sentia que Una estava começando a hipnotizá-lo.

Se isso continuar, pensava, acabarei por acreditar nessa história de fadas, do começo ao fim.

Calou-se por um momento e, então, olhou para o lado, para ver se ela

esperava que a conversa continuasse.

Para sua surpresa, Una estava se deliciando com os lugares por onde passavam e, aparentemente, não ficara perturbada por ter perdido sua atenção.

— Onde gostaria de jantar hoje à noite? — perguntou, e Una virou-se para ele.

— Jantar? — perguntou ela. — Quer dizer, em um restaurante?

— Por que não? Penso que você acharia interessante e, é claro, gostaria de mostrar aos outros a linda dama que me acompanha.

— Pretende convidar *mademoiselle* Toyant?

O duque lançou-lhe um olhar rápido, antes de responder:

— Pretendia que jantássemos sozinhos.

Houve silêncio. Então, Una disse:

— Gostaria muito, mas tenho medo de que não vá ficar propriamente orgulhoso de mim, porque só tenho aquele vestido de noite que vesti ontem.

Os olhos do duque pestanejaram.

Finalmente! Aí estava a falha que estivera esperando!

— Bem, isso pode ser remediado facilmente — disse ele. — Se seu guarda-roupa é tão limitado, então precisamos fazer algo.

— O que... quer dizer?

— Quero dizer que você deve escolher alguns vestidos que gosta, e eu pagarei a conta.

Falava bruscamente, porque achava que já tinha jogado demais. Melhor que fossem direto ao fundamental.

Houve silêncio e como ela não falasse por muito tempo, o duque virou-se novamente para olhar a pequena face que o encarava.

— O que é? — perguntou.

— Acho que não entendi — respondeu Una. — Está sugerindo me dar um vestido?

— Tantos quanto queira — disse o duque negligentemente. — Não precisa ter medo de me levar à falência.

— É muita gentileza de sua parte — disse ela, com uma voz um pouco hesitante. — O senhor é muito generoso, mas não posso aceitar um vestido como presente e... demorará um pouco até que eu possa comprar um com meu próprio dinheiro.

O duque hesitou em dizer o que gostaria: “Pare de fingir!” Pensou que

ela quisesse continuar a farsa e achou melhor não interrompê-la.

Talvez ela pensasse que, fazendo isso, conseguiria recompensas maiores antes de sucumbir.

Mas, disse simplesmente:

— Não está sendo agradecida a um presente que quero lhe ofertar.

— Não estou sendo ingrata — disse Una — e, como já disse, o senhor é muito, muito gentil, mas isso não é certo e somente posso lhe agradecer de novo e dizer não!

— Por quê? Não entendo!

— Mamãe sempre me disse que uma dama nunca deveria aceitar um presente de um cavalheiro.

O duque lembrou-se de todas as mulheres que já haviam aceitado, alegremente, tudo o que ele lhes dera.

Começava com uma pequena jóia, um broche, um bracelete, um par de brincos, então subia em direção às pérolas que custavam muito dinheiro, e vestidos, peles, e muitas outras coisas.

Por um momento não acreditou que Una quisesse recusar seu oferecimento: ela deveria estar simplesmente esperando que ele insistisse um pouco mais.

— Acho que a coisa mais razoável a fazer — disse ele — é levá-la a um dos costureiros famosos da Rue de la Paix e sugerir que ele lhe desenhe coisas que expressem sua personalidade e sua originalidade. Nesse meio tempo, ele providenciará algumas peças que poderá ir usando até que suas criações estejam prontas.

Una apertou suas mãos.

— Eu terei condições de comprar meu vestido novo, quando *monsieur* Dubucheron me entregar o dinheiro da venda da tela de papai.

O duque deu um sorriso curto.

— Isso não é uma solução prática. E não pensei que fosse tão tola!

— Tola?!

— Você sabe tanto quanto eu que qualquer dinheiro que receba da venda de pinturas de seu pai, ou que consiga ganhar, deve ser guardado para eventualidades futuras! Elas sempre aparecem, mais cedo ou mais tarde! Nesse meio tempo, estou pronto a ser seu banqueiro e não deve recusar minha oferta!

— Estou tentando lhe explicar — disse Una — isso... não seria direito.

Mamãe me disse que, se uma moça está noiva de um cavalheiro, este poderá presentear sua noiva com um leque ou um par de luvas, pelo Natal; mas algo mais poderia ser mal interpretado por alguém que viesse a saber.

— Mal interpretado? Como? — perguntou o duque divertido. Una fez uma pausa; então, disse, hesitantemente:

— Mamãe disse-me que uma garota seria considerada... leviana se consentisse que um cavalheiro, por mais que o conhecesse, lhe presenteasse com uma peça de roupa.

— Se sua mãe achava isso leviano — disse o duque — o que acha que ela pensaria do fato de você estar sozinha em minha casa, sem uma dama de companhia?

Houve silêncio, antes que Una dissesse lentamente:

— Não tinha pensado nisso... até agora. Agi erradamente em aceitar seu convite? Não tinha nenhum outro lugar para onde ir!

Havia um ligeiro toque de pânico em sua voz e o duque disse:

— Pessoalmente acharia extremamente estúpido se tivesse recusado meu convite, e fosse forçada a procurar alojamento no meio da noite.

— Teria sido apavorante!

— Tendo engolido um camelo — disse o duque — por que não tentar comer um mosquito?

— Quer dizer que estando em sua casa... posso autorizá-lo a me dar um vestido?

— Não apenas um vestido, mas tudo o que precisar.

Una ficou em silêncio, antes de perguntar:

— Por favor... posso pensar sobre isso?

— Naturalmente — respondeu ele. — Tenha o tempo que quiser, e talvez possamos ir a algum lugar calmo esta noite, de forma que não precise me envergonhar de você.

Falara rudemente, pois não conseguia esconder a irritação que a resistência de Una lhe causava.

Desejava vesti-la. Desejava que ela parecesse tão bonita quanto sabia que poderia ficar em um daqueles exóticos vestidos criados em Paris, e copiados por todas as mulheres do mundo que seguiam a moda.

Dane-se!, pensou ele. Está na hora de eu assumir o comando deste drama, que só poderia estar acontecendo em Paris e ser escrito para atores franceses e não ingleses!

CAPÍTULO V

Continuaram a passear, até que o duque resolveu falar novamente:

— Qual é sua pedra favorita?

Una, que obviamente estava pensando em outra coisa, pareceu se assustar com sua voz.

— Pedra?!

— Quero dizer jóia — explicou o duque. — Todas as mulheres amam jóias. Suponho que não seja uma exceção.

Una pensou por um momento e, então, disse:

— Acho que as turquesas são muito bonitas e, tenho certeza de que sabe que, no Oriente, elas têm fama de dar sorte.

— Ouvi isso — disse o duque.

— Mamãe disse-me que os tibetanos que mineram nas montanhas sempre usam uma turquesa para espantar o “mau olhado”.

Ela deu um pequeno sorriso.

— Não penso que tenha medo do mau olhado, mas nos livros que li ele era uma ameaça real nos tempos medievais.

O duque percebeu que, mais uma vez, ela estava fugindo do assunto que queria discutir.

— Se tivesse que escolher, preferiria uma turquesa a qualquer outra pedra?

— Ficaria muito feliz de possuir uma — replicou Una — mas, como nasci em julho, acredito que minha pedra seja o rubi.

O duque sorriu interiormente.

Estava melhorando. Agora ela começava a mostrar seu interesse por jóias caras, as quais, tinha certeza, acabaria pedindo.

— Ao mesmo tempo — continuou Una — penso que os rubis são um pouco sinistros e, talvez, a melhor e mais linda jóia seja uma pérola.

— Pérolas podem ser muito caras.

— Tenho certeza de que todas as jóias o são — replicou ela — por isso mesmo acho muito improvável que eu venha a ter uma.

Deu um pequeno suspiro.

— Mamãe disse-me que o que mais sentira vender, quando ela e papai

vieram para a França, tinha sido um diamante em meia-lua que sua avó lhe deixara em testamento.

— Mas o que é que você gostaria de possuir realmente? Pérolas? Diamantes?

— Quer saber mesmo a verdade? Eu preferiria ter algo mais que todas as jóias do mundo — replicou Una.

— O que é? — perguntou o duque, curiosamente.

— Cavalos como esses que está guiando e que, penso, são iguais aos que possui.

O duque estava espantado.

Mais uma vez estava sendo incapaz de manter sua atenção, fato que nunca lhe ocorrera antes com qualquer outra mulher.

— Se tivesse um cavalo, onde iria guardá-lo? — perguntou. Una riu alegremente.

— Dificilmente poderia esperar que o senhor o convidasse, como fez a mim, e, provavelmente, teria problemas se o deixasse solto no *Bois*. A não ser que ele fosse invisível...

— Isso, sem dúvida, evitaria uma série de problemas — concordou o duque, percebendo que estava entrando na fantasia.

— Sempre achei muito injusto que os imortais e os bruxos pudessem fazer várias coisas que todos teriam vontade.

— Que tipo de coisas?

— Um espelho mágico na parede — respondeu Una — que dissesse o caráter verdadeiro da pessoa que estava se olhando nele.

— Acho que está fazendo justamente isso, sem precisar da ajuda de um espelho mágico — respondeu o duque.

— Talvez seja uma presunção minha — disse ela — mas, algumas vezes, posso saber não só como são as personalidades das pessoas, mas também o que está acontecendo em suas vidas.

— Você é uma vidente? — perguntou o duque, desdenhosamente.

— Não exatamente.

— E tem alguns prognósticos a meu respeito?

Ela hesitou por um momento, Então, disse:

— Talvez... não queira ouvir.

— Não só quero, como insisto — disse o duque. — Mas se fizer algumas observações ambíguas, não as ignorarei.

— Bem, ontem no jantar, pensei que conversava e via o que estava acontecendo... mas, ao mesmo tempo, somente observava e não participava realmente.

O duque não falou nada e ela soltou uma pequena exclamação.

— Mais uma vez estou me explicando mal, mas era como se todo mundo à sua volta estivesse no palco e o senhor na platéia.

— Não digo que seja correto, mas gostaria de ouvir mais sobre o que achou.

Ao falar, tinha a certeza de que Dubucheron, que era um aguçado juiz dos homens, tinha lhe dado um rápido esboço de seu caráter, antes do jantar.

Agora, Una demorou-se bastante antes de continuar; então, disse em voz baixa:

— Posso estar errada, mas penso que talvez esteja tentando se decidir a seu respeito.

Após ter dito isso, desviou seu olhar.

Subitamente, ele percebeu que ela se sentia, não propriamente envergonhada, mas consciente de que estava falando algo que lhe vinha de dentro.

Era espantoso, mas ele achou que seria um erro afirmar isso e, simplesmente, respondeu:

— Não está dizendo as coisas claramente.

— Não é muito claro para mim — disse Una — mas é algo que talvez esteja para acontecer. Às vezes consigo prever coisas.

— Prever? — perguntou o duque. Una sorriu.

— Papai disse, certa vez, que se estivéssemos bem alto, poderíamos enxergar Chertfourg, Nova York e um navio no Atlântico.

Olhou para o duque, por sob seus cílios, como se tivesse medo de o estar aborrecendo, mas vendo que ele estava ouvindo, continuou:

— As pessoas a bordo do navio pensariam que tinham deixado Chertfourg ontem, e hoje estavam no meio do oceano e, alguns dias depois estariam em Nova York.

— Compreendo o que quer dizer! — disse o duque calmamente. — Para você e para mim, subir bem alto seria ver tudo acontecer em um mesmo instante.

— Exatamente! — disse ela. — E é por isso que, algumas vezes, quando estou muito interessada em uma pessoa, posso ver um pouco de seu ontem e

de seu amanhã, desde que esteja participando um pouco do seu hoje.

— E está muito interessada em mim?

— Naturalmente — respondeu ela. — Acho que é a pessoa mais complicada, difícil e, naturalmente, mais fascinante que já vi em meu espelho mágico.

Riu, ao falar isso, e o duque sorriu.

— Você está me deixando nervoso — disse ele. — Suponha que acabe descobrindo que sou, na verdade, um bicho-papão disfarçado? O que você faria?

Ela não disse que era impossível, mas, simplesmente, respondeu:

— Poderia fugir em minhas botas de sete léguas invisíveis antes que soubesse o que estava acontecendo! Poderia, mesmo, enfeitiçá-lo!

O duque pensou que tinham caminhado longe demais, com relação ao assunto inicial, que eram as jóias.

Agora, voltavam à Rue du Faubourg St. Honoré e o passeio acabara. Subitamente, tomara uma decisão: ao invés de levá-la à loja de Oscar Massin, como pretendera, iria sozinho e lhe compraria um presente; então veria como ela se comportaria quando o recebesse.

Assim, ao desembarcarem, disse aos criados que conservassem seu coche e acompanhou Una até o vestíbulo.

O mordomo adiantou-se para dizer:

— Há um cavaleiro que deseja ver Sua Graça. Espera na antecâmara.

O duque imaginou que seu visitante deveria ser Dubucheron, com as pinturas de Thoreau que, sem dúvida, havia recolhido em Montmartre.

Enquanto isso, sem dizer nada, Una subiu as escadas.

O duque, então, seguiu pela passagem que ligava à antecâmara, onde usualmente recebia os revendedores como Dubucheron, que traziam algo para vender.

Ao seguir, certificou-se que deveria usar essa oportunidade para saber mais a respeito de Una, embora estivesse quase convencido de que Dubucheron tentaria ser misterioso a respeito dela e de seu passado.

Una já estava no meio da escada, quando uma súbita idéia lhe ocorreu.

Por um momento, permaneceu indecisa. Então, correu escada abaixo e entrou no vestíbulo.

— Quero um carro de aluguel — disse ela a um dos criados. Este pareceu surpreso, mas não lhe cabia fazer qualquer observação a respeito; correu

através do pátio até a rua e voltou dentro de poucos segundos, com um *fiacre* aberto, puxado por um cavalo magro e cansado. Ele abriu a porta e Una subiu.

— Para onde, *mademoiselle*?

— Por favor, peça-lhe que se dirija à Rue de l'Abreuville n.º 9.

O criado deu a ordem ao cocheiro e eles partiram.

Somente depois de já terem andado por um tempo é que Una se perguntou se deveria ter deixado um recado ao duque, dizendo para onde estava indo.

Ocorrera-lhe subitamente que *monsieur* Dubucheron conseguira uma boa soma com a venda da tela de seu pai, e que deveriam existir outras no *studio* que também poderiam ser vendidas.

Teve a impressão de que o duque não iria permitir que ela gastasse o dinheiro que ele havia pago pela pintura de seu pai.

Mas, se encontrasse outros compradores para essas pinturas, poderia comprar um vestido novo, para que o duque não ficasse envergonhado dela.

Percebera que o aborrecera recusando admitir que ele lhe comprasse roupas novas, como havia oferecido.

Estava certa, apesar do que ele pudesse dizer, que sua mãe iria achar isso extremamente repreensível, se aceitasse presentes, não apenas de um cavalheiro, mas de um que tinha acabado de conhecer.

Sua mãe tinha sido muito orgulhosa e ensinara Una de que não era crime ser pobre. Somente era errado quando as pessoas fingiam ser diferentes do que eram na realidade.

Quando Una cresceu, começou a entender esse orgulho que impedia as pessoas de aceitarem presentes, a não ser que pudessem retribuí-los.

Sabia, agora, que sua mãe pensaria que estaria se humilhando, se admitisse que o duque pagasse por suas roupas, por mais bondoso que ele fosse.

— Preciso aprender a andar por meus próprios pés — disse ela. — Deve existir uma maneira de conseguir dinheiro rapidamente, e ter um vestido novo, ainda que seja para amanhã.

— Se puder vender unia das pinturas de papai — planejou Una — então poderei ter um bonito vestido novo e o duque não só ficará surpreso, como também orgulhoso de me ter ao seu lado.

Percebeu que gostaria que ele a admirasse, que achasse que ela estava

bonita.

Então, ao se lembrar de Yvette Joyant e das outras damas que estavam sentadas no restaurante do *Bois*, sentiu seu ânimo diminuir.

Como poderia ela parecer tão elegante quanto essas mulheres? Estava certa de que aqueles vestidos custavam muito mais do que poderia ganhar em anos a fio.

Parecia a Una que se lhe impusera uma tarefa impossível: a de tentar copiar qualquer uma daquelas mulheres. Mas tinha que tentar, de qualquer maneira.

— Ajude-me, mamãe — murmurou. — Ajude-me a proceder corretamente, a fazer aquilo que a senhora quer e, ainda, a agradar ao duque.

Tinha a impressão de que seria difícil conciliar aquelas duas pessoas que, no momento, ocupavam todos os seus pensamentos.

Em meio a tantos pensamentos Una até se assustou quando avistou o *Sacré Coeur*. O cavalo subia a montanha muito, muito lentamente. Ali estavam os artistas em seus ternos de veludo, trabalhando em seus cavaletes, a cada esquina, nos portais e, como já vira anteriormente, na praça, sob as árvores.

Logo após, chegaram à Rue de l'Abreuville, a casa onde seu pai mantivera o *studio* parecia ainda mais suja e decadente do que no dia anterior.

— Por favor, poderia esperar um pouco? — perguntou Una ao cocheiro.

Ele concordou, obviamente pensando que se tratava de alguém muito rico, dado o lugar em que a apanhara, e Una atravessou correndo a calçada, em direção à porta.

Subiu as sujas escadas e entrou no *studio*.

A primeira coisa que notou foi que alguma coisa fora arrumada desde o dia anterior.

Muitos dos trastes que lotavam quase todo o cômodo tinham sido varridos para um canto.

Então, ao voltar-se, viu uma enorme montanha de lixo empilhada a um canto, embora ainda houvesse muita coisa que devesse ser anexada a ela.

— De onde apareceu você? — perguntou uma voz.

Una assustou-se, pois não imaginava que houvesse alguém mais ali. Então, de trás de um cavalete que o escondia, apareceu um homem, de aparência jovem que ela percebeu ser um artista.

Trazia uma palheta em uma das mãos e um pincel na outra.

— Você alugou este *studio*? — disse Una, em resposta à sua pergunta.

— Mudei-me esta manhã — respondeu ele — e está uma desordem.

Una quase contou que essa desordem fora feita por seu pai, mas achou que essa informação poderia ser embaraçosa; assim, ao invés, disse:

— Não sabia que havia alguém aqui. Vim para ver se havia alguma pintura deixada pelo inquilino anterior.

— Elas já foram levadas — replicou o artista.

— Levadas? — repetiu Una, quase que estupidamente.

— Apareceram dois homens e as levaram esta manhã — explicou o artista. — Acho que um deles era um *marchand*.

— *Monsieur Dubucheron*? — perguntou Una.

— Não sei. Como ele não estava interessado em mim, não vi razão de ficar curioso a seu respeito.

O artista falava ressentidamente e Una pensou que, provavelmente *monsieur Dubucheron* não tivesse achado suas pinturas vendáveis. Olhou em direção à grande pilha de lixo, imaginando se não haveria ali alguma coisa de valor, mas não tinha certeza se o artista a espiava ou não.

Então, ele disse:

— Você é muito bonita! Um tipo que não se espera encontrar em Montmartre!

Una deu-lhe um vago sorriso. Ainda pensava se valeria a pena procurar no meio daquele entulho alguma coisa que pudesse ser vendida.

— Já posou como modelo? — perguntou o artista.

Os olhos de Una se arregalaram. Aí estava uma idéia na qual ainda não pensara.

Sabia que artistas usavam modelos e, como dissera ao duque, seu pai pedia à sua mãe que posasse para ele algumas vezes, mas nunca lhe ocorrera que fosse algo que pudesse fazer.

— Os modelos são pagos? — perguntou ela

— Naturalmente! — respondeu o artista. — Elas selecionam e escolhem para quem querem posar, principalmente se são primas-donas!

— Pode me dizer... quanto ganham?

Ele espremeu os olhos e Una achou que ele a media, como se a visse agora, de uma maneira diferente.

— Se você posar para mim — disse após um momento — eu pagarei o

dobro do que pago à bruxinha que me deixou por alguém que acha mais importante que eu.

Sorriu enquanto completava:

— Acho que você não faria uma coisa horrível dessas! Deixar uma pintura inacabada!

— Não, é claro que não — disse Una. — A sua pintura está inacabada?

— Venha e veja você mesma — sugeriu ele.

Ela caminhou em direção a ele, esperando, ao fazer isso, que sua pintura não se parecesse com aquelas de seu pai, que não haviam lhe agradado.

No entanto, quando a viu no cavalete, notou que era muito diferente de tudo o que Julius Thoreau fizera, quando ela ainda vivia com ele.

Olhou para a tela no cavalete e disse:

— Penso... embora não tenha certeza... que você é um impressionista.

— Sou — respondeu ele — e muito me orgulho disso, a despeito de os jornais dizerem que somos anarquistas, maus e aventureiros inescrupulosos que querem blefar o público.

— E têm sido descritos — completou Una — como os inimigos da “pureza” da arte francesa.

— Eles dizem tudo o que lhes vem à cabeça — disse o jovem artista. — O que incomoda muita gente é o fato de sermos “diferentes”.

Una sabia que isso era verdade e sempre achara ridículo alguém dizer que havia um modo “correto” de pintar uma árvore, um campo ou um rio.

As obras de seu pai eram diferentes das que vira nas galerias de arte e ela sabia que os grandes pioneiros do Impressionismo tinham uma visão nova de tudo o que viam.

Disse a si mesma que o que tinha estudado nas famosas galerias de Florença não havia lhe proporcionado um verdadeiro mergulho no Impressionismo.

No entanto, não conseguia deixar de achar que os esforços desses artistas não tivessem o mesmo toque de mestre que podia reconhecer em todas as pinturas, quaisquer que fossem seus períodos.

Entendia que os impressionistas tinham dado uma nova luz e uma nova vida às suas pinturas, mas a pintura que jazia no cavalete parecia-lhe não só sem vida como também borrada.

Mas trazia, via ela, um vago esboço de uma mulher em primeiro plano, que ainda não fora completada com nenhum detalhe.

Como se tivesse feito essa pergunta, o artista disse:

— Eu raspei o que já tinha feito. Não quero aquela mulher de volta, nem que me implore de joelhos!

— Ela deve tê-lo deixado furioso!

— Deixou — respondeu ele — mas não são mulheres como você!

— Ao menos espero! — replicou Una. — E entendo que seja aborrecido perder o modelo quando a pintura já está na mente.

— Será melhor começar de novo — disse o artista, melancolicamente.

— Você tinha outro *studio* em Montmartre? — perguntou Una.

— Tinha o canto de um — respondeu ele. — Fui chutado hoje de manhã. Por isso, vim para cá.

Olhou para a desordem atrás dele.

— Isso está bastante horripilante, mas logo eu darei um jeito, não se preocupe. Há um quarto de dormir subindo as escadas, onde você pode tirar a roupa.

— Ti... tirar a... roupa?! — perguntou Una, com uma voz que parecia morrer na garganta.

— Sim. E rapidamente! — disse ele. — Logo a luz irá embora!

— Mas eu não posso! — disse Una. — Quero dizer... pensei que pudesse posar assim como estou!

O artista já estava olhando para sua tela.

— Não — disse brevemente —, eu a pintarei como uma ninfa saindo da floresta. Já posso ver claramente. Rápido, vamos!

— Desculpe-me... — disse ela — se o induzi a um erro... mas não posso ficar!

Ele voltou-se e Una percebeu que tinha uma expressão de fúria nos olhos.

— Bancando a difícil, hein? — disse ele. — Ou veio aqui por alguma razão diferente?

Una estava verdadeiramente apavorada. As palavras morreram em seus lábios, ao ver o pintor depositar sua palheta e dar um passo em sua direção.

— Disse que você era muito bonita — disse ele — e agora sei qual é o seu joguinho! Bem, a pintura pode esperar...

Ergueu suas mãos em direção a ela, e Una ficou terrificada.

— Não, não! — disse ela, afastando-se. Com um sorriso nos lábios, ele a seguiu. — Não — gritou ela, novamente.

Ele deu uma risada, quase um grito, ao dizer:

— Se queria uma caçada, vai tê-la! E quando a tiver despido, parecerá exatamente como quero que pareça! Não há nada como combinar negócios com prazer!

Falava de uma tal maneira que Una sentia claramente que estava ameaçada por algo muito, muito terrível!

Então, quando ele a agarrou, gritou, conseguiu livrar-se e correu em direção à porta.

— Você não escapará! — berrou ele.

Quando Una gritou novamente, através da porta que ela deixara semi-cerrada, apareceu um homem. Ao lançar-se contra ele, presa de um terror imenso, percebeu que se tratava do duque!

Uma hora antes, o duque entrara na antecâmara para, como esperava, encontrar ali Philippe Dubucheron, com meia dúzia de telas.

Philippe tinha um sorriso nos lábios que incomodava muito o duque. Dava a impressão de estar se rejubilando por seus planos estarem indo tão bem, uma vez que o duque parecia encantado com Una.

Quando o criado fechou a porta, o duque, ao invés de apertar as mãos de Dubucheron, dirigiu-se ao lugar onde estavam as telas encostadas em uma cadeira.

— Encontrou mais telas de Thoreau? — perguntou.

— Sim, Sua Graça. A maioria delas parece apenas esboços, mas são interessantes e representam o resultado de seus últimos esforços.

Philippe Dubucheron não tinha intenção de contar ao duque sobre a pintura em que Julius Thoreau estivera trabalhando ao morrer e que, neste momento, estava em sua galeria, esperando para ser queimada.

Reconhecera, como Una, que aquilo eram rodeios e rodeios de uma mente embriagada, que fizera com que seu pincel deslizasse ferozmente em uma paródia de cores, desagradavelmente reveladora.

O duque esperou e Philippe Dubucheron levantou as telas do chão e colocou-as em um sofá, onde recebiam boa luz da janela.

Havia apenas uma que interessara ao duque: era uma tela inacabada representando Una, quando criança.

Podia compreender por que dissera que seu pai não ficava contente com os retratos, mas ao mesmo tempo não havia dúvida sobre quem tinha posado.

Na paisagem, havia uma pequena e atraente casa, a qual, supôs, deveria ter sido a casa da pequena família à qual Una sempre se referia.

Ocorreu-lhe imediatamente que uma de suas suspeitas era infundada.

Una, sem dúvida, era filha de Thoreau e ele ficou, por um bom tempo, mirando a pintura, imaginando o que mais, do que ela dissera, seria verdade e se ele não a teria julgado mal desde o início.

Mas havia algo na atitude de Philippe Dubucheron que fazia com que o duque se sentisse enganado e usado.

— Não é uma coleção muito boa — disse o duque, em voz alta.

Assumia automaticamente a autoridade fria e altiva que lhe era habitual quando estava em presença de gente que não gostava, ou quando queria se afirmar.

Isso, o fazia parecer muito diferente, pensava Dubucheron, daquele anfitrião ótimo da última noite ou do homem que saíra do Moulin Rouge com Una, deixando-lhe a desagradável tarefa de aplacar a ira de Yvette Joyant.

— Isso foi tudo o que encontrei no *studio* de Julius Thoreau, Sua Graça — respondeu ele —, embora devam existir mais pinturas dele em Montmartre. Somente preciso de tempo para procurá-las.

Ao falar isso, pensou que, na verdade, era algo improvável. Ao mesmo tempo queria manter vivo o interesse do duque. E estava curioso para saber a respeito de Una.

Percebendo que os olhos do duque haviam se demorado sobre a tela que representava Una quando criança, disse:

— Talvez a srta. Thoreau saiba se alguma das telas de seu pai foi deixada em loja, depois da morte de sua mãe. Foi quando ela foi enviada a Florença que seu pai vendeu a casa no campo e se mudou para Montmartre.

— Deduzo que ela não o viu desde então — respondeu o duque. — Assim, é improvável que saiba o que ele fez em sua ausência.

— É verdade — admitiu Philippe Dubucheron. — Ao mesmo tempo, poderíamos perguntar-lhe.

— Sim, poderíamos fazer isso — concordou o duque. — Pensou por um momento, antes de dizer: — Você me disse que somente conheceu a srta. Thoreau ontem, quando ela chegou a Paris e soube que seu pai estava morto.

— É correto — replicou Dubucheron, imaginando por que o duque perguntava e, pela primeira vez, percebeu que ele suspeitava de algo, embora não soubesse de que e por quê.

— Foi muita sorte que você estivesse lá justamente nesse momento — continuou o duque.

— Mais felizarda foi a jovem — respondeu Dubucheron. — Sua Graça sabe que uma pessoa tão bonita, especialmente em Montmartre, poderia se meter em toda espécie de confusão.

O duque produziu um som de assentimento.

— As muitas histórias sobre jovens artistas — continuou Philippe Dubucheron — não são infundadas. Sua moral e seus hábitos alcoólicos estão deixando a arte má afamada, o que faz com que fique difícil de se vender qualquer pintura deles ou de outros pintores modernos.

— Mas tenho certeza de que você sempre consegue vender um bom quadro — disse o duque, friamente.

Philippe Dubucheron fez um gesto expressivo com suas mãos.

— Como diz Sua Graça, eu consigo, porque faço tudo por todos. E isso, obviamente, reforça a questão de como posso ser útil à Sua Graça, sempre.

O duque empertigou-se, como se ele tivesse sido impertinente, e Dubucheron, tendo a impressão de que puxara o anzol de um peixe que ainda não mordera a isca, permaneceu em silêncio. Uma das coisas mais inteligentes a seu respeito era saber quando falar e quando calar-se.

E, se um cliente não respondia imediatamente a uma vaga sugestão sobre o que poderia interessá-lo, ele nunca pressionava, mas, ao contrário, esperava.

Aprendera, com sua longa experiência, que, mais cedo ou mais tarde, eles eram obrigados a declarar o que queriam, sem que tivesse que ter feito qualquer coisa para isso.

Como se o duque decidisse interromper a conversa, disse:

— Gostaria que a srta. Thoreau visse estas pinturas. Como, por direito, elas lhe pertencem, talvez queira guardar algumas e, francamente, elas não me interessam.

— Entendo — disse Dubucheron. — Devo deixá-las com Sua Graça e voltar mais tarde.

— Não, não. Vou pedir-lhe que venha agora.

Ocorrera ao duque que talvez soubesse algo mais a respeito dessas duas pessoas e suas ligações, se os visse juntos.

Na noite anterior, estivera observando Una e não Dubucheron. Agora pensava que poderia observá-los juntos, e sem dúvida, extrairia algo disso.

Cruzou a porta e alcançou a passagem que ligava ao vestíbulo.

— Suba — disse ao criado — e pergunte a *mademoiselle* Thoreau se pode vir até a antecâmara.

— *Mademoiselle* saiu, *monsieur*!

— Saiu?!

— Sim, *monsieur*. Saiu há poucos minutos.

— Mas é impossível! Ela subiu!

— Apenas até a metade das escadas, *monsieur*. Então, voltou e pediu a Jacques um carro de aluguel.

— Quem de vocês é Jacques? — perguntou o duque aos outros criados que estavam no vestíbulo.

Um deles adiantou-se.

— Sou eu, *monsieur*.

— Chamou um carro de aluguel para *mademoiselle*?

— Sim, *monsieur*.

— Ela lhe disse onde desejava ir?

— Sim, senhor.

— Qual o endereço?

— Rue de l'Abreuville, n.º 9, em Montmartre.

O duque estivera certo disso e, por um momento, permaneceu em silêncio. Então, disse asperamente:

— Tragam meu chapéu!

O duque dirigiu-se ao pátio onde seu coche o esperava, como ele ordenara. Subiu, tomou as rédeas das mãos do criado e, enquanto este alcançava a parte de cima, guiou o coche para a rua.

Impelia seus cavalos de um modo que surpreenderia seus próprios criados na Inglaterra. Não havia necessidade que Dubucheron lhe dissesse sobre os perigos que Una corria em Montmartre.

O duque, conversando com o sr. Beaumont há alguns dias, ouviu dele comentários sobre a mudança de atitudes e comportamentos dos franceses, no fim do século.

Sabia melhor que seu contador que, por baixo da alegria lasciva da *belle époque*, havia vício e crime, que começavam a se tornar incontrolláveis.

Também havia na França, crescendo em proporções aterradoras, uma grande onda de magia negra, ao lado de um movimentado tráfico de escravas brancas, sempre à procura de jovens bonitas.

Com relação à magia negra, Paris adquirira uma sinistra reputação de centro dessas práticas.

No ano anterior o duque lera um livro de um homem chamado Huysmans, que sugeria a existência de um difundido culto a Satã na França, e alertava para os perigos que corriam as jovens virgens, parte essencial do ritual de sacrifício desse culto.

O duque achara o livro, que se chamava *La Bas*, exagerado, mas agora cada aspecto dos horrores que ele descrevia voltava-lhe, como se estivesse relacionado a Una.

Lembrava-se claramente que Huysmans dissera que havia duas seitas secretas. Uma era a dos Paladistas, que cultuavam Lúcifer, o anjo decaído, como o Deus verdadeiro; a outra era o dos Satanistas, que acreditavam na divindade de Cristo, mas transformavam o ritual da Igreja, transferindo a sua submissão a Satã.

O grande perigo dos Satanistas é que celebravam uma missa sobre o corpo nu de uma virgem, em um altar encimado por um crucifixo colocado de cabeça para baixo.

De repente o duque se deu conta de que estava exagerando em suas apreensões e começou até a se sentir um pouco ridículo.

Era muito improvável que, no *studio* de seu próprio pai, Una fosse correr algum perigo.

Ao mesmo tempo, havia outros perigos provenientes da depravação corrente, a respeito dos quais ela era, com certeza, totalmente ignorante.

O duque lera recentemente um livro do sociólogo Max Nordau, que ainda não fora publicado. O autor entregara o manuscrito a um amigo, na Inglaterra, para ser revisado, e o duque aproveitara e o lera também.

Com o título de *Degeneração*, seria um sensacional *best-seller* e poderia convencer muitos de seus leitores de que a civilização estava afundando no lamaçal da corrupção.

O autor descrevia os sintomas da degeneração, observados por ele durante muitos anos de vida em Paris.

O livro discutia as relações entre os sexos e Nordau escrevera:

"O vício em Paris está dirigido para Sodoma e Lesbos."

O duque não gostava de nada que lia a respeito de perversões de qualquer tipo, pois achava que isso danificava sua própria mente.

Mas, agora, as palavras de Nordau pareciam ecoar em seus ouvidos.

Como poderia alguém como Una, se fosse tão inocente quanto demonstrava, ter qualquer conhecimento das ciladas e dos horrores que a estariam esperando, a cada esquina, se ela não estivesse protegida?

Era difícil acreditar que ela tivesse ido sozinha ao *studio* de seu pai, sem uma dama de companhia, como afirmara Dubucheron.

Tinha sido salva uma vez — sem dúvida o tinha sido — mas era muito pedir que isso acontecesse uma segunda vez. Assim, o duque voou com seus cavalos, e num instante já haviam alcançado a Rue de l'Abreuville.

Somente quando entrou no vestibulo encardido e viu as escadas imundas à sua frente, é que se deu conta de que seu medo era infundado.

Vira o coche de aluguel estacionado à frente da casa e adivinhara que fora o mesmo que trouxera Una de sua casa a Montmartre.

— Estou sendo um tolo a respeito dessa garota que acabei de conhecer — disse o duque.

Pela primeira vez, pensou no que Dubucheron iria dizer de sua saída sem nenhuma explicação.

Ao subir as escadas, decidiu que, ao encontrar Una, iria repreendê-la, e muito, por ter tomado aquela atitude tão infantil.

Quando estava já na metade da escada ouviu seu grito e se apressou, empurrando a porta semicerrada; foi quando ela gritou novamente e se jogou ao seu encontro.

Seus braços enlaçaram-na instintivamente. Então viu por que ela gritava, e a expressão no rosto daquele homem que a perseguia.

— Leve-me embora! Leve-me embora! — soluçava Una.

O duque sentia o coração dela palpitando e seu corpo medrosamente tenso.

Ele simplesmente olhou para o jovem pintor que ficara imóvel e não precisou dizer nada. A expressão em seu rosto e em seus olhos amedrontavam aquele homem mais novo que ele.

— Se é sua “gatinha” — disse ele, meio agressivo, meio conciliatório — devia cuidar melhor dela!

— Concordo com você! — respondeu o duque.

Virando-se, puxou Una para fora do *studio*, batendo a porta. Ela chorava encostada a ele, e os braços do duque ainda a enlaçavam.

— Está tudo bem — disse ele. — Vou levá-la para casa. Nunca mais deve vir aqui.

Somente quando partiram foi que Una conseguiu dizer, com a voz entrecortada pelas lágrimas:

— Deixei meu chapéu lá em cima!

O duque sorriu.

— Nesse caso, você terá que ficar de cabeça descoberta, ou deixar que eu lhe compre outro.

Ela não respondeu, mexendo às cegas em sua valise de mão. O duque, puxando um lenço de seu colete, entregou-o a ela. Una o apanhou e enxugou suas lágrimas.

— Des... desculpe-me! — disse ela, com a voz muito baixa —, mas não sabia que havia alguém lá!

— Por que foi ao *studio*?

— Pensei que houvesse alguma pintura de papai que eu pudesse vender para comprar um vestido novo... como o senhor queria.

— Não esperava encontrar ninguém no *studio*?

— Não. Esse artista somente se mudou para lá hoje de manhã.

O duque não disse nada e, depois de um tempo, Una completou:

— Ele queria que eu posasse para ele e pensei que pudesse fazer isso se ele me pagasse, mas não sabia que as mulheres posavam nuas!

O duque estava surpreso. Então, disse consigo mesmo que não deveria ser isso o que ela pensara realmente.

— Seu pai era um artista — disse asperamente. — Deve ter usado modelos.

— Somente mamãe — respondeu Una. — Ele nunca pintou nus.

O duque refletiu sobre isso. Supunha que se na verdade, Una nunca tivesse estado no ateliê de um artista, não poderia esperar que uma mulher se sentasse na frente de um homem, completamente despida.

Então, perguntou:

— Por que o rapaz perseguia você?

— Quando lhe disse que não ia posar para ele... ele disse que iria me tirar a roupa!

— Foi tudo o que lhe sugeriu?

Una ficou em silêncio e colocou o lenço sobre os olhos, embora o duque achasse que já não chorava. Neste momento ele pensou, com raiva, que isso nunca acontecera realmente. Então, com uma voz interior cheia de desprezo, perguntou-se se ela teria sido realmente tão tola a ponto de se meter em uma

situação tão impossível quanto aquela.

— Escute — disse ele, com um tom diferente na voz. — Ouça-me, Una.

A mocinha levantou a cabeça e ele achou que, com os cílios molhados, parecia ainda mais criança, e tinha uma expressão um pouco patética.

— Nunca mais você sairá sozinha em Paris, e isto é uma ordem! Entendeu?

— Pensei que talvez devesse ter-lhe dito onde iria — disse ela —, mas se tivesse achado uma das telas de papai teria comprado um vestido novo. Queria lhe fazer uma surpresa!

— Por isso é que veio a Montmartre!

— Gostaria muito que me achasse atraente!

— Que criança boba! É claro que é atraente! Precisa saber que é extremamente bonita, muito mais bonita que qualquer outra mulher, como há muito eu não via.

Una o olhava com os olhos arregalados, com uma expressão radiante no rosto, que nunca vira antes.

— Realmente me acha bonita?

— Claro que sim! — respondeu o duque. — E, como filha de um artista, compreenderá que, exatamente por achá-la tão bonita, é que desejo lhe dar a moldura que merece.

— Achei que seria impossível que o senhor me admirasse... depois de ter visto tantas mulheres maravilhosas no restaurante onde almoçamos hoje e... de ter tido ontem, ao seu lado, uma mulher tão atraente como *Mademoiselle Yvette*.

— Acho que foi seu pai quem disse que, assim como há diferentes espécies de pintura, há diferentes tipos de mulheres. Os homens, felizmente, têm gostos diferentes!

Una apertou o lenço entre as mãos e perguntou, um pouco envergonhada :

— E se eu for jantar com o senhor esta noite... com o único vestido que tenho, não terá vergonha de mim?

— Foi indelicado de minha parte ter dito isso — confessou o duque — e, francamente, eu o fiz para que você aceitasse mais facilmente as roupas que queria lhe dar.

— O senhor havia dito que eu poderia pensar sobre isso!

— Se o resultado foi isso que você fez, então preferiria que parasse de

pensar e me deixasse agir.

— É o que gostaria de fazer — respondeu ela — porém...

— Está me dizendo que ainda existem “poréns”? — perguntou o duque.

— Gostaria de tirar isso da minha mente — disse ela — e rezar por uma resposta.

— É o que faz normalmente? — perguntou curiosamente o duque. Una assentiu com a cabeça.

— Se rezo muito por alguma coisa então, normalmente, minhas dúvidas desaparecem.

— Bem, espero que, seja quem for que a escute no céu, compreenda que, diferentemente dos lírios do campo, você precisa de algo mais substancial para cobri-la, além da beleza de sua pele.

O duque falara secamente, mas percebera que Una corava. Depois de um momento, ela disse:

— Talvez, se me der um vestido que não seja muito caro... mamãe não fique brava comigo.

— Suponho que a escolha é entre a ira de sua mãe, que não está mais entre nós, e a minha. Caberá unicamente a você saber à qual aplacar.

Una virou-se para ele impulsivamente, e disse:

— Por favor... não quero que se irrite comigo, depois de ter sido tão gentil! E seria emocionante, realmente emocionante, ter um vestido novo!

O duque teve uma súbita sensação de triunfo. Tinha sido vitorioso em uma contenda incomum e quase extenuante.

Então, ao olhar para os olhos levantados de Una e ver a expressão que havia neles, achou que, talvez, apesar de tudo, fora uma vitória sem valor!

CAPÍTULO VI

O duque entrou no pátio guiando elegantemente os cavalos e Una desceu, sentindo que os criados notavam seus olhos marejados e a perda de seu chapéu.

O duque segurou-a pelo braço e a levou para o salão. Assim que a porta foi fechada, ele disse:

— Vou lhe dar uma taça de champanha. Sinto que precisa disso depois de tudo que aconteceu.

— Des... desculpe-me — gaguejou Una.

— Não foi culpa sua — replicou ele. — Alguém deveria ter lhe avisado que era loucura sair sozinha em Paris.

Dirigiu-se à bandeja de bebidas enquanto falava e ouviu quando Una disse:

— Não tenho ninguém! Quem iria me avisar!

Ele colocou champanha em duas taças e levou-lhe uma delas.

Ao fazer isso, achou que Una estava encantadora, a despeito da expressão acabrunhada estampada em sua face e das lágrimas que ainda restavam.

Una apanhou uma das taças e perguntou:

— O senhor está bravo comigo?

— Não, é claro que não — respondeu o duque. — Mas você deve se lembrar futuramente que é bom me contar o que vai fazer antes.

— Mas pode ser que o senhor não esteja aqui.

— Isso é algo sobre o qual devo conversar com você — respondeu o duque —, mas não agora. Temos toda a noite à nossa frente.

Ela olhou para ele e seus olhos brilharam:

— Vai me levar para jantar?

— Ficaria muito desapontado se tivesse que jantar sozinho — respondeu ele.

Os olhos de Una encontraram os dele e, sem entender o porquê, sentiu seu coração bater mais forte.

O duque ficou em silêncio por um momento, como se considerasse algo. Então, disse:

— Tenho uma pintura que, penso, gostaria de rever. Espere aqui! Deixou o salão e caminhou para a antecâmara, que estava vazia; mas as telas de Julius Thoreau ainda se encontravam sobre o sofá. Ao levantar aquela que queria, o mordomo disse da porta:

— O cavalheiro partiu, Sua Graça. Disse que o procuraria novamente, quando fosse conveniente.

O duque assentiu e voltou para o salão.

Una olhou-o interrogativamente e, quando ele levantou a tela para que ela pudesse ver, soltou um grito:

— O senhor conseguiu! Tem a pintura que papai fez de mim! Era essa que eu queria encontrar quando fui ao *studio*.

— Se tivesse me perguntado, diria que ela estava aqui, esperando por você! — respondeu o duque, mas com um sorriso e com palavras que não continham censura.

Una, segurando a pintura com ambas as mãos, levou-a à janela.

— Tinha nove anos quando papai pintou isto — disse ela —, mas ele nunca a terminou.

— Por quê? — perguntou o duque.

— Dizia que era algo comum, convencional, e também que eu era um péssimo modelo. Eu não ficava parada.

— Era a sua casa? — perguntou ele, apontando para a casa da paisagem.

— Ela era muito mais bonita! — respondeu Una. — Papai não pintou as glicínias que subiam por uma das paredes ou as rosas que perfumavam todos os quartos.

Ao fazer essas reminiscências, sua voz tornava-se suave e o duque disse:

— Você era feliz lá?

— Muito feliz. Mamãe tornava tudo muito alegre, embora possa supor que fôssemos muito pobres.

Houve uma pequena pausa. Então, outra vez Una disse, com voz entrecortada:

— Mas não tanto como sou agora!

O duque colocou suas mãos nos ombros dela.

— Una... — começou ele.

Nesse momento, a porta se abriu e uma voz anunciou:

— Lorde Stanton, Sua Graça!

O duque virou-se, surpreso, e Una também.

Um homem de bigode escuro, meia idade e faces rosadas entrava na sala.

— Alô, Blaze! — exclamou ele. — Estou surpreso em vê-lo. Não sabia que estava em Paris.

Relutantemente o duque caminhou em direção ao recém-chegado, para apertar sua mão.

— Cheguei ontem — explicou ele, falando com aquela voz que os que o conheciam chamavam de “fria”.

— Bem, é uma bênção que esteja aqui — disse lorde Stanton —, pois pode me agüentar por esta noite. Acabei de perder o trem-leito para Nice.

O duque não respondeu e ele continuou:

— Estava indo me encontrar com Gertie, mas houve um defeito assim que o trem de Calais entrou em Paris. Assim, fiquei encalhado, o que é extremamente desagradável.

— Concordo plenamente — respondeu o duque.

— Pensei que sua casa podia estar aberta e, quando cheguei, disseram-me que você estava aqui. Foi muita sorte!

Lorde Stanton ria, satisfeito, como se tivesse feito uma piada. Então, seus olhos pousaram em Una.

Ela estava linda, com o sol batendo-lhe por trás, dourando-lhe os cabelos.

Era óbvio que lorde Stanton esperava; então, o duque disse:

— Una, deixe-me apresentar-lhe meu primo, lorde Stanton. Srta. Una Thoreau!

Lorde Stanton dirigiu-se a ela, com a óbvia avidez de um homem de meia-idade que vê uma garota bonita.

— É um prazer conhecê-la! — disse ele. — A sua presença aqui só confirma o bom gosto de Blaze em relação a mulheres...

Una pareceu envergonhar-se um pouco com o cumprimento, e o duque disse:

— A srta. Thoreau e eu estávamos justamente admirando o seu retrato, pintado por seu pai.

— Deixe-me vê-lo — sugeriu lorde Stanton. E, espiando por cima dos ombros de Una, exclamou:

— É você? Bem, parece que cresceu um bocado desde que foi pintado este retrato, e está muito mais bonita também!

Riu novamente e Una olhou para o duque.

— Penso que gostaria de se arrumar agora, não, Una? — disse ele. —

Sairemos daqui às oito horas.

Ela colocou a pintura sobre uma cadeira, deu a lorde Stanton um sorriso polido e caminhou para a porta.

Ele a olhou, enquanto saía e, então, quando estavam a sós, disse para o duque:

— Por Júpiter, Blaze, você realmente as escolhe bem! É a garota mais bonita que tenho visto nos últimos tempos! É inglesa! Pensei que, quando viesse a Paris, iria preferir a raça francesa!

O duque empertigou-se.

— Não é nada disso, Bertie — disse ele. — A srta. Thoreau está aqui como minha hóspede, e sou um admirador da pintura de seu pai.

— E de sua filha, não? — disse lorde Stanton, provocando-o. — Bem, não o censuro! É um tipo bem diferente de Rose!

— Eu já lhe disse — respondeu o duque, com a voz gélida — que o que está insinuando, de uma maneira extremamente vulgar, não é verdade. A srta. Thoreau é muito jovem e, como você bem sabe, não estou interessado em garotas.

Ao terminar de falar, tocou a sineta.

— Por Deus, não! Não jantarei sozinho em Paris! — respondeu lorde Stanton. — Procurarei no *The Travellers* e acharei um ou dois amigos que queiram me levar à cidade.

— Espero que se divirta — disse o duque, friamente, quando um criado apareceu na sala, para receber suas ordens.

Tendo dado instruções sobre a acomodação de seu primo, dirigiu-se ao escritório do sr. Beaumont. Seu contador levantou-se.

— Não sabia que Sua Graça havia voltado!

— Não só voltei — respondeu o duque — como Bertie Stanton chegou, pedindo para passar a noite aqui!

— Lorde Stanton! — exclamou o sr. Beaumont.

— Penso que lhe dei instruções explícitas de que não queria ser perturbado por visitas! — disse raivosamente o duque.

Viu o olhar de consternação de seu contador e completou:

— Bem, na verdade não que isso seja uma falta sua ou dos criados. Sei como é Bertie: é capaz de entrar no Palácio de Buckingham, se lhe aprover!

— Apesar disso, peço-lhe que me desculpe — disse o sr. Beaumont.

— É uma amolação dos diabos — comentou o duque. — Mas ele disse

que partirá para Nice amanhã e você deve providenciar para que isso aconteça no primeiro trem.

— Certamente o farei! — disse o sr. Beaumont, em um tom penitente.

Então, quando o duque ia sair, ele disse:

— Há uma carta que acabou de chegar da Embaixada inglesa. Veio pelo malote diplomático!

Estendeu-a ao duque, que a olhou um pouco apreensivo, e abriu o envelope lacrado.

O duque leu lentamente o que continha a carta enquanto o sr. Beaumont esperava.

Depois de uma pausa considerável, o duque disse:

— Sabe do que trata esta carta?

— Como poderia? — perguntou o sr. Beaumont.

— É do primeiro-ministro. Ele me informa, confidencialmente, que a rainha Vitória lhe pediu que fosse a Windsor em três dias, para discutir a indicação de um novo vice-rei para a Irlanda. Ele deseja apresentar meu nome!

— Posso apenas congratular-me com Sua Graça, o mais veementemente possível!

— Não disse se vou aceitar! — protestou o duque.

— É algo que poderá fazer admiravelmente. Se se lembra, disse-lhe que se encontra em uma encruzilhada.

O duque olhou novamente para a carta e releu um parágrafo que não mencionara ao sr. Beaumont.

Dizia:

Sua Majestade pondera também que é comum e desejável que o vice-rei seja casado, mas isso, imagino, é um problema que pode ser facilmente resolvido, em um futuro próximo.

O duque sabia que o primeiro-ministro estava se referindo ao fato de todas as pessoas da sociedade londrina estarem, já há tempos, esperando que ele anunciasse seu casamento com Rose Caversham.

Uma excelente desculpa para não aceitar a indicação era, naturalmente, a de não ter a intenção de se casar com ela.

Ao mesmo tempo, sabia que o primeiro-ministro desejava que ele aceitasse.

Compreendia que para isso influíram seus recentes discursos na Câmara

dos Lordes, sua contribuição generosa para o Partido e o fato de o primeiro-ministro tê-lo consultado sobre vários assuntos.

Subitamente ocorreu-lhe que, se recusasse, iria se sentir como tendo destrutado um amigo que valorizava e respeitava.

Percebeu que o sr. Beaumont esperava que ele falasse.

— Devo pensar melhor — disse, então, colocando a carta no bolso. — É uma decisão muito séria para ser tomada às pressas.

— Naturalmente, Sua Graça — concordou o sr. Beaumont. — Ao mesmo tempo, penso que, como o cargo que ocupará na Irlanda é de muita responsabilidade, isso se torna um desafio, coisa que, eu sei, lhe agrada muitíssimo!...

Mais uma pessoa que me fala em desafio!, pensou o duque, enquanto subia as escadas, em direção ao seu quarto.

Sentada no restaurante, onde fora levada pelo duque para jantar, Una sentiu que essa era mais uma das coisas fascinantes que estavam acontecendo com ela.

Quando estava se arrumando para o jantar, a princípio sentira-se apreensiva a respeito de seu vestido, desejando que o duque a levasse a algum lugar bem discreto, onde não ficasse muito em evidência.

O que lhe importava, realmente, era ficar a sós com ele.

— Ele é tão maravilhoso! — disse para si mesma.

Queria conversar com ele, estar com ele, sem que ninguém se intrometesse na conversa.

— Oh, por favor, meu Deus, faça com quê lorde Stanton jante em qualquer outro lugar! — rezou.

Quando desceu para o salão, encontrou o duque, imponente em seu traje de noite, e sozinho.

Ela não percebeu, mas toda a sua face se iluminou de prazer, ao constatar que seus medos eram infundados e, ao caminhar em direção ao duque, viu que ele sorria.

Quando Una estava se vestindo, a criada se oferecera para arranjar-lhe os cabelos e ela aceitara, agradecidamente.

Enquanto estava sentada à penteadeira, ouviu uma batida à porta e a criada voltara com um ramalhete de pequenas camélias brancas nas mãos.

Una deu um gritinho de alegria.

— Que bom! Era exatamente o que eu queria!

Tomou-o da criada, perguntando:

— Devo usá-las no corpete de meu vestido ou nos ombros?

— Por que não nos cabelos, *mademoiselle*?

— É, uma boa idéia! — exclamou Una. — E isso me fará parecer chique e, espero, um pouco mais sofisticada.

Na verdade, as camélias em seus cabelos davam-lhe a aparência de uma deusa da primavera.

O duque achou que todas as tiaras da coleção Wolstanton não conseguiriam um efeito melhor.

Ao chegar ao lado dele, Una disse:

— Obrigada pelas maravilhosas camélias. Por favor, olhe para elas e não para o meu vestido, do qual não gosta.

— Acho difícil olhar para outra coisa que não seja seu rosto — respondeu o duque.

Una estava surpresa e, quando seus olhos se entrecruzaram, enrubesceu.

— A carruagem está esperando — disse ele — e vou levá-la a algum lugar discreto, não porque esteja envergonhado de sua aparência, mas porque quero conversar com você!

Quando chegaram ao restaurante *Grand Vefour*, ela concluiu que era, realmente, o lugar para onde gostaria de ter ido com o duque. Um lugar grande e barulhento, com orquestra, iria impedi-la de ouvir tudo o que ele tinha para lhe dizer.

O duque contou a Una que o *Grand Vefour* continuava exatamente igual, desde que abrisse suas portas, à época da Revolução.

Os tecidos de parede pintados, os grandes espelhos, os confortáveis sofás de pelúcia vermelha haviam servido a gerações de senhores que apreciavam a boa comida.

Una olhou à sua volta com prazer, enquanto o duque despendia um bom tempo escolhendo os pratos.

Então, finalmente, virou-se para ela, para dizer com um sorriso:

— Agora, a única coisa que temos a fazer é nos divertir!

— É o que já estou fazendo — respondeu Una. — É muito emocionante estar aqui a sós com o senhor.

— Não tinha intenção de ter convidado outras pessoas — respondeu o

duque. — Se quiser ir a algum lugar divertido, depois, temos vários a escolher...

Ao se vestir para o jantar, ele percebera que as suspeitas que sentira a respeito dela estavam quase mortas. Ela era filha de Julius Thoreau, não havia dúvidas. E começava a crer, embora houvesse ainda uma pequena dúvida em sua mente, que ela realmente encontrara Dubucheron pela primeira vez no dia anterior, quando chegara de Florença.

Se fosse isso mesmo, não eram fingidas a sua pureza e sua inocência.

Conversarei com ela hoje à noite, pensara o duque, e, então, saberei se devo ou não continuar suspeitando.

Naturalmente, ao sair do Moulin Rouge com Una, pensara em fazer amor com ela e passar seu tempo em Paris com uma bela mulher, como fizera em tantas outras ocasiões.

Tudo ficaria muito fácil para ele, pois a bagagem dela já estava em sua casa e, quando ordenara que fosse levada ao quarto rosado, fora pensando na comunicação que esse quarto tinha com o seu.

Foi somente porque estavam ambos cansados na noite anterior, que ele não abrira a porta, conforme pretendia.

Mas, nesta noite, não havia tal restrição e ele estava certo de que, no final dela, Una expressaria sua disposição em se tornar sua amante.

Mas uma pergunta ainda ficara em sua mente... Teria sido intencional a maneira com a qual ela repelira ou impedira qualquer demonstração de intimidade entre eles, durante dias?

Ou isso acontecera simplesmente porque Una era mesmo inocente e não entendia o que se esperava dela?

Sentado ao lado da garota no *Grana Vefour*, o duque ficou imaginando se haveria qualquer outra mulher que parecesse tão pura, tão intocada e, ao mesmo tempo, exalando uma espécie de fascínio, pelo qual já começava a se sentir envolvido.

Conversaram sobre trivialidades, enquanto comiam os pratos deliciosos que o duque pedira. Una percebeu que estava com fome e disposta a fazer justiça a tudo o que fosse colocado à sua frente.

Finalmente, quando o café foi servido e o duque recostou-se com o cálice de licor à mão, disse:

— Bem, agora podemos conversar sobre nós e, principalmente, sobre você!

— Tenho muito pouco... a contar — disse Una. — O senhor sim, é que deve ter muito.

Fez uma pausa e, então, completou:

— Tive a impressão, agora, embora isso possa parecer tolice, que o senhor pensava em algo muito diferente, mais importante que seu jantar.

— Isso soa como se eu tivesse sido descortês.

— Não, naturalmente que não. O senhor é muito mais interessante que qualquer outra pessoa que eu já conheci — disse Una.

— Então, o que está querendo me dizer?

— É algo que vi naquilo que o senhor chama de “meu espelho mágico”; algo que aconteceu, ou vai acontecer, e no que está pensando.

O duque estava espantado.

— Como sabe? — perguntou ele.

— Eu... não sei — disse Una, sinceramente. — Só pensei isso, quero dizer, só senti isso.

— Você é uma pessoa espantosa!

Ficou em silêncio por um momento, antes de dizer:

— Acho que é justo lhe dizer que está certa e o que previu, aconteceu.

— Aconteceu?

— Recebi uma carta hoje — disse o duque — do primeiro-ministro.

— Da Inglaterra?

— Sim, o marquês de Salisbury.

Una esperou, e o duque continuou:

— Sugeri-me que me tornasse o próximo vice-rei da Irlanda!

— Vice-rei? — repetiu Una, com um tom de admiração.

— Isso é, naturalmente, uma grande honra que me presta — continuou o duque — especialmente porque não tenho a idade normalmente exigida para os vice-reis.

— E quando você irá à Irlanda?

— Ainda não aceitei a indicação — disse o duque —, mas imagino que, assim que o atual vice-rei se retirar, a rainha não esperará muito para indicar outro.

— Tenho certeza de que é a pessoa adequada para esse posto — disse Una.

— Por que diz isso?

— Li sobre a Irlanda, seus problemas e suas dificuldades — explicou

Una — e penso que é a pessoa indicada para tentar resolvê-los.

O duque olhou para Una, surpreso. Não esperava que ela soubesse algo sobre os problemas da Irlanda. Então, disse:

— Naturalmente, você entende que, se decidir ir para a Irlanda, devemos dizer adeus um para o outro. Dificilmente poderia desembarcar em Dublin com uma curadora tão bonita.

— Não... naturalmente que não poderia.

— E mesmo assim anima-me a aceitar tal posto? — perguntou o duque.

Una desviou o olhar e ele achou que era para que não visse a expressão de seus olhos.

— Se o senhor é a pessoa ideal para a Irlanda, então é seu dever aceitar a sugestão do primeiro-ministro.

— Está pensando em mim?

— Naturalmente.

— E o que vai fazer depois de eu ir embora?

— Encontrarei um lugar para ir — respondeu Una —, mas não quero viver sozinha em Paris.

— Queira ou não — disse o duque, asperamente — é algo que não poderá acontecer. Arranjarei para que vá, talvez, para a Inglaterra.

— Por favor... não pense em mim. Acabou de me conhecer e já foi bastante gentil e compreensivo.

Suspirou e continuou:

— Quando deixar Paris, pedirei a *monsieur* Dubucheron que me consiga uma pensão calma, ou um alojamento onde possa ficar até arrumar um emprego.

Quando mencionou Dubucheron, obviamente a única pessoa a quem poderia recorrer, o duque se deu conta de que, se a deixasse naquelas mãos, estaria cometendo um crime.

Reconheceu que nunca se sentira dessa maneira, em relação a nenhuma mulher. Normalmente, sempre que acabava o caso com alguma delas, não se preocupava mais com seus planos futuros.

Mas Una era diferente. Era muito jovem, desamparada e incrivelmente adorável.

O duque não deixara de prestar atenção nos olhares que Una recebera de outros homens no restaurante, e notou que um velho cavalheiro, que estava sentado à frente deles, não parará de admirá-la, desde que tenham chegado.

Sem escolher suas palavras, disse, de repente:

— A melhor coisa que posso fazer é esquecer a Irlanda e cuidar de você!

O tom de sua voz fez com que Una olhasse para ele totalmente surpresa.

Então, ela disse:

— Mas... não pode pensar em algo como isso! Como posso ter tanta importância quanto o vice-reinado da Irlanda?

Então, ao sentir que o levava muito a sério, ela disse:

— Se estou me tornando um incômodo, então, partirei amanhã. Mamãe costumava dizer que não há nada mais aborrecido que uma visita que se demora mais que o tempo conveniente.

— Acha que isso se aplica a você? — perguntou o duque. Novamente ela achou difícil olhar para ele; fez um pequeno gesto nervoso com as mãos, antes de responder:

— Disse-me que mamãe não aprovaria minha estada em sua casa, sem uma dama de companhia e achei que, hoje, lorde Stanton também não deve tê-lo feito.

— Nada do que façamos ou deixemos de fazer concerne ao primo Bertie — disse, asperamente, o duque. — Ele sempre foi uma criatura inoportuna, com quem não tenho nada em comum.

— Mas é seu primo!

— Exatamente! — replicou o duque. — E foi por isso que, uma vez estando em casa, dificilmente poderia mandá-lo embora, dizendo que procurasse outro lugar para ficar. Mas ele parte amanhã cedo, e assim, poderemos esquecê-lo.

Una sentiu uma alegria indescritível tomar conta dela.

O duque queria ficar a sós com ela, da mesma maneira que ela com ele. Era tudo maravilhoso e não tinha palavras para descrever a sensação que isso lhe causava.

Então, como se estivesse se sentindo muito egoísta, disse:

— Mas, lorde Stanton é seu parente...

— O problema com meus parentes é que tenho muitos.

— O senhor é feliz. Eu não tenho nenhum.

— Não tem ninguém mesmo?

Ocorreu-lhe que mais uma vez ela estava desempenhando o papel de pobre garota órfã que não tem para onde ir.

— Mas é verdade — disse Una. — Papai perdeu todo o contato com a

família quando deixou a Inglaterra. E mamãe foi hostilizada pela sua família por ter fugido com papai; assim, nunca mais falaram com ela.

— Então, realmente você está sozinha — remarcou o duque. — Mas eu estou aqui.

— Sabe como lhe sou agradecida por isso — disse Una. Se não tivesse me salvado esta tarde, eu...

— Esqueça esta tarde — disse rapidamente o duque. — Lembremo-nos apenas que estamos aqui, juntos. Estamos em Paris, a cidade da alegria e do riso.

— E a cidade de muitas outras coisas — disse para si mesmo, mas não era algo que quisesse conversar com Una, no momento.

— Sabe o que gostaria de fazer agora? — perguntou Una.

— O quê?

— Gostaria de ver Paris à noite.

Viu a expressão no rosto do duque e completou:

— Não, não lugares como o Moulin Rouge. Não quis dizer isso.

— Então o que é?

— Talvez fique aborrecido — disse Una, humildemente —, mas achei que pudéssemos passear às margens do Sena e ver a praça da Concórdia iluminada e os Champs Élysées; seria tão emocionante!

Os olhos dela procuraram o rosto do duque para ver sua reação e, quando ele sorriu, ela disse:

— Tem certeza de que não se incomoda?

— Não consigo pensar em algo melhor — replicou o duque — e, felizmente, está quente, podemos mandar abrir a capota da carruagem.

Una apertou as mãos, feliz.

— Fico pensando — disse o duque, reflexivamente — se, daqui a alguns anos, a idéia de ver Paris à noite lhe parecerá ainda tão interessante.

— Quer dizer que, quando eu for mais velha, vou querer fazer outras coisas?

— Exatamente.

— Mas, quer dizer também que, quando se fica mais velho passa-se a gostar mais das coisas artificiais que das naturais?

— Para algumas pessoas isso é inevitável!

— Então, acho que sou diferente — disse Una. — Quando deixei Florença, pensei que seria muito emocionante ver Paris. Mas ontem, quando

estávamos no Moulin Rouge, percebi que não era o que esperava e, na verdade, achei tudo ameaçador e quase apavorante...

— O Moulin Rouge não era, ao menos para você, a apresentação ideal de Paris. Há outros lugares muito diferentes e, na sua idade, deveria ir a bailes e festas.

— Prefiro ficar aqui conversando com o senhor.

— O que, se você fosse uma debutante, não poderia fazer!

— Por que não?

— Por que as senhoritas bem educadas são mantidas longe dos homens até que se casem.

— E se não lhes é permitido que tenham contato com homens, como é que vão poder se casar? — perguntou Una, de uma maneira prática.

— Os casamentos na Inglaterra, assim como na França, como deve saber, são arranjados.

— As garotas costumavam conversar sobre isso no convento — disse Una — e sempre achei que isso era horrível! Como é que a gente pode se casar com um homem a quem não se ama... e a quem pouco se conhece?

Una teve um pequeno sobressalto.

— Ficaria apavorada, a menos que amasse alguém, assim como papai amava mamãe.

O duque pensou que casamento não era o assunto mais conveniente para o momento. Assim, sem responder à sua última observação, pediu a conta e pagou o que Una considerou uma soma enorme.

Então, disse a si mesma que referir-se a isso seria falta de educação; assim, resistiu ao impulso de lhe dizer que se sentia embaraçada por ter custado tanto.

Além de tudo, se não estivesse jantando com ela, estaria com qualquer outra pessoa, naturalmente.

Ao mesmo tempo, sentia-se um pouco embaraçada.

Começava a pensar que, a despeito de o duque ter dito que não queria visitas em sua casa, *monsieur* Dubucheron havia praticamente forçado a permanência dela ali.

O mero fato de ter deixado sua bagagem na casa, ao irem ao Moulin Rouge, era mais que uma clara insinuação de que ela não tinha para onde ir.

Agora é muito tarde, pensou ela. Mas deveria ter insistido com *monsieur* Dubucheron para que me dissesse o que planejava a meu respeito, antes que

fôssemos jantar em casa do duque.

Sentia-se como se tivesse sido arrastada por uma onda, desde o momento em que *monsieur* Dubucheron voltara ao *studio*, para dizer-lhe que havia vendido a pintura de seu pai.

Ao entrar na carruagem, que esperava do lado de fora, ocorreu-lhe que, quando o duque tivesse retornado à Inglaterra, para ocupar seu posto de vice-rei da Irlanda, ela estaria novamente sozinha, e isso seria muito... muito... assustador. A capota fora aberta e o criado estendera uma colcha de peles sobre seus joelhos. Quando o homem subiu para a boléia, o duque pegou a mão de Una entre as suas.

Ela não esperava por isso e o duque sentiu que sua mão enrijecia e, em seguida, começava a tremer.

Isso deu-lhe a impressão de segurar um passarinho ou uma borboleta e ele se perguntou por que uma jovem que nunca vira antes provocava-lhe tal efeito.

Una não usava quaisquer artifícios femininos sobre ele, e nem tentava atraí-lo fisicamente.

Ao mesmo tempo, o duque era bastante experiente para saber que os olhares que ela lhe lançava não eram somente demonstrações de confiança, mas de verdadeira admiração.

Subitamente ocorreu-lhe que a coisa mais intrigante e fascinante que poderia imaginar seria despertar Una para o amor.

O pequeno tremor dos dedos dela era, ele sabia, não de medo mas de excitação. Estava certo de que, se colasse o corpo dela contra o seu, esses mesmos pequenos tremores o percorreriam, despertando-a para os primeiros impulsos de desejo.

Achou que seu próprio coração estava batendo mais rápido e havia um súbito latejar em suas têmporas. Na verdade, sentia um grande desejo de atrair Una para seus braços e beijá-la.

Reconhecia que sua vontade era exatamente aquela, desde o primeiro momento em que a vira.

Agora, pensava, estaria contradizendo sua própria masculinidade se não falasse a ela sobre os sentimentos que trazia dentro de si.

Tinham alcançado a praça da Concórdia, e os olhos de Una se arregalavam diante das belezas da noite da Cidade-Luz.

— É maravilhoso!

— E você também é! — replicou o duque. — Diga-me, Una, o que sente, não a respeito de Paris, mas a meu respeito?

Ela se voltou para ele e o duque soltou sua mão, colocando o braço em seus ombros para que ficassem mais próximos.

Sabia que a surpreenderia e, depois de um momento, Una disse, com voz trêmula:

— Hoje... pensei que o senhor era como um cavaleiro armado que aparecera para me salvar!

— É o que quero fazer — disse o duque — mas penso que as donzelas em perigo, libertadas pelos cavaleiros que as livraram do dragão ou de outros monstros abomináveis, teriam dado as boas-vindas a qualquer homem, fosse ele quem fosse!

— O senhor sabe o quanto lhe sou agradecida!

— Gratidão é algo que se pode dar a qualquer um. Olhe em seu espelho mágico e diga-me o que sente a meu respeito.

— Sabe que o acho o homem mais imponente que já conheci — disse Una. — E é muito inteligente e muito gentil e...

Ela parou.

— E? — perguntou o duque.

— E a pessoa certa para ser... o vice-rei da Irlanda.

— Eu lhe disse que poderia ficar e cuidar de você!

— Estava brincando quando disse isso, eu sei — respondeu Una. — Mas não se preocupe. Eu ficarei bem.

— Como posso ter certeza disso? — perguntou o duque.

— Posso lhe escrever. Será mais fácil que o perder!

— Está contente em me perder?

— Não! Contente, não! — disse Una. — Será horrível quando partir... mas terei todas as recordações do que fizemos juntos... tudo o que me disse para lembrar.

— De minha parte, prefiro pensar em coisas melhores do que essas que já aconteceram — disse o duque.

Quis beijar Una, mas achou que era algo que não deveria fazer em uma carruagem aberta, com a presença do cocheiro e do criado. Ao invés disso, apertou seus ombros enquanto dizia:

— Chegue-se o mais perto que puder. Quero senti-la junto a mim.

Una virou-se e encostou a cabeça em seu ombro.

— Acho... realmente que estou com medo de ficar sozinha... Tenho dito a mim mesma que preciso enfrentar isso... Preciso cuidar de mim mesma... Mas não sei por onde começar!

Enquanto ela falava o duque começou a pensar que talvez pudesse levá-la com ele para a Inglaterra e instalá-la em uma casa com todo o conforto, onde se sentisse segura.

Talvez mais tarde, continuava pensando, pudesse levá-la para a Irlanda. Acharia alguma desculpa para isso.

Então, disse a si mesmo que, mesmo que ela concordasse em viver com ele sob essas condições, mais cedo ou mais tarde explodiria o escândalo.

A imprensa esmiuçava tudo e poderia não somente injuriar Una, como ferir a reputação dele mesmo e da Coroa britânica, que o havia indicado para o posto.

— Que diabos devo fazer? — perguntou-se o duque.

Achava que se não encontrasse uma resposta, de uma coisa tinha certeza: não deveria deixar Una!

O simples fato de tocá-la fazia com que seu sangue fervesse nas veias e tinha consciência de que seu desejo por ela crescia a cada momento e a cada segundo que passavam juntos.

Eu a quero!, queria gritar. Eu a quero de uma maneira incontrolável.

Mas sabia que deveria se aproximar dela com muita calma, caso contrário, provavelmente ela tentaria fugir, como fugira do jovem pintor, naquela tarde.

O duque, subitamente, teve a impressão de que as areias estavam se deixando levar pelas águas, de que o tempo corria rapidamente.

Sabia que queria e devia conquistar Una muito delicadamente e sentir que ela respondia a isso, como uma flor abre suas pétalas para o sol.

Não havia um impulso imoderado, feroso, no sentido físico. Isso, pensava ele, era muito mais sutil, muito mais atraente.

O duque sempre encarara o amor como um nome romântico para aquilo que não era senão uma união física entre duas pessoas que se atraíam.

Nunca mergulhara nas fantasias poéticas de seus contemporâneos e, à medida que envelhecia, ia se tornando mais frio na análise do que sentia pelas mulheres com as quais mantinha relações amorosas.

Embora muitas delas o excitassem, surpreendia-se sempre criticando suas falhas, seus defeitos e seus pequenos hábitos, os quais, mesmo no início

do romance, já achava irritantes.

Era extraordinário, mas, durante todo o tempo em que estivera com Una, não achara nada em sua natureza que não fosse delicioso. Nada do que ela dissera, achara estúpido ou fora de lugar.

A graça de seu corpo e a beleza de seu rosto tinham, pensava ele, algo espiritual, que nunca encontrara em outra mulher.

Mas, como ela o prendesse, não por causa de algo que dissera ou falara, mas simplesmente em razão dessa aura de pureza que a rodeava, ele sentia, mais do que nunca, que não poderia perdê-la.

— Dane-se a Irlanda! — disse em seu coração. — Encontrei algo muito mais importante para mim, pessoalmente!

Em razão da profundidade de seus pensamentos, continuara a passear em silêncio, até que Una soltou uma exclamação de alegria e levantou sua cabeça dos ombros do duque.

Ele notou que ela olhava para o Sena, prateado pela luz das estrelas, com suas pontes estendidas sobre ele, como pulseiras de pedras preciosas.

O duque observou sua silhueta e percebeu que ela o atraía cada vez mais, e se deu conta, de repente, de que estava irremediável e estupidamente apaixonado!

Não se lembrava de ter se sentido assim, em toda a sua vasta e variada carreira com as mulheres.

Como um mergulhador que procurara durante anos, no fundo do mar, por uma pérola perfeita, ele sentia agora uma alegria que o fazia sair fora de si e ansiar por essa maravilha.

— Esta é a verdadeira Paris — murmurou Una. — O que vimos ontem era somente sua imitação.

Era típico da parte dela, pensava o duque, dizer sempre a coisa certa.

Passearam por longo tempo e era como se não houvesse necessidade de falarem um com o outro; seus corações e suas almas conversavam sem palavras.

Somente quando chegaram ao Faubourg St. Honoré é que Una se mexeu e o duque retirou seu braço do ombro dela.

Às luzes das lâmpadas que brilhavam à entrada, o duque pôde ver a expressão em seu rosto e observou que parecia o de uma criança que estivera no País das Maravilhas.

Eles desceram da carruagem, atravessaram o vestíbulo e entraram no

salão, como se ambos soubessem o que cada um estava querendo.

Havia penumbra, e o belo salão parecia ser o ambiente ideal escolhido para Una.

A porta foi fechada após a passagem deles.

Ela permaneceu, por um momento, olhando para ele e, embora não se tivesse certeza de quem havia se movido, ela estava agora nos braços do duque e seu rosto próximo ao dele.

— Minha querida, minha adorada! — disse o duque e seus lábios se uniram aos dela.

Ele sentiu a maciez e a inocência dos lábios de Una e a beijou delicadamente, quase como se estivesse tocando uma flor.

Como já previra, notou que o corpo de Una, colado ao seu, tremia e achava que ela era, na verdade, uma borboleta que capturara e que poderia destruir, se não fosse suficientemente delicado.

Seu beijo tornou-se um pouco mais insistente, mas não ousado. O duque sentia, pela primeira vez, o gosto de um beijo ao mesmo tempo sagrado e apaixonado!

Levantou sua cabeça e Una disse, com voz trêmula e ofegante:

— Foi o fim perfeito para a mais perfeita e maravilhosa das noites!

Às últimas palavras sua voz parecia quase se quebrar. Então, para o total espanto do duque, antes que pudesse perceber o que estava acontecendo, ela atravessou o salão e o deixou sozinho.

Permaneceu, por um momento, com o coração palpitando de emoção. Tinha sido tudo maravilhoso, a não ser o fato de Una não ter entendido que ele gostaria de permanecer em sua companhia.

Queria amá-la e possuí-la, total e completamente.

Ela é tão inocente!, pensou. Preciso ser delicado. Não posso fazer as coisas de maneira apressada.

Atravessou o salão e serviu-se de um drinque; então, puxou uma das cortinas e ficou olhando para o jardim.

— Estou apaixonado! — disse para si mesmo o duque. — Apaixonado como nunca imaginei ser possível!

Agora percebia o quanto desejava Una, não apenas como sua amante, mas como sua esposa, sua companheira. Então riu, pelo absurdo dessa idéia.

Como duque de Wolstanton, pertencia a uma família muito antiga, e, em importância, somente abaixo da família real.

Como seria possível tomar como sua esposa a filha de um homem do povo? Seria difamar o nome da família. Trazer desgraça aos Stanton, que faziam parte da história da Inglaterra e que, ainda que procedessem bem ou mal em suas vidas privadas, se mantinham sempre dignos e orgulhosos em público.

— É impossível! — disse o duque em voz alta.

Tentou dizer a si mesmo que, uma vez que ela estava ali, no sentido físico da palavra, tudo iria correr bem.

Poderiam passar uma feliz temporada juntos e, quando ele a deixasse, ela teria dinheiro suficiente para o resto de sua vida.

Mas sabia que não era isso o que queria. Desejava algo muito diferente: alguma coisa que não poderia ser satisfeita pelo mero contato físico entre dois corpos.

Estava apaixonado e o amor era exatamente como os poetas descreviam, os pintores pintavam e os músicos compunham.

Parecia incrível que ele tivesse tido que esperar até quase os trinta e cinco anos para se sentir assim! E mais incrível ainda fora apaixonar-se em uma noite, quando estava somente procurando passar alegremente uma ou duas semanas na mais frívola cidade do mundo.

— O que farei? Deus do céu, o que farei? — perguntou o duque em voz alta.

Sentiu como se suas próprias perguntas ecoassem e voltassem até ele, sem nenhuma resposta.

Duas horas depois, o duque subiu para os seus aposentos.

A porta de comunicação com o quarto de Una estava apenas a alguns metros dele, ainda que soubesse que não poderia abri-la. Durante todo esse tempo em que estivera refletindo sobre seus sentimentos, chegara a uma conclusão muito importante: não poderia jamais seduzi-la e, depois, abandoná-la.

Seu amor era muito grande para que fizesse isso. Ele a queria, só Deus sabia como, e todo o seu ser clamava por aquela doçura!

Amanhã acharei uma solução satisfatória!, pensou, mas não devo tocá-la novamente! Se o fizer, nada conseguirá impedir-me de, amá-la e fazê-la minha!

Tudo o que havia de melhor no duque, e que estivera adormecido por anos de indolência e busca de prazer, estava desperto por esse amor que era

maior que o desejo, melhor e mais glorioso que qualquer necessidade física.

Desejava depositar aos pés de Una tudo o que houvesse de mais perfeito e maravilhoso para combinar com tudo o que ela personificava.

Mas entre o que pensava e o que sentia havia uma grande diferença. Em sua mente, seu amor era santificado, mas seu corpo implorava desesperadamente por ela.

— Pensei que amor significasse felicidade! — disse ele. — Mas este é agonia, tortura, crucificação!

Foi quando essas palavras pareciam sumir na escuridão da noite que ouviu a porta abrir-se atrás de si.

CAPÍTULO VII

Una havia deixado o salão em um êxtase indescritível.

Ao alcançar a calma de seus aposentos, pensou que, o que quer acontecesse no futuro, teria algo para recordar, algo tão precioso, tão perfeito que sabia ser impossível experimentar essa sensação novamente, por mais que vivesse.

Sabia, agora, que o que sentira pelo duque, desde o começo, era amor.

Desejara permanecer nos braços dele por muito mais tempo, mas sua intuição lhe havia dito que, se fizesse isso, seria muito difícil se separarem depois.

Compreendia que ele deveria cumprir sua tarefa, aceitando o posto de vice-rei que lhe fora oferecido.

Una era bastante inteligente para saber que seria impossível para ela tornar-se a esposa do vice-rei da Irlanda.

Ocupando esse cargo, ele iria representar a rainha, e Sua Majestade defendia tudo o que fosse convencional e respeitável. Isso, certamente, não incluía uma jovem sem dinheiro, sem destino e sem família.

— O que farei? Diga-me... mamãe, o que farei? — perguntou Una, angustiada.

Despiu-se e foi para a cama.

Ao fazer isso, perguntou-se por que não ficara com ele um pouco mais e, talvez assim, ele a tivesse beijado mais uma vez.

— Amanhã ele me deixará para voltar a Londres — imaginou ela. Escondeu seu rosto no travesseiro, pois sofria com o pensamento de separar-se dele.

— Eu o amo! Eu o amo! — murmurava continuamente.

Pensou que poderia permanecer acordada e escutar quando ele subisse as escadas e entrasse em seu quarto, próximo ao dela.

Sabia que havia uma porta de comunicação entre ambos os aposentos, mas isso não queria dizer nada, exceto que ele se encontrava próximo e, por causa disso, sentia-se segura.

Achava que, só em ouvir seus passos, sentiria como se novamente os braços dele a estivessem enlaçando e, assim, não precisava mais ter medo.

Deixou uma vela acesa ao lado de sua cama, e então começou a passar em revista mental tudo o que acontecera naquela noite: o jantar no *Grana Vefour*, as coisas que haviam dito um ao outro, o passeio na carruagem aberta, as luzes da praça da Concórdia, o brilho prateado do Sena...

Tudo tinha sido tão encantador que parecia um conto de fadas, mas este, sabia ela, não teria um final feliz.

— Irei rezar por ele toda a minha vida — prometeu ela. — Rezar para que ele ajude outras pessoas, assim como me ajudou, e para que os irlandeses sejam beneficiados por seu espírito brilhante e por seu coração generoso.

Pensando no duque acabou adormecendo, com a sensação de que tinha a cabeça pousada no ombro dele.

Subitamente, o barulho de uma porta se abrindo a despertou, sobressaltada!

Então ouviu uma voz grossa perguntar:

— Está... dormindo, bela senhorita?

Una arregalou os olhos.

Junto à porta aberta estava lorde Stanton; mesmo antes de olhar para ele, Una percebeu que estava embriagado, pela maneira como pronunciava as palavras.

Vira seu pai bêbado em muitas ocasiões, e isso a havia chocado e amedrontado. Mas era muito mais terrível encontrar lorde Stanton em seu quarto e notar aquele sorriso malicioso em seus lábios.

— Vim para lhe desejar boa-noite — disse ele — e para dar um beijo em uma das mulheres mais bonitas que já vi!

Una sentou-se na cama.

— Vá embora! — disse ela. — O senhor não tem o direito de entrar toa meu quarto!

Queria parecer firme e brava, mas, ao contrário, falava com a voz trêmula e entrecortada.

— Procurei por toda Paris — disse lorde Stanton, cambaleando — e não encontrei nenhuma mulher tão bonita quanto você!

Gaguejou ao dizer essas últimas palavras, e completou:

— Você pode compensar meu desapontamento, dando-me um beijo de boa-noite!

— Não! — exclamou Una.

Ele cambaleava em direção a ela, com as mãos estendidas.

— Não! — gritou ela, novamente.

Percebeu que ele não ouvia e que estava quase ao seu lado. Então, lembrou-se de que do outro lado do quarto ficava a porta que conduzia aos aposentos do duque.

Naquele momento, era como uma bóia para um náufrago, e, com um pequeno grito abafado, ao sentir o toque das mãos quentes de lorde Stanton, rastejou através da cama, em direção àquela porta.

Então, sem olhar para trás, correu e empurrou-a.

Era pesada, muito mais pesada do que podia imaginar, mas usou todas as suas forças para abri-la e, quando conseguiu, ouviu lorde Stanton gritar.

Quando cruzou a porta é que se deu conta de que não estava no quarto do duque, como esperava, mas em um espaço muito pequeno que, antigamente, deveria ter sido usado como toucador.

Havia uma janela sem cortina e, por meio da luz difusa que emanava dela, viu outra porta bem à sua frente.

Jogou-se contra ela. A porta abriu-se e Una entrou no quarto ao lado.

O duque voltou-se, atônito, ao perceber que a porta se abria e Una lançou-se contra ele, ofegante.

Por um momento, ela não conseguiu falar. Aliás, mal conseguia respirar e, quando o duque a enlaçou, Una grudou-se a ele convulsivamente.

— O que aconteceu? O que a perturbou? — perguntou o duque. Podia sentir o seu tremor através do linho fino de sua camisola e achou que era muita sorte ela ter vindo ao seu encontro, quando estava determinado a não ir até ela.

— O que aconteceu? — perguntou outra vez.

— Aquele homem... seu primo... ele me assustou!

— Assustou-a? Como fez isso? — perguntou asperamente o duque.

— Disse que queria me beijar — murmurou Una.

Escondeu sua face nos ombros do duque, novamente, sentindo que só assim estava segura.

— Isso é algo que não pode acontecer em minha casa! — exclamou raivosamente o duque.

Fez um movimento em direção à porta que Una deixara aberta, mas esta agarrou-se a ele, gritando:

— Não, não! Por favor... não me deixe! Não gostaria de causar uma briga aqui!

— E por que não? — perguntou duramente o duque. — É intolerável que um homem possa proceder dessa maneira!

Mas, ao falar, percebeu que, em parte, a culpa tinha sido sua. Deixara claro a Bertie Stanton que Una não significava nada em sua vida, e como estava sozinha na casa, o que mais ele poderia pensar, a não ser que era uma mulher perdida, sem quaisquer princípios morais?

Una estava certa. Seria um erro fazer uma cena.

Ele simplesmente puxou-a para perto de si, sabendo que ela decidira a questão que o estava atormentando há duas horas.

Ele a amava e não podia, quaisquer que fossem as conseqüências, deixá-la desprotegida e sozinha.

— Você está a salvo, minha querida — disse ele, delicadamente. — Ninguém irá maltratá-la mais.

Sentiu que sua tensão diminuía um pouco, mas Una ainda tremia quando levantou sua face.

Através de tênue luz colocada ao lado da cama, ela parecia tão encantadora que, por um momento, ele pôde apenas olhá-la, até que seus lábios delicadamente tocaram os dela.

Sua boca prendeu a de Una até sentir que ambos estavam flutuando sobre o mundo, em um encantamento indescritível!

Quando levantou sua cabeça, o duque olhou-a novamente e disse:

— Eu a amo, minha preciosa, e quero cuidar de você para que nunca mais sinta medo de nada e de ninguém!

A expressão de Una, ao ouvir isso, era de felicidade e preocupação ao mesmo tempo.

— Não entendo... você me havia dito que era impossível... que...

— Estou pedindo-lhe que se case comigo — disse o duque, muito calmamente. — E nada neste mundo é mais importante que torná-la minha esposa.

Una deu uma exclamação de pura felicidade.

Então, ele a beijou novamente, excitadamente, incandescentemente, até que a maciez de seus lábios respondessem aos dele; então, teve a certeza que Una o amava, de modo tão intenso quanto ele a ela.

Somente quando conseguiu falar é que Una disse:

— Eu... o amo! Eu o amo! E nunca pensei que conseguisse lhe dizer tal coisa!

— Eu a amo! — disse o duque. — E tenho intenção de lhe dizer isso um milhão de vezes, até o fim de nossas vidas!

— É verdade? Pode realmente me amar?

— Não conhecia o amor até este momento — disse o duque. — Agora o encontrei, quando encontrei você, e vi que é algo irresistivelmente maravilhoso!

Una deu um profundo suspiro e depois disse, hesitante:

— Talvez seja errado que me ame, errado para você, quero dizer.

O duque não disse nada e ela continuou:

— Seria conveniente que você se casasse com alguém nobre, especialmente se se tornar um vice-rei.

— Não vou me tornar um vice-rei — respondeu o duque. — Vou me casar com você, e seremos felizes juntos e nada mais nesse mundo tem importância.

Sentiu que Una se aprumava.

— Está querendo me dizer — perguntou ela — que, por se casar comigo, não poderá se tornar um vice-rei?

Havia medo em sua voz e, como o duque não queria alarmá-la, disse rapidamente:

— Não tenho desejo algum de me tornar um vice-rei. Quero levar uma vida comum e calma, e não quero nenhum outro posto, a não ser o de seu marido.

— Não está certo. Sei que não está certo para você. Você é muito inteligente... brilhante... e estava pensando, quando fui para a cama, no quanto seria capaz de ajudar os irlandeses!

— Esqueça os irlandeses! — disse o duque. — Só você me importa e eu a amo. E levará muito tempo, minha querida, para que possa lhe provar o quanto.

Queria beijá-la novamente, mas as mãos dela o empurraram um pouco.

— Não — disse ela. — Não! Não posso permitir que faça isso. Eu o amo, muitíssimo!

Una fez um movimento inesperado e livrou-se dos braços do duque, distanciando-se e se sentando ao lado da grande cama.

O duque não fez nada para impedir que ela se soltasse. Apenas a olhou com uma expressão terna, que nunca ninguém havia visto até então.

Em toda a sua vida nunca conhecera uma mulher que tivesse colocado os

interesses dele à frente dos próprios.

Ao se sentar para pensar, Una não teve idéia da linda imagem que compunha.

Em sua larga camisola branca, projetava-se contra as cortinas de seda carmesim que drapeavam a cama do duque. Ele a comparou a uma ninfa que tivesse saído de um conto de fadas, por demais etérea para ser humana.

— Preciso pensar — disse ela, como se estivesse falando para si mesma.

— Nisso é que está errada — respondeu o duque. — Deixe que seu marido pense em tudo. A única coisa que deve fazer, minha querida, é me amar.

Caminhou lentamente em direção a ela, e, quando Una voltou-se, ele disse, com a voz preocupada:

— Já pensou muito por hoje. Vá para a cama e amanhã eu resolverei todos os nossos problemas da maneira mais simples: vamos nos casar e você será minha adorada esposa!

Ela balançou sua cabeça e o duque disse, com um sorriso nos lábios:

— Devo fazer minha mulher me obedecer!

Ao falar, estendeu seus braços e levantou-a da cama, apertando-a contra si.

— Estou tentando pensar... no que é melhor para você! — murmurou Una.

Ele a apertou contra si e respondeu:

— O melhor para mim é receber um beijo seu!

Una ia responder quando o duque colou seus lábios em sua boca.

Então, ao ver que ela estava tão emocionada quanto ele, tornou-se difícil pensar em outra coisa que não fosse os dois. Durante alguns momentos, abandonaram o mundo à sua volta, deixando que verdadeiro êxtase tomasse conta deles.

Quando o duque conseguiu retornar à terra, disse:

— Minha querida, você precisa ir dormir. Eu a levarei de volta ao seu quarto.

Como se somente agora ela se lembrasse da razão que a tinha feito vir ao quarto dele, estremeceu. Então, o duque disse rapidamente:

— Ninguém mais aqui a amedrontará. Deixe as portas abertas para que eu a ouça, caso me chame.

Sorriu e, sem ironia, completou:

— Deveria ter se lembrado de trancar sua porta.

— Eu... nunca penso nisso — disse Una, com simplicidade. — Não permitiam que trancássemos nossas portas, no convento.

Ao ouvi-la, o duque pensou como podia ter duvidado de sua inocência e de sua pureza.

Ao tocar os cabelos de Una com os lábios, pensou que era o homem mais feliz do mundo, pois tinha aquilo que todos procuram em uma mulher e poucos encontram.

Curvou-se e a pegou nos braços.

— Teve muito com que se preocupar esta noite — disse ele. — Vou levá-la para a cama, minha querida, e quero que durma pensando somente em mim.

— Seria impossível fazer qualquer outra coisa — respondeu ela.

— Amanhã à noite estaremos juntos — disse ele, suavemente — e eu lhe falarei do meu amor e você do seu.

Enquanto falava, carregou-a através do toucador, entrando no quarto. Sentia que a maciez do seu corpo e a fragrância de seus cabelos produziam-lhe sensações que nunca conhecera antes.

Através da vela que ainda queimava ao lado da cama, Una viu que o quarto estava vazio e a porta fechada.

O duque a colocou entre os lençóis e puxou a coberta sobre ela. Então, sentou-se à sua frente e disse:

— Eu a amo! E quero que saiba, minha querida, que, embora não possamos ir para a Irlanda, fico contente em poder viver com você na Inglaterra, França ou qualquer outro lugar do mundo que você escolha.

Una estendeu os braços e colocou-os à volta do seu pescoço.

— Você é tão maravilhoso, tão inteligente! — disse ela. — Seria um desperdício que dedicasse todo seu tempo a mim! Mas, por favor, prometa-me uma coisa!

— O que é? — perguntou o duque.

— Deixe-me tentar ajudá-lo, nem que seja só um pouco no que tem a fazer. Não serei um incômodo, não me imporei a você.. Mas quero ser uma parte... uma parte verdadeira de sua vida.

O duque estreitou-a em seus braços.

— Você sempre será — disse ele — a parte de minha vida que realmente importa, a parte que é também parte de mim, porque, de agora em diante,

seremos duas pessoas em uma!

Ao falar, seus lábios encontraram os dela, e como ele tinha se emocionado muito com o que dissera, Una percebeu que aquele beijo era sagrado.

O duque a arrastava para dentro da luz que parecia envolver ambos em uma glória quase que ofuscante.

Isso era o amor, o amor que pulsava em seu corpo e em seu espírito. Um amor que, pensou ela, não poderia perder.

Os braços de Una puxaram o duque um pouco mais para perto e, quando seu beijo juntou-os em um êxtase, ela teve certeza de que nunca mais teria medo, ou solidão, em qualquer lugar do mundo!

O duque acordou e certificou-se de que nunca em sua vida havia se sentido tão feliz!

Sabia que tudo havia mudado, simplesmente com a entrada de Una em sua vida. Ela era o que ele sempre imaginara ser inatingível, o que permanecera sempre em forma de ideal, perfeito demais para ser concretizado.

Una preenchia nele algo que era tão intrinsecamente parte de seu próprio ser, que imaginava agora como podia ter existido sem ela.

Levantou-se da cama e caminhou até a porta aberta que ligava os dois aposentos.

Resistiu ao impulso de ir até ela, e despertá-la com um beijo.

Disse a si mesmo que ela precisava dormir, depois de todas aquelas experiências traumatizantes do dia anterior, e que devia pensar mais nela que em si.

Fechou a porta muito suavemente e depois chamou seu criado.

O sol brilhava nas árvores do jardim e ele pensou, ao olhar pela janela, que era exatamente o dia de casamento que sempre desejara.

Estava quase vestido quando bateram à sua porta; o criado foi abrir e o sr. Beaumont entrou.

O duque, que penteava seus cabelos com duas escovas de cabo de marfim, virou-se para ele, surpreso.

— Você madrugou, Beaumont! — remarcou ele. — Mas ia justamente chamá-lo!

— Dubucheron está aqui! — respondeu o sr. Beaumont. — E trouxe-lhe isto!

Atravessou o quarto, empunhando um exemplar do *Le Jour*. Um parágrafo ao pé da página tinha sido sublinhado. O duque apanhou o jornal e disse:

— Suponho que Dubucheron esteja procurando dinheiro! Dê-lhe logo mil libras!

— Mil libras? — exclamou o sr. Beaumont. — Mas é muito dinheiro, o senhor não acha?

O duque não respondeu e seu contador percebeu que ele não gostaria de discutir o assunto. Lia o jornal, lia, mais exatamente, o texto que dizia:

“UMA HERDEIRA PERDIDA”

O sr. Caulder e o sr. Stephens, sócios da conhecida firma de procuradores de Londres “Caulder, Stephens e Culthorpe”, chegaram a Paris ontem, para uma visita a Montmartre. No entanto, não estão interessados em ver as pinturas de nossos jovens artistas, que já atraíram a atenção do mundo das artes. Ao contrário, procuram por um artista, em particular, o qual, pensam eles, deve possuir um studio em Montmartre.

No mês passado, anunciou-se a morte inesperada de lorde Dorset, com a idade de cinqüenta e três anos. Era solteiro e os procuradores da herança buscaram, agora, seu irmão mais novo, sr. Julius Thoreau, que deve herdar não só o título, como também um grande patrimônio.

O irmão de lorde Dorset deixou a Inglaterra há dezenove anos, quando renunciou ao seu Regimento, a Guarda de Granadeiros, fugindo, na época, com a filha de sir Robert Marlow. Na ocasião, isso provocou um grande escândalo e seu pai, o Lorde Dorset antecessor, cortou todas as relações com seu filho, assim como sir Robert Marlow com sua filha.

Acredita-se que o sr. Julius Thoreau tenha continuado a pintar, já que possuía considerável talento.

Pode ter mudado de nome, mas os procuradores confiam na possibilidade de ele ainda viver em nosso país, devendo, pois, ser conhecido de seus colegas de Montmartre.

O duque leu a notícia até o fim e, depois, devolvendo o jornal ao sr. Beaumont, disse:

— Diga a Dubucheron que me traga o cavalheiro em questão amanhã cedo.

— Amanhã? — perguntou o sr. Beaumont.

— Estarei muito ocupado hoje — disse o duque — e você também.

O contador esperou, com uma expressão confusa nos olhos.

— Em primeiro lugar — disse o duque, arrumando suas escovas — quero que vá à Rue de la Paix e diga a dois ou mais dos melhores costureiros que venham até aqui e tragam os vestidos mais bonitos que tenham prontos, junto com os respectivos chapéus, sapatos, etc.

Os olhos do sr. Beaumont se arregalaram, mas este não falou nada, enquanto o duque prosseguia:

— Tendo feito isso, vá à Prefeitura e arranje para que meu casamento se realize ao meio-dia!

— Seu casamento?! — exclamou o sr. Beaumont. — Ao meio-dia?!

Agora a expressão de espanto em seu rosto era quase ridícula.

— Penso que o casamento civil seja obrigatório na França — disse o duque —, mas o completaremos com um serviço breve na igreja da Embaixada britânica.

Com dificuldade o sr. Beaumont conseguiu dizer:

— Devo cumprimentar Sua Graça! É, certamente, uma grande surpresa!

O duque sorriu-lhe, maliciosamente.

Sempre lhe agradara surpreender seu contador, e, desta vez, sem dúvida o conseguira.

Depositou suas escovas e virou-se.

— Rápido, Beaumont!

— Sim — disse o contador. — Tendo chegado à encruzilhada, o senhor certamente fez sua escolha, não?

— Acha que foi para a direita ou para a esquerda?

— Posso estar errado, mas penso que seguiu o que foi ditado por seu coração, e, assim, só pode ter sido uma escolha “direita”!

— Foi exatamente o que fiz! — disse o duque, rindo, feliz. O sr. Beaumont dirigiu-se para a porta.

— Darei seu recado a Dubucheron, Sua Graça, e partirei imediatamente para a Rue de la Paix.

— Precisarei de você como testemunha em meu casamento. E de ninguém mais!

— Sinto -me muito honrado! — murmurou Beaumont. Estava abrindo a porta quando o duque o interrompeu.

— Beaumont!

— Sim, Sua Graça!

O duque apanhou a carta que estava sobre a mesa.

— Se tiver algum tempo hoje, poderia redigir uma resposta ao primeiro-ministro?

Jogou a carta, que foi parar nos pés do sr. Beaumont, e, quando este se curvou para apanhá-la, o duque disse:

— Diga-lhe que ficarei muito honrado se ele apresentar meu nome a Sua Majestade, para o cargo de vice-rei da Irlanda. E que eu e minha esposa faremos o melhor de nós para esse país.

Havia um sorriso de gratificação no rosto do sr. Beaumont, quando deixou o quarto, levando a carta do primeiro-ministro em suas mãos, mas o duque não percebeu.

Ele havia caminhado até a janela, para olhar mais uma vez para o jardim ensolarado.

Sabia que o que lera no *Le Jour* iria simplificar tudo, não só para ele, como para Una. Era uma sorte muito grande que isso tivesse acontecido nesse momento tão particular.

Mas o duque, na verdade, só conseguia pensar em uma coisa: Una!

Sentia que, com ela, seria muito feliz, verdadeiramente feliz. Levaria uma vida calma, cuidando dela e protegendo-a de todos os perigos.

Mas sabia que ambos tinham capacidade suficiente para querer mais da vida. O desafio que os esperava na Irlanda era algo que poderiam encarar juntos e que iria preenchê-los e enriquecê-los.

Lembrou-se de como, na noite anterior, ela lhe pedira para que a deixasse participar um pouco das coisas que deveria fazer. E sabia, agora, que iria precisar, e muito, da sua ajuda.

Enquanto olhava para o jardim e via o sol faiscando seu brilho, desejou que sua vida também fosse assim: brilhante não só para eles, mas também para as pessoas a quem pudessem ajudar.

Fora Una quem mudara realmente sua vida, dando a ela um verdadeiro sentido. Ele a amava e desejava com tal intensidade, que tinha vontade de dizer-lhe isso a todo momento.

— Eu a amo! Deus, quanto a amo, minha querida! — disse ele, como se,

de fato, ela estivesse ali ao seu lado.

Então pela primeira vez em muitos anos, o duque fez uma prece.

— Obrigado, meu Deus, por ter colocado Una em meu caminho!

FIM

QUEM É BARBARA CARTLAND?

As histórias de amor de Barbara Cartland já venderam mais de cem milhões de livros em todo o mundo. Numa época em que, segundo a própria Barbara, a literatura dá muita importância aos aspectos mais superficiais do sexo, o público se deixou conquistar por suas heroínas puras e seus heróis cheios de nobres ideais. E ficou fascinado pela maneira como constrói suas tramas, em cenários que vão do esplendor do palácio da rainha Vitória às misteriosas vastidões das florestas tropicais ou das montanhas do Himalaia.

A precisão das reconstituições de época é outro dos atrativos dessa autora inglesa que, além de já ter escrito mais de trezentos livros, é também historiadora, teatróloga, conferencista e oradora política. Mas Barbara Cartland se interessa tanto pelos valores do passado quanto pelos problemas do seu tempo. Por isso, recebeu o título de Dama da Ordem de São João de Jerusalém, por sua luta em defesa de melhores condições de trabalho para as enfermeiras da Inglaterra, e é presidenta da Associação Nacional Britânica para a Saúde.



O PIRATA SEDUTOR

Chovia, o céu estava escuro, o mar turbulento, o cais todo molhado. Bertilla também tinha os olhos molhados por sentidas lágrimas... Sua mãe a obrigara a ir para Cingapura converter os selvagens caçadores de cabeças! Uma noite, quando o navio atravessava o estreito de Málaga, ouviu um grito desesperado: "Fogo! Fogo! Estamos afundando!" Sozinha, entre passageiros que corriam alucinados, Bertilla ficou imóvel, sem forças para correr até um barco salva-vidas. Fechou os olhos, esperando a morte, quando sentiu que estava sendo carregada por dois braços fortes e musculosos...